

Elust+

Tramas Diversas



ORGANIZAÇÃO
NIEVE MATOS

≡ MARE

Elust+

Tramas Diversas

ORGANIZAÇÃO
NIEVE MATOS

≡ MARÉ

Copyright 2024 © Nieve Matos

Projeto gráfico e diagramação
Gustavo Binda

Revisão
Patricia Galletto

Capa e Ilustrações
Alessandra Pin Ferraz

Fotos
Bru Negreiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E37 Elus+ : Tramas diversas / Organizado por Nieve Matos –
Vitória: Maré, 2024.
279 p. 21cm

ISBN: 978-65-86358-95-7

1. Teatro – Espírito Santo 2. Dramaturgia 3. Coletânea
I. Matos, Nieve (Organizadora) II. Coletivo Elas Tramam
III. Título

CDU 821.134.3(81)-2

IMPRESSO NO BRASIL | PRINTED IN BRAZIL |2024|

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Maré
editoramare.com | @mare.editora

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou manuscrita por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação sem a permissão da editora.

SUMÁRIO

5	APRESENTAÇÃO
7	ABDUÇÕES ANTIMATRIMONIAIS
32	CORPO CURATIVO
37	ELAS PLUS - A MEDIDA DO AMOR
53	EM NOME DO PROGRESSO
91	PARA UMA SOLUÇÃO, BASTA UMA OCASIÃO
128	PINTURA QUE FIZ & MAGIA QUE QUERO TER
198	PRA SE COMER EM CHAMAS
212	SALOMÉ DA VILA DAS ROSAS
247	TRANSPARENTE? OU INVISÍVEL?
256	A VISTA DE UM PONTO

APRESENTAÇÃO

por Thalia Peçanha

Acredito fielmente que uma das maiores forças da vida está no encontro. Do verbo encontrar. Achar. Mas uma das coisas mais deliciosas dos encontros está no conhecer, no acontecer com o outro. O Elus+, nossa mais nova coletânea, é uma celebração desse encontro, desse ato de se reunir, de tramar, de compartilhar e de existir em comunidade. E, ao mesmo tempo, é um registro do desencontro, das complexidades e das coisas que nos atravessam.

Mulheres, travestis, pessoas não-binárias. Todas as identidades que existem entre e além dessas palavras são o que formam o coletivo Elas Tramam. Desde 2017, tramamos juntas, quinzenalmente, em encontros que transbordam nossas experiências e dão vida a histórias que se encontram e se desencontram, mas que sempre voltam para o mesmo ponto: o coletivo.

Aqui, você vai encontrar dramas, desabafos, fantasias, abduções, histórias de amor, morte, identidade, corpo e dor. Porque somos muitas, e sabemos falar sobre tantas coisas. As tramas que você está prestes a ler

são parte dessa construção. Elas nascem da necessidade de existir e resistir em um mundo que muitas vezes nos quer silenciadas, invisibilizadas, apagadas. Mas como criaturas e criadoras, estamos aqui em coletânea para mostrar nossos dramas.

Cada uma de nós traz para essas páginas um pedaço de si, mas também um pedaço de todes que fazem parte desse projeto. Nossas vozes são múltiplas, nossas histórias são diversas, e é exatamente isso que faz do Elus+ algo tão potente. Porque é no coletivo que o eu encontra o nós, e foi no coletivo que tramamos esse livro inteirinho feito pelo exercício do encontro!

Aproveite a leitura.
Vamos tramar juntas?

NATI COUTO





Eu me chamo Nati Couto, sou formada em Geografia e há quase uma década ingressei em Artes Cênicas em Ouro Preto e larguei o curso no 2º semestre. O Coletivo Elas Tramam me fortalece nessa reaproximação (e redenção) com o teatro e com a dramaturgia. Esta é a segunda vez que teço minhas escrituras com minhas colegas. O processo, novamente, não foi fácil, mas estar em um grupo e sentir-me acolhido torna tudo menos pesado. A escrita da vez, uma comédia, foi uma tentativa de ir para o gênero que eu pensava ser mais fácil de compor, já que a ideia para o drama estava estagnada e eu tinha achado materiais da época da faculdade de Teatro, que foram devidamente reexplorados. Escrever comédia é difícil pra burro! Principalmente das boas, como as de grande referência escritas por Ariano Suassuna. A tentativa aqui nem de longe saiu como essa inspiração, mas conseguiu reunir algumas coisas interessantes que podem fazer quem lê dar um sorriso. Ou dois. Espero que a dramaturgia cause curiosidade e identificação. Provavelmente, quem é capixaba deve ter ouvido falar desse “causo” que aconteceu nos idos do carnaval de 2015 e vez ou outra volta para os holofotes.

ABDUÇÕES ANTIMATRIMONIAIS

Nati Couto

Personagens:

LETÍCIA – É advogada, trabalha em um escritório de advocacia na área de direito da família, mas está muito desapontada com sua carreira. É casada com Sérgio há 3 anos e está infeliz com o seu casamento, já que os sentimentos comuns são se sentir presa e limitada ou esquecida e não desejada. Tenta encontrar uma força corajosa dentro de si para seguir atrás de seus sonhos, mesmo nem sabendo quais são eles.

SÉRGIO – Diz-se cientista autodidata, acha-se um superintelectual e especialista e, por vezes, fala rebuscado e de forma prolixa. Quando não está superfissurado no trabalho como ufologista, é sufocantemente apaixonado por sua esposa, Letícia. Tem alguns projetos que trata como filhos e um deles é um rastreador de energia cósmica que ele insiste em dizer que vai ajudá-lo a identificar objetos voadores não identificados e também coisas tocadas por extraterrestres.

JULIANA – Colega de trabalho de Sérgio e interessada nele. Até se mostra interessada nas teorias de Sérgio, mas, na verdade, tem interesse na pessoa dele. No início, eles trabalhavam com física, e, aos poucos, Sérgio foi focando mais no ramo de Ufologia. Juliana o acompanhou, mas a verdade é que ela já está de saco cheio de tudo, porque nem os extraterrestres se

mostraram verdadeiros e nem Sérgio terminou o casamento e se declarou para ela. Precisa dar um rumo em sua vida o quanto antes, porque tudo está indo de mal a pior.

ESCRIVÃO ULISFLÁVIO – Sempre gostou de inventar e escrever histórias, e certamente sabe pelo menos uma de cada tema existente. Tentou por muitos anos a carreira de dramaturgo, mas não alcançou sucesso. Resolveu prestar concurso para escrivão da polícia, buscando mais estabilidade financeira, já que a carreira de dramaturgo só dá dinheiro depois que o autor morre. Sente-se, de certa forma, realizado, já que continua com o ato de escrever e é considerado o informante oficial da delegacia, sempre contando uma história que vazou de alguns casos, apesar de ser lembrado constantemente pelos colegas de que precisa manter a ética e a confidencialidade no trabalho.

INVESTIGADOR CALEGÁRIO – Acha o escrivão fofoqueiro, mas, na verdade, tem inveja por ele ser o responsável por escrever e saber todas as histórias de maneira detalhada. É frequentemente corrigido pelo escrivão sobre termos e acontecimentos que ele confunde. Acha-se o Sherlock Holmes, mas, na verdade, não faria muita coisa se não fosse sua equipe de trabalho, porém é claro que se gaba pelos créditos recebidos.

DELEGADA DANIELA DIAS – Em cena é representada por um suporte/pedestal de tela que mantém a delegada em uma videochamada com quem está nas salas de forma física. Constantemente ela tem que lembrar aos demais funcionários de, quando saírem de determinada sala, levá-la junto. Nunca a viram de forma presencial, ela ficou para sempre no formato virtual instaurado na pandemia e, desde que a legislação permite a presença dela dessa forma, é como ela comparece. Adora uma fofoca e casos para analisar também.

ENFERMEIRA – É funcionária do hospital onde Letícia está. Acha que a conhece de algum lugar e fica tentando adivinhar de onde.

CENA I

Há uma porta no meio do palco dividindo-o em duas cenas que acontecem concomitantemente. Do lado de fora da porta, temos Letícia tentando falar com Sérgio ao telefone, ligando, mandando mensagem, batendo porta que está no palco; do outro lado está o local de trabalho dele. No telão ao fundo do palco é projetada a tela do celular de Letícia, onde conseguimos visualizar as mensagens que ela envia para ele. Também aparecem as tentativas de ligações que ela fez buscando contatá-lo e a data e a hora do celular, de forma que podemos ver que já era tarde da noite de sexta-feira. Do lado da porta que representa o local de trabalho dele, no meio do palco, acontece a cena de Juliana e Sérgio no escritório; eles dividem uma mesa grande com computadores e estão sentados em duas cadeiras lado a lado. As mensagens de Letícia que aparecem no telão intercalam as falas de Sérgio e Juliana.

Sérgio – Ai, Juliana, não sei o que seria de minhas pesquisas sem você. É muito difícil encontrar pesquisadores sérios hoje em dia que aceitam ir além, abrir a mente e adentrar o campo da ufologia.

Juliana – Que isso, Sérgio. Eu fico feliz por ter atendido a esse chamado para fazer parte de algo superbacana (*dá um sorriso para ele e se aproxima mais*).

Mensagem de Letícia às 20:13 no telão: “Me atende!!!! Estou há horas te ligando!”

Sérgio – Não, é sério! Quero muito te agradecer. Nem sei onde você estava

todo esse tempo que não te encontrei antes!

Mensagem de Leticia às 20:15 no telão: “Onde você está, Sérgio? Eu estou aqui fora, abre a porta!”

Juliana – *(enrubescendo-se)* Mas agora eu estou bem aqui! Com você! *(pau-
sa enquanto se ajeita)* Quero dizer, com as pesquisas... e em pleno carnaval *(sorrindo)*.

*Mensagem de Leticia às 20:15 no telão: “Não acredito que você combinou
comigo de finalmente viajarmos no carnaval e não apareceu... fiquei na mão
de novo, né ?!”*

Sérgio – Para as pesquisas com extraterrestres sempre é um bom momen-
to. Ainda mais no feriado, todo mundo sai da cidade e ela fica quieta e
com menos luzes. É ótimo para observações, avistamentos de objetos não
identificados, contatos e... *(aproximando-se de Juliana)* abduções! *(os dois se
olham rindo e voltam para o trabalho no computador e nos papéis)*

*Mensagem de Leticia às 20:15 no telão: “Estou indo embora, já chega... me
deixa em paz!”*

*Música autoral “Me leva, disco voador”, com melodia criada com inteli-
gência artificial, tocará enquanto as imagens de ufologia e carnaval apa-
recem misturadas no telão. As luzes ficam piscando até o final da música,
após isso, blecaute.*

CENA II

A mesma porta da cena I continua no palco e agora ela irá representar uma sala privada na delegacia onde existem duas mesas com alguns materiais de escritório, computadores etc. e algumas cadeiras. Próximo a uma das mesas está sentado um homem e, de frente para ele, existem duas cadeiras vazias. À mesa ao lado está sentado outro homem, em frente a um computador. Sérgio e Juliana estão em pé conversando antes da porta, no que podemos chamar de corredor ou antessala.

Sérgio – Ai, ai, coitada da minha esposa (*levando a mão ao rosto*). Onde será que ela está? Se eu souber que alguém a machucou, eu nem sei o que eu sou capaz de fazer (*olhando para a plateia e levantando o dedo em riste*).

Juliana – Mantenha a calma, Sérgio, ela está bem. Diria que deve estar bem até demais... (*diz de um jeito curioso*)

Sérgio – Não... ela pode estar correndo perigo, sozinha... com frio e com medo...

Juliana – Você não pensa que ela simplesmente possa ter ido embora? Te abandonado? Mesmo sem dar nenhuma explicação, o que particularmente acho uma falta de respeito.

Sérgio – Claro que não. Você está ficando louca? Letícia me ama. E, quando ela aparecer, eu tenho certeza que vamos descobrir o que aconteceu. Se eu souber de alguém que tenha se aproveitado da minha Letícia, eu nem sei o que sou capaz de fazer...

Juliana – Agradecer a pessoa por ter aberto seus olhos para isso (*diz olhando para o lado, incrédula com a moleza de Sérgio*).

Sérgio – Não entendo aonde você quer chegar insinuando essas coisas, Juliana... não tô te entendendo... não tô...

Juliana – *(revirando os olhos e mudando de assunto)* Vamos logo falar com o delegado para ver se ele descobriu algo...

Sérgio – Sim, quero saber o que ele descobriu sobre o paradeiro de minha mulher. *(bate à porta da sala e entra, Juliana entra em seguida, deixando a porta aberta)* Bom dia, delegado. Descobriu algo sobre o paradeiro de minha mulher? Me diz que as equipes de busca já encontraram minha Letícia? *(fala de forma atropelada enquanto entra quase aos tropeços na sala)*

Do outro lado da sala, o inspetor e o escrivão são interrompidos enquanto conversam, mas não conseguimos ouvir o que dizem.

Inspetor Calegário – Bom dia, senhor Sérgio, eu sou o inspetor Calegário, a delegada Dias chega em alguns instantes.

Sérgio – Delegada? Na porta estava escrito Dr. Dias.

Inspetor Calegário – Sim, a delegada desta unidade se chama Dra. Daniella Dias.

Sérgio – E onde ela está? Preciso saber se encontraram minha Letícia... Cadê essa tal delegada? Já era para ela estar aqui.

Delegada Dias – Estou aqui *(a voz sai de um tablet enquanto um agente da polícia adentra pela porta com uma estrutura do tipo tripé/suporte que segura o aparelho em cuja tela está a imagem de uma mulher. Ele coloca o tablet no centro da sala e sai, fechando a porta)*. Eu sou a delegada Dias, Daniela Dias, prazer.

Sérgio e Juliana ficam boquiabertos com a situação, surpresos por, além de ser uma delegada mulher, ela não estar ali presencialmente.

Delegada Dias – *(percebendo a cara de confusos de Sérgio e Juliana, continua)* E, não senhor, ainda não encontramos sua esposa. Achamos o carro de vocês abandonado na BR 010 com suas malas que estavam lá dentro, mas as de sua esposa estavam faltando.

Sérgio – *(ao se recuperar do choque inicial)* Está vendo a gravidade da situação, doutor? *(ao olhar a cara feia da delegada, ele corrige)* Quer dizer, doutora... *(cara de sofrido)* Minha Letícia está correndo perigo.

Escrivão Ulisflávio – Só se for perigo de não chegar a tempo para a missa das cinzas *(interfere baixinho o escrivão, que está sentado à mesa atrás do computador)*.

Delegada Dias – *(a delegada olha de cara feia para o escrivão também, mas acredita que ele tenha falado baixo e ninguém mais ouviu)*. Por favor, sentem-se *(diz para Sérgio e Juliana, que eram os únicos em pé na sala. Eles se sentam no par de cadeiras à frente da mesa do inspetor)*. Quero que fiquem tranquilos. Tudo está sendo feito para que possamos encontrá-la.

Juliana – Eu estou supertranquila, delegada doutora Dias. Sei que daqui a pouco a Letícia deve aparecer... *(com desdém enquanto cutuca as cutículas da unha)*

Sérgio – Eu não... fico nervoso só de pensar que não estou fazendo nada para ajudá-la *(diz nervoso)*. Quando ela aparecer, eu serei um marido diferente *(muda a postura enquanto diz esperançoso)*.

Juliana – Diferente como? *(intervém desconfiada)*

Sérgio – Eu vou deixar ela participar de minhas pesquisas com extraterrestres. Eu estou excluindo muito ela da minha vida. Precisamos ter mais convívio... quem sabe ela não queira trabalhar comigo...

Juliana – Mas eu estou trabalhando com você, Sérgio, não tem necessidade de mais ninguém para nos atrapalhar *(inconformada)*. Digo, não precisa de mais ninguém para nos ajudar. Além do mais, são coisas confidenciais, segredos de Estado... esses assuntos não podem ser vazados.

Sérgio – Se minha Letícia quiser, ela poderá ter acesso a tudo, eu tenho extrema confiança nela, Juliana. Bom que eu consigo passar mais tempo com ela...

Antes de Juliana retrucar, o telefone de Sérgio toca e é Letícia ligando para ele.

Sérgio – Ahhh... Letícia, Letícia, aonde você... *(a voz falha)*

Escrivão Ulisflávio – ...vai com aquele mototaxista...

Juliana e o Inspetor Calegário riem enquanto a delegada repreende com o olhar, mais uma vez, o escrivão.

Sérgio – *(engole e consegue perguntar meio gago)* On-onde você está? *(pausa)* Como eu fiquei preocupado... *(pausa)* ... *(assente)*. Sim, estou indo, espere-me aí *(inflando-se)*.

Delegada Dias – Onde ela está?

Sérgio – Na BR! Sozinha! Acho que a deixaram no ponto onde a raptaram. Esses cretinos... eu... eu vou lá buscá-la (*diz levantando-se de supetão*).

Delegada Dias – Negativo, o inspetor Calegário vai com a equipe de busca até o local (*o inspetor já se levanta para sair*). Ela pode estar acompanhada de alguém que a forçou a ligar pedindo para você ir lá e pode complicar mais as coisas. É a polícia que continua responsável por isso.

Escrivão Ulisflávio – Eu vou com ele, para o caso dela falar alguma coisa, é necessário sabermos de tudo. Érr... quero dizer, é necessário o arquivo do depoimento conter todos os detalhes.

Antes de a delegada concordar, o escrivão se põe de pé e marcha atrás do inspetor, eles passam pela porta e a fecham. A cena do lado de dentro da porta é paralisada e apenas o movimento dos dois acontece. Eles conversam enquanto vão andando pelo palco para sair dele pela lateral, simulando que estão indo até o local onde Letícia está. O público consegue ouvir o que eles falam.

Inspetor Calegário – Não sei por que você está vindo comigo, Ulisflávio, você fica me seguindo igual cachorro com fome, parece até uma assombração.

Escrivão Ulisflávio – Se eu pudesse, ficava longe de você, Cagário feio da muléstia (*faz essa brincadeira com o sobrenome do inspetor, que é Calegário*).

Inspetor Calegário – Então, se você veio comigo, você é mais feio que eu, seu palerma!

Escrivão Ulisflávio – Anssa, é porque temos que descobrir o que aconte-

ceu, né, sua anta! *(gesticulando com as mãos)*

Inspetor Calegário – Sei... *(olhando desconfiado, ajeita a postura e muda de assunto)* Certo, como eu tava falando lá na sala antes deles chegarem, eu acho que ela pode mesmo ter sido sequestrada, mas sei lá... não tá tão óbvio assim... tem alguma peça que ainda não encaixa *(coçando o queixo pensativo)*.

Escrivão Ulisflávio – Num sei, não... eu aposto que ela foi curtir o carnaval mesmo, porque ela sumiu bem na sexta-feira. Não tem dia mais suspeito que sexta-feira, uma sexta de carnaval ainda, é difícil não pensar bobeira... *(conclui levantando os ombros e abrindo os braços)*

Inspetor Calegário – Pois eu aposto 50 conto que ela foi mesmo sequestrada e os caras estão lá com ela, vão pedir resgate, é certo! Tu vai continuar nessa opinião de que ela foi curtir o carnaval? Esse tempo todo? Tem certeza?

Escrivão Ulisflávio – Tenho... mas não absoluta... Mas vou apostar que foi, vou confiar nos meus instintos dramaturgicos.

Inspetor Calegário – Você não regula bem, não, fica com essas palermices de dramaturgo, já falei pra deixar isso de lado...

Escrivão Ulisflávio – Para de frescar e vamo logo pra viatura que tamo demorando demais nesse corredor infinito aqui. *(gesticula com a mão apontando para a lateral e para a frente do palco, que foi o caminho percorrido lentamente por eles, até se direcionarem à outra lateral para saírem pela coxia)*

Luzes se apagam aos poucos enquanto eles vão saindo pela lateral do palco. Blecaute.

CENA III

O mesmo cenário da cena anterior na delegacia volta com a composição dos personagens conforme seu encerramento. Letícia é trazida até essa sala pelo inspetor com o escrivão em seu encalço. Ela é trazida por eles e gesticula bastante, mas o público não consegue ouvir. Ao passar pela porta que representa a sala da delegacia, o silêncio é rompido e o diálogo se desenvolve.

Letícia – Me solta, me solta (*debatendo-se ao entrar pela porta*). Não estou entendendo como vocês souberam onde eu estava e por que vocês me trouxeram aqui. Cadê meu marido?

Sérgio – Estou aqui, minha querida. Ah, como eu fiquei preocupado com você (*diz abraçando-a fortemente*). Você sumiu por tanto tempo. Eu senti tanto sua falta. Para compensar, nós iremos ficar muito tempo juntos agora, não vou deixar você sair de perto de mim...

Letícia – Eu quero ir para casa, Sérgio. Preciso tomar um banho, descansar e nós temos que conversar. Não estou nada bem e esses policiais me pegaram de surpresa, está tudo uma confusão danada.

Juliana – Querida, se você está achando que vai simplesmente pra casa depois de todos ficarmos procurando por você durante quatro dias, você está enganada. Onde você estava, hein?

Sérgio – Não precisa falar assim com a Letícia, Juliana. Minha linda, ficamos realmente preocupados porque você podia estar correndo risco de morte.

Letícia – Mas eu estou bem, estou viva e estou aqui. E estou indo pra casa porque isso tudo está me perturbando.

Delegada Dias – Receio que não será assim, senhora. Você terá que dar

depoimentos. Contar-nos o que aconteceu, pois a polícia foi contatada, seu carro foi apreendido e precisamos investigar o que houve.

Escrivão Ulisflávio – Isso mesmo, todos estão curiosos para saber o que você andou aprontando. Digo, passando, o que você andou passando. Preciso saber de tudo para fazer o relatório.

Sérgio – Vocês não percebem? Minha amada não está bem, tem que descansar. Depois ela nos conta o que aconteceu. E, se foi alguém que fez isso com ela, pode deixar que eu mesmo me encarrego de dar um jeito.

Delegada Dias – Senhor Sérgio, o senhor tem que ser racional. Não pode se envolver nessas coisas, é a polícia que fica por conta disso. E, senhora Letícia, por favor, tem que prestar esclarecimentos antes de ir pra casa. É tranqüilo, só vai nos descrever como a senhora sumiu, quem fez isso...

Juliana – Você está falando por que ela quis sumir, né, delegado? Isso daí tudo foi armação, está na cara.

Letícia – Alto lá! Olha como você fala comigo. E, além do mais, o que você está fazendo aqui? Que eu me lembre, não sou sua amiga. Você veio só para ficar cercando o Sérgio, não é?!

Juliana – Eu até estava, mas agora estou vendo que você é uma picareta.

Sérgio – Juliana, como você tem coragem de falar isso com a minha Letícia? Ela passou por um trauma e só quer ficar em casa com a família e com muita atenção.

Juliana – Até parece, Sérgio, cai na real!

Letícia – Já chega! *(com voz de choro)* Eu estou farta disso. Sérgio, meu amor, eu quero ficar a sós com você. Acho que não estou muito bem, eu estou... *(desmaia e cai em cima de Sérgio)*

Juliana – Ah, não acredito, fazendo cena, Letícia!? (*indignando-se*)

Sérgio – Juliana, pelo amor de Deus, é melhor você ficar quieta se não puder ajudar...

Inspetor Calegário – Se acalmem todos, vamos levá-la para o hospital. Vou pegar uma viatura da polícia para chegarmos rápido.

Luzes se apagam aos poucos enquanto continua o burburinho na cena da delegacia. Blecaute.

CENA IV

Cena acontece no hospital, que também possui o espaço do quarto delimitado pela porta. Todas as personagens estão no quarto, dispostas em volta de uma cama de hospital, no centro do palco, com Letícia deitada nela. Há conversas casuais acontecendo de forma paralela em pequenos grupos, mas que não conseguimos ouvir. Letícia vai abrindo os olhos e acordando aos poucos.

Letícia – Onde estou? Que dor de cabeça terrível...

Sérgio – Você está no hospital, meu bem. Parece que seu nível de glicose está muito baixo.

Inspetor Calegário – Não se preocupe, senhora, não é nada sério. Aparentemente só tem que acabar de tomar esse soro, e estará boa novamente.

Letícia – Ah, que bom! Não vejo a hora de ir para minha casa.

Juliana – Acho que não, querida. Já que você deu uma descansada aqui

no hospital, já pode começar a contar tudo pra gente o que aconteceu. Tim-tim por tim-tim.

Letícia – O que essa mulher está fazendo aqui?

Sérgio – Ela também está preocupada com o que aconteceu, meu amor. Agora que você já descansou um pouco, será que consegue falar algo?

Delegada Dias – *(sendo carregada pelo escrivão, que posiciona o suporte do tablet mais próximo da cama de Letícia)* Você tem que nos contar se foi sequestrada por bandidos, porque precisamos ir atrás deles, você tem que fazer o retrato falado.

Escrivão Ulisfávio – Mas, se não foi sequestrada por bandidos, se só saiu por aí e caiu em algum lugar, também precisamos saber. E precisa ter bastantes detalhes! Para colocarmos no seu documento do processo, claro, tudo de forma profissional.

Letícia – Eu quero conversar a sós com o Sérgio primeiro e depois eu presto esclarecimentos à polícia.

Juliana – Ah, não, você não vai escapar dessa, vai falar onde você esteve todo esse tempo!

Sérgio – Já chega todo mundo! Saiam, por favor. Deixem-me falar com a minha mulher. Vocês só estão atrapalhando, não percebem? Deem-nos descanso.

Saem todos, permanecendo apenas Letícia e Sérgio no quarto de hospital. Os demais ficam atrás da porta, no que seria o corredor, e ficam imóveis, pois neste momento não estão em evidência na cena.

Sérgio – Minha amada, você não sabe o quanto eu senti sua falta. Até prometi que serei um marido mais presente (*aproximando-se de Letícia, que está na cama*). Deixarei você trabalhar comigo, te mostrarei minhas pesquisas. Assim, vamos ficar bem juntinhos e nada vai te acontecer novamente.

Letícia – Nossa, Sérgio! Fico lisonjeada por você deixar eu ver suas pesquisas, que você só compartilha com sua amiguinha Juliana (*fala ironicamente e depois muda a postura, ajeitando-se na cama*). Na verdade, eu estou assustada. Você já é possessivo o suficiente e ainda quer que eu fique mais ainda com você?

Sérgio – Desculpe, meu bem, não quero te sufocar. Mas percebi que podemos compartilhar mais coisas, fazer coisas juntos... pro nosso casamento nunca perder a alegria que tem (*fala enquanto coloca uma mecha de cabelo de Letícia atrás da orelha*).

Letícia – Alegria (*fala com desdém*)... certo. Então, Sérgio, já que temos que compartilhar as coisas, vou te contar o que aconteceu comigo nesse final de semana...

Sérgio – Não, querida. Conte-me quando você estiver melhor. Mas posso imaginar você em apuros e longe de mim. Senti muitas saudades, não é, meu amor?

Letícia – Não, Sérgio...

Sérgio – (*olha com uma cara triste ao perceber que a esposa não sentiu sua falta*)

Letícia – Não me olha assim... (*diz se ajeitando na cama*) O que quero dizer é que eu tenho que te contar logo, porque acho que não podemos falar para o delegado, eu não consigo me lembrar com clareza...

Sérgio – Então fale, meu amor. É claro que arrumaremos uma solução,

não se preocupe (*endireitando a postura e ficando atento*).

Letícia – Eu ainda estou um pouco atordoada, mas acho que não estou doida quanto a isso. Aconteceu realmente (*pausa*), bem, acho que sim...

Sérgio – Minha nossa, então quem te sequestrou não foram bandidos, foram pessoas comuns?

Letícia – Não, não foram.

Sérgio – Então foram umas malditas crianças arteiras? Vamos falar com os pais dessas pestinhas. Por isso detesto crianças e não quero ter filhos. É só perturbação...

Letícia – Ai, Sérgio, não viaja. Não, até parece que alguma criança teria força pra isso.

Sérgio – Então fale logo, até porque a última opção que restou foram animais te sequestrando e eu não imagino isso.

Letícia – (*revira os olhos e continua*) Eu não estou me recordando muito. Me lembro de algumas cenas (*fala de forma vaga abaixando a voz*). Eu me lembro de vozes... algumas luzes muito fortes de cor verde...

Sérgio – Você está me deixando preocupado, Letícia. Daqui a pouco sou eu que precisarei tomar soro.

Letícia – Parece que falavam em outra língua... era meio incompreensível, mas eu sabia que estavam rindo, e parece que comemorando... (*pausa*) era bem alto... ah, e tinha cheiro muito forte, tipo álcool 70%... e também era bem molhado, como se fosse suor...

Sérgio – Como assim? Do que você está falando, Letícia? Não está batendo... O que pode reunir vozes, luzes fortes, cores verdes, som alto incom-

preensível, cheiro forte?

Letícia – Não sei... só sei que tô me sentindo como uma laranja...

Sérgio – Só o bagaço?

Letícia – Não... chupada... *(relembra nostálgica)*

Sérgio – *(olha para ela de forma assustada e resolve mudar de assunto)* Vamos tentar outra abordagem pra ver se é mais efetiva. Vamos pensar se existia uma pessoa, na caracterização dessa pessoa. Era baixo, alto, loiro, moreno, careca, cabeludo...

Letícia – *(pensa um pouco e assente)* Agora que você está falando, estou me recordando... era loiro de cabelo até o ombro, olhos de um azul profundo... intenso *(fala passando a mão na nuca)*.

Sérgio – E o que ele falou com você, do que se lembra?

Letícia – *(de forma vaga, tentando recuperar lembranças)* Não lembro de nada que ele tenha falado... a menos que tenha falado e eu é que não tenha entendido. Ele impunha as mãos sobre mim, me fazia sentir calafrios... *(passa as mãos nos braços e se abraça)*

Sérgio – Tem certeza que não lembra de nenhuma palavra, Letícia? Não é possível... *(andando de forma impaciente)* Tente se recordar!

Letícia – *(pensativa)* Acho que lembro de uma palavra... não sei se isso é um nome, uma saudação, grito de guerra ou sei lá o quê... *(ri, depois recupera a postura e fala de forma séria)* Asthar Sheran. *(pausa, fica pensativa)* Sim... esse nome fica ecoando nas minhas memórias... *Asthar Sheran, Asthar Sheran...*

Sérgio – Não pode ser... foi ele quem te sequestrou? *(pergunta incrédulo)* En-

tão estamos diante de um caso paranormal! *(dá um salto e fala de um jeito mais baixo e preocupado)* Não podemos falar com o delegado de jeito nenhum!

Letícia – Eu não tenho certeza, Sérgio. Já te falei que só lembro de alguns elementos, talvez no passar dos dias eu lembre de mais coisas...

Sérgio – *(inicia um monólogo andando lentamente pela sala e ignorando Letícia)* Eu sabia, sabia que não estávamos sozinhos nesse universo. Era óbvio! Amor, eles devem ter te sequestrado porque sabem que eu estou à procura deles e, como forma de me parar, tentaram fazer mal a você. Eles falaram algo de mim pra você? Eles te machucaram para tentar me atingir?

Letícia – Não... *(diz vagamente e pensativa)* Não sei quem são “esses” de que você está falando... Pode me explicar o que você acha que entendeu, Sérgio?

Sérgio – *(não responde a pergunta de Letícia e continua)* Não podemos contar isso para ninguém. Ninguém pode saber... *(diz ainda em seu transe, andando em círculos, para e se vira para Letícia com os olhos grandes e brilhantes e uma cara travessa)* Mas você tem que confiar em mim. Contar-me os detalhes para eu acrescentar na minha pesquisa. Ahhhh, meu amor, tudo dará certo, eu serei reconhecido como um renomado ufologista e você será minha primeira-dama!

Letícia – Sérgio, eu não me lembro do que aconteceu, posso ter sido sequestrada e você só consegue pensar nisso? Você não muda, né? Sempre pensando em trabalho e esquecendo-se de mim, de outras coisas REAIS que existem à sua volta...

Sérgio – Desculpe, querida, mas isso é único, você não se deu conta disso? Podemos ajudar muitas pessoas. Posso até ganhar um prêmio SIFU... da Sociedade Internacional de Fidedignos Ufologistas, se eu avançar com minhas pesquisas *(anda novamente para o canto, absorto em seus pensamentos, e fala sozinho)*.

Letícia – Não, Sérgio, quem não se deu conta é você (*diz virando-se para o lado*). Só me faltava essa... Só se for um prêmio SIFUDEU (*fala sozinha e baixinho*).

O monólogo de Sérgio é interrompido quando uma enfermeira bate à porta do quarto e entra para avisar que Letícia já pode ser liberada. Ele deixa a porta entreaberta, de modo que quem está no corredor pode ouvir a conversa.

Enfermeira – (*aproximando-se após bater à porta e entrar*) Boa tarde, senhorita Letícia. Já vou retirar esta última bolsa de soro e já estará liberada para ir embora.

Letícia – (*recuperando-se de seus pensamentos*) Obrigada... não vejo a hora de sair daqui, ir para um lugar tranquilo...

Enfermeira – Imagino, meu bem... Hospital é sempre hospital... (*enquanto retira o acesso do soro do braço de Letícia e a olha*) Seu rosto me parece familiar, eu acho que te conheço de algum lugar...

Letícia – Você deve estar me confundindo com alguém, acontece com muita frequência. Tenho uma aparência comum (*enrubescendo-se um pouco*).

Enfermeira – Não, não sou de confundir as pessoas. Tenho uma ótima percepção e memória fotográfica, daqui a pouco lembro onde te vi.

Letícia – Deve ser do escritório em que eu trabalho, passam muitos clientes por lá para lidar com divórcio e questões familiares...

Enfermeira – Não, não foi nada relacionado a trabalho, nada formal. Acho que foi em uma festa que eu te vi. E foi recente...

Sérgio – *(ao ouvir a última frase da enfermeira, Sérgio sai de seu transe e se interpõe entre as duas)* A senhora deve estar confundindo ela com outra pessoa mesmo. Minha mulher não gosta de ir a festas, não sai para esses lugares. Ela gosta muito de ficar em casa, só mimando o maridinho dela aqui *(dá um sorriso galanteador para Leticia)*.

Leticia – *(revira os olhos e faz uma expressão de nojo)* Não saio porque você encrenca quando eu vou sozinha, né, Sérgio? Além do mais, é você que não gosta de festas, por isso não me acompanha...

Enfermeira – Não... algo me diz que foi isso, foi numa multidão, mas consegui reconhecer pelo seu rosto.

Sérgio – Você deve estar mesmo muito confusa, a minha esposa foi sequestrada, não estava em festa nenhuma... *(ajeita a gola da camisa e diz de forma profissional)* Quer dizer, ainda não sabemos se é um sequestro ou se ela apenas foi vítima de uma experiência com seres de outro planeta... ou universo *(diz triunfante)*, mas eu vou investigar e adicionar isso à minha tese, que você poderá ler futuramente, senhora enfermeira...

Leticia – *(revira os olhos e interrompe)* Ai, Sérgio, pare de falar tanto, minha cabeça está latejando e você com esse monólogo sem fim...

Enfermeira – Mas é claro! Agora me lembro perfeitamente *(diz de forma triunfal)*. Nem sei por que demorei tanto para lembrar de você, sendo que te vi sábado. Mas digamos que estávamos bem exaltadas no Bloco Área 51, hein. Que loucura foi aquilo, não é, menina?!

Leticia – *(olha para a enfermeira como se não estivesse entendendo nada, tenta falar e fecha a boca pois é interrompida por Sérgio)*

Sérgio – *(iniciando novamente sua palestrinha)* Como eu havia dito, minha

esposa passou por uma situação extraterrestre neste final de semana, não tem como ela estar em festa, ainda mais nesse bloco de nome suspeito aí que você falou... *(aproximando-se de Letícia)* E agora está aqui tomando soro e se recuperando dos traumas.

Enfermeira – *(virando-se para Sérgio)* Soro com glicose, né, pois nos exames dela foi constatado um alto nível de bebida alcoólica. *(muda a postura e vira-se para Letícia)* Aliás, no estado em que você estava, como conseguiu voltar de Conceição da Barra? Aquilo estava uma loucura sem fim... *(vai falando diminuindo o tom da voz ao perceber que Sérgio olha espantado para ela)* Sempre me perco e demoro dias pra voltar...

Todos que estavam no corredor entram no quarto de hospital, pois, com a porta aberta, ouviram tudo. Repetem “Conceição da Barra?” sem acreditar, com vozes de surpresa, indignação etc. Aqui poderá ser usado o artifício de a plateia que está assistindo ficar repetindo “Conceição da Barra”, criando uma onda de reações.

Delegada Dias – Conceição da Barra? Foi isso mesmo que eu ouvi? A conexão está ruim!

Inspetor Calegário – Conceição da Barra? Putz, perdi a aposta!

Escrivão Ulisflávio – Conceição da Barra? Amor de verão?

Juliana – Conceição da Barra! Eu sabia, sabia! Foi curtir o carnaval e ainda fica se fazendo de boa moça. Agora sua máscara caiu!

Sérgio – Conceição da Barra... *(repete várias vezes de forma vaga, só acompanhando o coro enquanto sua postura murcha e ele se senta na cadeira)*

Letícia – *(olha para todos de forma incrédula como se estivesse caindo a ficha do que aconteceu a cada vez que alguém repete “Conceição da Barra”. Sua feição passa de confusão para espanto e termina com negação)*

Enfermeira – Sim, Conceição da Barra! Gente, vocês têm algum problema com Conceição da Barra? Não estou entendendo por que essa repetição. E, olha, recomendo que passem um carnaval lá, vocês vão adorar. *(ao se dar conta dos olhares furiosos dos quatro voltados para ela, arruma uma desculpa, conserta a postura profissional)* Érr... *(limpando a garganta)* mas agora tenho que ir, pois tenho que atender outros pacientes. Desejo melhoras a você, Letícia *(olhando com piedade para ela e para a confusão instaurada na sala)*, e que tudo se resolva.

Sérgio – *(falando pausadamente)* Nada *(pausa)* disso *(pausa)* foi real? *(pausa)* Foi tudo... Conceição da Barra?

Enfermeira – *(sai cantarolando a música “Amor de Verão”)*

Enquanto a música vai aumentando, as luzes vão diminuindo. Fim da cena. Blecaute.

CORPO

UM
PROCESSO
DE CURA
CONTÍNUA

curativo



ABAYOMI QUEIROZ



Travesti periférica, multiartista e pesquisadora, com trajetória em dança e carnaval capixaba. Atua como bailarina na Descalços Cia de Artes e já coreografou escolas de samba. Sua carreira combina pesquisa e performance, explorando experiências corporais e sensibilidades artísticas.

A peça narra o processo de um corpo que está sempre se reinventando e buscando se conectar com a sua ancestralidade através das perspectivas vividas até os dias de hoje.

Fruto dessa energia traduzida em dores, medos, angústias, sofrimentos, anseios, gostos, dons, amores, formas de pensar, agir e sentir, jeitos e trejeitos cuja origem nem sequer sabemos. Quanto mais conhecermos a nossa ancestralidade, mais conheceremos a nós mesmos. Quanto mais conhecermos a nós mesmos, mais conheceremos a nossa ancestralidade. Quando nos propomos a curar nossa ancestralidade, estamos em verdade nos curando.

Quando nos propomos a curar nossa ancestralidade, estamos em verdade nos curando. Quando nos propomos a nos curar, estamos em verdade curando nossa ancestralidade e enviando amor e energia de cura transgeracionalidade a todas as nossas linhagens e gerações. O corpo como matéria de criação é a primeira coisa a se comunicar, sendo assim, esse corpo é aquilo que está à frente de qualquer impacto. O racismo impacta o corpo negro de formas violentas e punitivas, causando problemas patológicos e psíquicos cotidianamente. Nesse novo espaço brasileiro de colonização, continuam tramando armadilhas de adoecimento para esse corpo. As armas curativas que ele encontra na colonialidade são ancestrais. Através da terra e daquilo que existe nela, faz-se curativo.

CORPO CURATIVO – UM PROCESSO DE CURA CONTÍNUA

Abayomi Queiroz

CENA I – CORPO

Vozes. No breu ecoam palavras que não fazem bem, ecoam sussurros que vêm como pedra em direção a esse corpo e o acertam com tanta força... essas palavras que viram música para um corpo violentado, esse corpo que responde às violências através de seus movimentos corporais, um corpo que se move em defesa de sua vida e buscando sua cura.

Vozes – Que corpo feio (*sussurra cinco vezes*), que pessoa estranha (*sussurra cinco vezes. Falas ao mesmo tempo*).

Corpo – (*ao caminhar em círculo com as mãos nos ouvidos, esse corpo começa a correr sem parar, e as vozes vão ficando mais altas...*)

Vozes – Que corpo feio (*sussurra cinco vezes*), que pessoa estranha (*sussurra cinco vezes. Falas ao mesmo tempo*).

Corpo – (*com o cansaço e a exaustão, esse corpo cai no chão. barulho*)

Aos poucos, esse corpo vai se arrastando em direção à sua cura e à saída. As

vozes continuam.

Vozes – Que corpo feio (*sussurra cinco vezes*), que pessoa estranha (*sussurra cinco vezes. Falas ao mesmo tempo*).

Corpo – (*com persistência e força, esse corpo tenta passar pelas vozes, vozes que seguram seus pés e suas mãos*)

Corpo – (*o corpo, então, para e começa a se mover como se estivesse tirando as mãos das palavras, os pés das palavras e começa a dançar ao som de risos*)

Vozes – kkkkkkk... kkkkk... kkkkk... (*risos só param quando o corpo se ajoelha*)

Corpo – (*corpo se ajoelha de cabeça baixa*)

CENA II – ESPADA DE ÒGÚN

Ao ouvir uma voz que diz palavras de cura, o corpo começa a se levantar e a se limpar, olhando em direção a essa energia que o chama.

Espada de Ògún – O seu corpo é terra de Ogum, se faz espada, é vida.

Corpo – (*o corpo se move e pega as espadas de Ògún e começa a limpar suas feridas, lágrimas e traumas. A espada ajudará a cortar todo mal que entrar em seu caminho daqui pra frente*)

Vozes – Imunda... que isso, gente... troço feio... que puta... quem vai querer isso... vou jogar uma pedra em... isso é um veado...

Corpo – (*o corpo começa, então, a movimentar os braços como se estivesse cortando algo em seu caminho, cortando com giros, saltos, pisada forte e movimentos de guerra*)

CENA III – TERRA

A cena traz um corpo com feridas e cansado de lutar, um corpo que, aos poucos, vai se cansando até cair na terra. Ao suplicar, com movimentos de aterramento, esse corpo vai se tampando com a terra em busca de tentar não existir mais. Mas na terra se faz vida.

Corpo – *(esse corpo, ao se cansar de lutar, começa a dançar de joelhos em cima da terra, e começa a se aterrar através do silêncio e da penumbra que ali o cercam)*

Terra – *(terra é lançada a esse corpo aterrado, saindo de todos os lados e tentando apagá-lo)*

Corpo – *(com a terra lançada em sua direção, esse corpo começa a pegá-la com as mãos e logo faz desenhos de espirais e círculos contínuos usando a terra ao seu redor, deixando caminhos e símbolos)*

CENA IV – NÃO HÁ FIM

Cena traz símbolos e desenhos no chão, traçando caminhos sem fim, em que o corpo começa a sua jornada de cura novamente e, assim, vai repetindo todo o processo desde o início, quando começa a procurar a cura.

Corpo – *(esse corpo, ao terminar os desenhos com a terra, começa a correr e a buscar a sua cura novamente, partindo do início de tudo)*

O processo de cura nunca acaba, ele é contínuo.

Elas +

Elas+

written by
Dee
Dee

Elas plus

A medida do amor

Address
Phone
E-mail

Address
Phone
E-mail



Mulher lésbica de 54 anos, mãe, finalista em Serviço Social. Define a escrita como um alívio para o peso da vida. Como mulher gorda, reflete sobre preconceitos e o impacto da sociedade capitalista naqueles que fogem aos padrões. Sua dramaturgia explora amor e desejo fora das “caixinhas” impostas pela sociedade.

ELAS PLUS - A MEDIDA DO AMOR

Dee Reis

Personagens:

ESTÔMAGO – Fantoches narrado pela voz da atriz que interpreta Paula. É o narrador. Contará fatos, nomeará emoções e apontará a passagem do tempo.

ANTÔNIA – Companheira de Paula. Tem um corpo padrão, é uma mulher forte e cheia de opiniões e soluções, principalmente para a vida alheia. É um Google ambulante e especialista em quase tudo. Superficialmente. Tem certeza de que está sempre certa e é um pouco fútil. Fala e faz muito exercício, pois precisa se manter dentro do manequim 38. É empresária. Administra uma pequena confecção de roupas herdada dos pais.

PAULA – Atriz, palhaça, amante da vida. Saudável, inteligente e dona de um humor refinado. Prefere sempre estar feliz a ter razão, cede fácil, desculpa-se com facilidade e sinceridade. Doce, delicada, cuidadosa com as palavras. Teimosa e tihosa. Tem um quê de tristeza. Uma melancolia. Talvez por escolher quase sempre calar. É companheira de Antônia. Paula é uma mulher gorda.

ANA – Melhor amiga e confidente de Paula. Engraçada e desastrada. Sempre bate, esbarra, derruba. E se diverte com isso. Ana “engole” Antônia por amar a amiga.

CYNTHIA – Filha de Paula. Faladeira. Tem 5 anos.

CENA I

Cortinas fechadas. Uma única lanterna ilumina o boneco. Ele fala diretamente para a plateia.

Estômago – Boa noite a todes, todas e todos! Conseguem me reconhecer? Comprido e barrigudo! A moça aí já descobriu quem sou? E você? Para facilitar, acho melhor me apresentar formalmente: boa noite novamente, eu sou um estômago! Agora que já sabem quem eu sou, aposto que devem estar se perguntando: por que um bostinha sem importância como o estômago está narrando essa história? Por que não o senhor Mestre de Todos? Ou o romântico bombeador de sangue? Na verdade... Na verdade... Eu os tranquei. Eles queriam estar aqui. Mas, se é muito sobre mim... se eu que sempre levo a culpa e sofro as consequências, eu que devo contar tudo que passarei até o ‘viveram felizes para sempre’.

O Estômago gargalha. A luz dele se apaga. E a gargalhada continua a ecoar.

Estômago – Quando Paula e Antônia se encontraram em um bloco de carnaval, nem imaginaram que viria a Páscoa, viajariam para o Festival de Inverno, e que na primavera...

As cortinas se abrem. O cenário é o quarto de Antônia. Bem mobiliado. Funcional. Sério. É a primeira vez de Paula na casa de Antônia. As duas estão na

cama e namoram. Gastam tempo com olhares, beijos, cafunés. (esse namoro deve durar um tempinho)

Paula – Nunca imaginei seu quarto assim...

Antônia – Assim como?

Paula – *Clean*... Funcional... Bem diferente do meu.

Antônia – E isso é ruim?

Paula – Não disse isso. É diferente. Não vi um potinho... Uma lembrancinha brega de aniversário da sobrinha ou da vó. Nada pessoal exposto...

Antônia – Eu sempre fui prática. Se serve, eu guardo, se é bobagem, não tem espaço nas minhas coisas. Tudo precisa ter utilidade.

Paula – Às vezes, a utilidade é só nos arrancar um sorriso... Nos levar de volta para aquela festa, aquele momento... Dar um quentinho no coração...

Antônia – As memórias existem, meu bem... Não preciso de objeto.

Paula – Eu gosto... Guardo flor... Bilhete... Se for carta que chega pelo correio, vai pra uma caixa com naftalina pra traça nenhuma destruir.

Antônia – Carta? Carta de quem? Hein, mocinha?! *(enquanto pergunta sobre as cartas, Antônia começa a fazer cócegas em Paula, que ri e se contorce na cama)*

Antônia (cont'd) – Não quero saber da senhora guardando cartas de ninguém.

Paula – Então me escreva e coloque no correio!

Paula e Antônia se beijam e o foco vai se acender no Estômago. As cortinas se

fecham e deixam o casal namorar em paz.

[]

CENA II

Estômago na ponta do palco. Só ele está iluminado.

Estômago – Quando elas se conheceram, Antônia dava borboletas no estômago de Paula, e frios, e calores... E borboletas! Paula sorria besta só de olhar para o celular e ver mensagem nova. Elas viveram o início desse relacionamento como a maioria dos casais. Flerte - Encontros - Conversas - Vontade de mais - Medos - Namoro! Eu passei por maus bocados! Paula é insegura e ansiosa. O senhor cérebro cria as situações e eu que aguento: frio, gelo, borboleta, comida... Comida que eu nem peço! Quem quer se distrair é o moço lá de cima! Mas, senhoras e senhores, não é um casal lindo???

A luz do cenário se apaga.

CENA III

Esta cena acontece como um balé coreografado. Quando se abrem as cortinas, o palco está vazio e há apenas postes iluminando determinados pontos.

Paula vem caminhando de um lado para outro do palco e é surpreendida por Antônia, que sai da sombra e bem expressivamente a pede em casamento, ajoelhando-se e mostrando o anel. Paula acena com a cabeça que sim. E elas caminham de mãos dadas até o próximo poste de luz, onde estão pendurados dois

véus. Um bem discreto, curto, e o outro grande e de camadas, que elas vestem; dão os braços, dizem sim e se beijam. De frente para a plateia. Caminham até o próximo poste de luz, já bem perto da coxia, onde Paula pega uma mala na qual deve haver latinhas amarradas e estar escrito “recém-casadas”; Antônia coloca uma mochila nas costas, e as duas saem de cena.

CENA IV

Cenário é o quarto de Antônia. Em cima das mesas de cabeceira há porta-retratos, caixas decorativas. Parece menor. Arrumam as coisas de Paula no quarto.

Paula – Amor... Minhas coisas estão tão apertadas aqui... Precisamos de uma casa maior... Um quarto maior... Mais espaço pra guardar as coisas.

Antônia – Ou você fazer uma limpa... Precisava trazer tudo da sua casa pra cá?

Paula – Nem trouxe tudo. Joguei muita coisa fora. A Ana é testemunha!

Antônia – É que você guarda muita coisinha. E uma coisinha mais outra coisinha e mais outra coisinha vira tudo uma coisona! Sem contar que suas roupas ocupam muito mais espaço que as minhas...

Paula olha chocada para Antônia. Não havia percebido ainda esse amargor. Estava assustada como se sentiu atingida pelas palavras de Antônia.

Paula – Você nunca tinha percebido isso antes?

Antônia – Percebido o quê?

Paula – Deixa pra lá!

As duas seguem ajeitando as coisas no lugar e o nosso narrador.

CENA V

Paula está ajeitando a sala. Ajeita as almofadas, empurra as coisas para a parede, como se quisesse abrir espaço. Toca a campainha. Paula vai abrir a porta. Ana entra e elas se abraçam longamente.

Ana – Que saudade de você! Achei muito ruim ficar tão longe.

Paula – Amiga, eu casei!

Ana – E eu sei. Mas desde quando casar significa desaparecer das amigas? Você tá bem?

Paula – Claro que tô. *(Paula fala abaixando a cabeça. Ela está com os movimentos contidos e não convence Ana)*

Ana – Meu amor... Sou eu... Lembra? Eu... Aquela com quem você pode pensar em voz alta.

Paula – Eu sei... E é... Mas não sei nem o que estou pensando.

Ana – Vou perguntar de novo e vamos por etapas. Consegue colocar o dedo no início? Quando começou a se sentir assim?

Paula – Eu mudei? Estou diferente de 1 ano pra cá? Eu não vejo mudança...

Ana – Diferente como? Você noivou e casou... Agora é uma palhaça de respeito!

Paula – Estou uma palhaça triste e cheia de medo!

Ana – Explica do jeito que der, embolado, confuso...

Paula – Nada mudou. Mas tudo está diferente. Parece que, com o casamento, a Antônia está mais fria, mais dura... Sem filtro... Ela vem falando de coisas que nunca achei que falaria. Tem tomado decisões por mim. Desde coisas simples, como o que vou pedir de lanche, até quando vou ver meus amigos... Tem quanto tempo que não conseguimos nos ver?

Ana – Desde antes do casamento... Nunca mais conseguimos nos falar sozinhas.

Paula – Olha, são tantas coisas... Parece que ela está me controlando. Acredita que ela marcou consulta com o gastro?

Ana – Mas você está com algum problema de estômago?

Paula – Não, Ana! Estou gorda... Era pra falar de bariátrica. Imagina a minha cara quando o médico começou a me explicar e falar, e falar... *(Paula continua a falar e falar, e a luz muda para o palco do fantoche)*

Estômago – Senhoras e senhores, eis o sururu formado! A cirurgia bariátrica foi sugerida, ofertada... Não indicada por causa de problemas na saúde. Paula se vê numa situação vexatória. E começa, assim, a avaliar toda sua relação.

Será que vai ser bom? Será que estou sendo egoísta não desejando mudar? Paula tem crises de ansiedade... O cérebro manda sinais de alerta, dizendo que ela vai morrer... Ou que precisa comer... Ou manda muitas borboletas... Ou tudo de uma vez. Está uma loucura! Paula começa a pensar se existe algo bom que possa vir dessa cirurgia tão agressiva. Pensa se as

limitações vão parecer pequenas diante da possibilidade de carregar menos peso. Sem dores no joelho... Sem pressão alta... Sem diabetes...

CENA VI

Paula está sentada no sofá. Olha para o nada. Encara. Está inquieta.

Antônia entra no palco com sono e pijama. Olha para Paula com uma cara de quem está muito irritada.

Antônia – Vai passar a noite aí?

Paula – Já vou pra cama. Estava pensando aqui...

Antônia – Pensando em...

Paula – Sobre a bariátrica...

Antônia – E ainda precisa pensar sobre?

Paula – Claro, lógico e evidente! É uma decisão que vai mudar a minha vida toda.

Antônia – Mas vai mudar para melhor... muito melhor!

Paula – (*olha surpresa para Antônia*) Melhor? Vamos... Discorra sobre o tema.

Antônia – Ah, amor, imagina: você cheia de saúde, podendo subir e descer escadas, caminhando melhor, com o coração mais saudável, bonita...

Paula – E por acaso eu sou doente? Não faço tudo que todo mundo faz? Eu sou tão feia assim?

Antônia – (*animada*) Como assim? Olha, imagina você chegar em qual-

quer lugar e poder comprar e caber nos manequins normais. Você precisa entender que existem expectativas que precisamos atender.

Paula – Não acho...

Antônia – (*interrompendo Paula*) Sua vida vai mudar completamente, vai ser vista de outra forma. Presta atenção: você não vive reclamando que tem que ir em loja “especializada” em tamanhos grandes para comprar roupa, que não acha sutiã? Se emagrecer... se, não... quando... quando emagrecer, vai poder comprar onde quiser, vai entrar no restaurante sem chamar a atenção do povo...

Paula – Ser gente normal?

Antônia – Imagina, amor, você num biquíni espetacular, vendendo saúde! Podendo comer o que quiser, com cautela, claro! Sem medo da diabete e da pressão alta... Amor, você vai ficar tão linda!

Paula – Chega, Antônia... Chega!

Antônia – Mas Amor...

Paula – Não tem ‘mas’ nem meio ‘mas’! Me ouve: Você fica falando em saúde, em ficar bem, não te ocorre que estou bem... do jeito que sou? Não passa pela sua cabeça que eu sei cuidar da minha saúde? De onde tirou diabete, pressão alta? AVC, CBA, AABB, THC e o caralho?

Antônia – Eu não disse...

Paula – Disse, sim. Aliás, diz bem mais com essa atitude. Acha que não percebo essas suas atitudes indelicadas na rua? “Vai pedir sobremesa?” Pede sanduíche pra você e pergunta se vou querer a salada. Anda levemente na minha frente no shopping.

Antônia – Não diz isso, eu quero que você melhore... só penso no seu bem-estar.

Paula – Melhore? Ou prefere que eu me encaixe? Não tem ideia que percebo a sua dificuldade de me apresentar aos seus amigos? Quase se desculpendo... justificando todas as minhas qualidades?

Antônia – Aonde você quer chegar?

Paula – Quero chegar... não, eu sou. Eu sou... GORDA! Não é palavrão, nem xingamento! Meu corpo foi formado geneticamente pra ser assim!

Antônia vai murchando e ficando pequena.

Paula (cont'd) – Fazem roupas à exaustão, mas não podem fazer roupas grandes. Aliás, a cada dia que passa, criam manequins menores... já chamam de *plus size* 46 que não cabe em uma pessoa que usa 44. E são as pessoas que precisam se adaptar às coisas? Tá certo isso? Em nome de um padrão criado lá na puta que pariu?

Paula se cala e se fecha em si mesma, abraça uma almofada e a rechaça quando Antônia tenta tocá-la. As luzes se apagam lentamente e somente resiste acesa a luz do canto do palco.

Estômago – Enquanto cirurgias bariátricas são feitas a torto e a direito, muitas coisas seguem não sendo explicadas, ou ditas como se fossem simples efeitos colaterais que quase nunca acontecem. Muitas pessoas trocam a com-

pulsão pela comida por outras: abuso de álcool, de drogas recreativas, vício em sexo... O cabelo cai, problemas na absorção de nutrientes importantes, distorção na autoimagem. É preciso falar mais sobre o que vai acontecer com esse corpo depois da cirurgia. É preciso dizer que a vida não vai mudar drasticamente. Nosso casal ali não percebeu ainda, mas chegou a uma encruzilhada do relacionamento. Ou Paula cede e continua com o processo, ou Antônia se trata para conseguir se livrar desses preconceitos sobre pessoas gordas. Ou cada uma segue seu próprio processo rumo à felicidade.

CENA VII

O palco volta a estar vazio, com apenas postes iluminados. Antônia e Paula vêm caminhando juntas. Quando chegam ao primeiro poste, têm uma briga somente com gestos. Antônia volta para a coxia e Paula segue para o próximo poste. Ao chegar nele, ele se ilumina, Paula abre um cartaz que tem a explicação: “Roxo: menino” e “Laranja: menina”. Quando acende o bastão de fumaça de chá revelação da cor laranja, ela comemora e caminha até o próximo poste, coloca um barrigão e pega uma bolsa decorada com temas infantis. Caminha até o próximo poste e dá a mão a uma menina. E caminham de mãos dadas até saírem de cena.

CENA VIII

Estômago no centro do palco muito iluminado.

Estômago – Como podem ver, senhoras e senhores, Paula escolheu tentar levar a vida de forma mais saudável, e eu sigo aqui inteiro. Tem feito

terapia, e o senhor cérebro tem segurado a onda... Quase não manda borboletas, gelos, vontade de mastigar. Paula decidiu que não abriria mão da maternidade e se sente cheia de amor. Por ela e pela filha. Ainda procura pela companheira certa, do seu 'pra sempre'. E, enquanto isso, segue se divertindo com todas as outras.

As cortinas se abrem e revelam um cenário de uma praça totalmente iluminada como se fosse dia. Paula está sentada no banco e Cynthia chega com uma flor na mão.

Cynthia – Toma, mamãe. Eu não peguei ela... Tava caída e eu trouxe pra você.

Paula – Obrigada, lindeza! Flor a gente não arranca. Fico feliz de ver que você aprendeu!

Cynthia – Cadê a tia Ana?

Mal a pergunta foi feita e Ana chega e assusta Cynthia, que se vira e a abraça gostoso.

Cynthia (cont'd) – Titia! Eu tava com saudade!

Ana – E aí, minha pimplho favorita! Tudo bem ou tudo lindo?

Cynthia – Tá tudo bem lindo, tia! *(sai correndo pelo parque)*

Ana – Como foi a semana? Como foi o *date*?

Paula – Foi bom... Acho que vai vingar... Quarto encontro e me sinto

muito bem com ela. Falamos sobre qualquer assunto. E flui, sabe?

Ana – Que coisa boa... E Antônia? Tá se comportando?

Paula – Então... Se comporta, se passa, pede desculpas, faz tudo de novo... Continua sendo Antônia. Quem mudou fui eu. Ela não me atinge mais. Eu que mudei. Aprendi e não me incomodo com ela. E é uma boa mãe pra Cynthia. Só isso me interessa.

Ana – Não consigo imaginar relação amigável com Antônia.

Paula – Eu sei. Ela nunca se fez acessível. Ainda bem que reconheci. Tem gente que passa a vida confundindo abuso com amor cuidadoso.

Ana – Ainda bem.

Paula – Que bom que hoje podemos viver plenamente.

As luzes vão diminuindo e trocam para cores de pôr do sol, Cynthia chega correndo e as três olham para o horizonte. Até ficar breu total.

EM NOME DO **PROGRESSO**



LARA CARDOZO



Meu nome é Lara Cardozo, tenho 25 anos e, hora ou outra, preciso me lembrar de olhar o céu. Coisas gigantescas podem se tornar invisíveis se não lhes damos a devida atenção. Coisas incríveis como o céu, coisas absurdas como a guerra.

Em 2022, escrevi minha primeira dramaturgia junto ao núcleo – “Engasgos de uma antiga intimidade” –, e, no processo coletivo de construção literária, descobre-se aquilo que já se sabe: escrevemos com a nossa voz, e toda arte que criamos corre, primeiro, pelo nosso corpo. Assim, apresento-lhes essa história dizendo de onde venho, porque preciso lhes dizer de onde olho.

Barra do Riacho é a terra que nos germinou. Não se preocupe se não a conhece, ela é de todo parecida com qualquer outra vila que virou porto: os bares que não escondem seus prostíbulos, as dezenas de igrejas que surgem nas garagens das casas, os homens que vão e vêm do mar, as indústrias que

crescem aos montes nos limites do bairro, e nossos meninos, bem moços, que são rendidos ao tráfico que toma toda cidade que recebe grandes navios. Os pescadores já não exercem o título desde que a lama encontrou seu rio. Boa parte dos moradores são operários da grande fábrica. E a vida acontece, em nome do progresso.

Isso, leitoras e leitores pacientes, vocês encontrarão nessa realidade distópica que retrata o processo de industrialização em uma vila pesqueira. A dramaturgia aborda a rotina exaustiva dos trabalhadores em uma fábrica, salientando a repetição e a monotonia de suas vidas, a fim de questionar as narrativas dominantes. A peça evidencia os moldes em que são construídas as identidades dos personagens, cujas histórias pessoais se entrelaçam com os impactos ambientais e sociais da industrialização.

EM NOME DO PROGRESSO

Lara Cardozo

Cenário:

A ambientação deve transmitir uma sensação de monotonia e industrialização intensa. O espaço é cinza, metálico e funcional, refletindo a desumanização e a mecanização do trabalho. Máquinas ruidosas devem estar em constante operação. Todos usam macacões como uniforme.

Personagens:

MIDIÁ – Cerca de 20 anos. Nasceu e cresceu na sociedade como a conhece. Vive o melhor cenário, dado o passado obscuro que conheceu nos livros de história. Atua como veículo difusor da mídia do seu tempo. Não se queixa de passar o dia pintando peças.

PROFESSOR – Entre 55 e 60 anos. Não é homem, nem mulher. Como tantas coisas em sua vida, seu gênero não tem importância. É uma pessoa quieta. Carrega a apatia no rosto. Varre o chão sem expressão.

SEU ANTÔNIO – Cerca de 65 anos. Seus banhos de mar são histórias de pescador. Mergulhado em saudade, não acredita na história contada e se agarra às lembranças. Parafusa peças em movimentos contidos. Vê a vida pelo retrovisor.

DONA SUZANA – Quase 70 anos. Incorpora a resignação e o orgulho de quem encontrou no trabalho árduo uma forma de sobrevivência digna. Passa dia após dia soldando peças metálicas. Não sorri, mas se orgulha.

FILHO DE DONA SUZANA – Meia-idade. Questionador, deseja mudança. A ingenuidade da mãe foi realocada em seu corpo à vontade. Serra peças de metal com a determinação da sua raiva.

DONO DA EMPRESA – Imponente e autoritário, com a articulação que só quem tem tabo preso sabe ter. Movimenta-se com controle pelo palco, sua presença dominante sublinhada por um olhar frio e calculado.

OFICIAIS – Circulam pela cidade/empresa monitorando o comportamento das pessoas.

CENA I – O SOM DO PROGRESSO, A MARCHA DOS TRABALHADORES

O palco é dominado por uma imponente fábrica, com chaminés expelindo fumaça e máquinas ruidosas em operação. Os trabalhadores, uniformizados e com expressões vazias, movem-se em sincronia, como peças de uma engrenagem gigantesca. O cenário é cinza e opressivo, refletindo a monotonia e a rigidez da sociedade. Espalhados pelo palco, os trabalhadores operam seus trabalhos, fazendo os sons se misturarem uns aos outros até restar somente o barulho.

Midiã move seu pincel para cima e para baixo – Brush Brush –, para cima e para baixo – Brush –, molha-o na tinta e repete, para cima e para baixo – Brush Brush –, para cima e para baixo, sem parar. Passa a peça adiante depois de pintada, recebe outra e repete o movimento com o braço – Brush Brush – sem sair do lugar. Sua expressão é de uma criança com um livro de colorir.

Professor circula pelo palco varrendo para um lado e para outro – Swish Swish –, para um lado e para outro – Swish Swish –, num movimento contido e repetitivo – Swish – para um lado e para outro – Swish Swish. Seu rosto não possui nenhuma expressão, seus passos são como os de um dançarino que foi impedido de exercer a profissão. Está no corpo, a gente vê a tentativa vã de reviver passos que acontecem enquanto uma tentativa de fazê-los acontecer.

Seu Antônio tem um olhar guerreoso, uma esperança perdida, mas com a memória viva de sua força. Fica com a parafusadeira barulhenta – Brrrr Brrrr Brrrr. Faz poucos movimentos, apenas sustenta o braço no alto e aperta os parafusos um a um – Brrrr Brrrr Brrrr. Possui uma tristeza nos ombros, mas não deixa de sustentar sua ferramenta de trabalho nas mãos.

Dona Suzana, uma senhora, usa sua máscara de solda que lhe cobre todo o rosto, mas o corpo encurvado não nega seus quase 70 anos de quem foi mãe ainda menina. Ela solda uma peça na outra e a coloca ao seu lado – Bzzzzt Bzzzzt –, pega outras duas peças, solda uma na outra e a coloca ao seu lado – Bzzzzt Bzzzzt. Ela não para. Não reclamaria nem se pudesse. Quando se sente cansada, ergue a coluna e repete o movimento agora ereta.

O filho, um serralheiro de meia-idade, usa óculos de proteção que cobrem boa parte de seu rosto. Suas mãos calejadas e enluvadas seguram firmemente a serra elétrica, que emite seu som agudo e estridente – Zzzzzt Zzzzzt Zzzzzt.

O sinal toca. Eles largam suas ferramentas de trabalho e fazem uma fila, recebem suas marmitas e se direcionam ao centro do palco. Lá se sentam em caixotes de madeira, retiram as tampas de suas marmitas e começam a comer.

CENA II – RAÍZES DO CONHECIMENTO, PREPARANDO A NOVA GERAÇÃO

Em cena: Midiã, Professor, Dona Suzana e Seu Antônio.

Midiã está com o celular na mão, lendo uma notícia em um silêncio inquieto. Todos ao redor estão comendo, mas seus olhares se alternam entre uma colhe-rada e outra. Eles se olham entre si, voltam a comer, e novamente observam Midiã. Ela, imersa na leitura, já se esqueceu de sua refeição. De repente, levanta-se exaltada, rompendo o tenso silêncio.

Midiã – Tá vendo! E ainda tem gente que inventa história para descredibilizar as ações da empresa! Se as pessoas lessem mais... o país seria diferente.

As pessoas olham sem entender, mas estão acostumadas aos seus discursos e não parecem se importar muito; continuam comendo, exceto Dona Suzana.

Dona Suzana – O que foi, Midiã? Leu alguma coisa que possa nos interessar?

Midiã – *(com deboche)* Bem, isso eu não sei, Dona Suzana. Estou sempre lendo coisas interessantes, mas as pessoas preferem não se interessar pelo que realmente importa. Elas simplesmente não leem! É por isso que o país está como está.

Dona Suzana – Nem todos temos esses aparelhos ou somos estudiosos como você, Midiã. Mas não significa que não estejamos interessados. Conta pra gente!

Professor se esquece de mastigar, distraído com a fileira de formigas que não descansam e nem protestam. Seu Antônio mastiga e observa sereno, calado, com os ouvidos ativos.

Midiã – Tudo bem, Dona Suzana, você está certa! É que o jornal oficial acabou de compartilhar uma notícia do ano de 2015. Há mais de 50 anos, sobre o ocorrido com os mares e rios. *(animada)* Notícia do jornal oficial da época!!! *(sarcástica)* E ainda hoje tem gente inventando histórias sobre o assunto!

Seu Antônio para de comer e levanta a cabeça, agora interessado não somente com os ouvidos mas também com os olhos.

Dona Suzana – Pois então leia para nós!

Midiã fica resistente, ainda nem comeu. Olha para o relógio pendurado e para sua marmitta, e então para os outros e para o aparelho na mão.

Seu Antônio – Vamos, Midiã! A gente não tem todo o tempo do mundo pra ouvir essa historinha.

Midiã, então, olha determinadamente para todos, posicionando-se na frente do palco e encarando o horizonte. As luzes do palco se apagam; em seguida, um feixe de luz ilumina Midiã. Atores emergem das sombras, colocando um microfone em sua mão, vestindo-lhe uma saia, óculos e um par de saltos, além

de posicionarem uma câmera diante dela. Midiã começa a falar para a câmera através do microfone, que faz sua voz soar chiada como numa gravação.

Manchete

Midiã repórter – “Caos no litoral: Mares e rios infectados causam mortes misteriosas, empresa local age para proteger a população.”

Música de suspense. O holofote acende num corpo estirado. Depois outro holofote, outro corpo estirado. Outro holofote, uma mesa, uma mulher morta fazendo do seu prato de comida um travesseiro. Outro holofote, crianças com roupas de brincar no rio boiando no chão do palco. Outro holofote, um jovem sobre a maca. Vinheta de jornal, luzes se apagam, exceto de Midiã, que continua.

Corpo da notícia

Midiã repórter – (*trilha sonora de reportagem dramática*) Uma série de tragédias assolou as praias e os rios da cidade portuária nos últimos meses, deixando a comunidade em estado de choque e alarme. Relatos de mortes misteriosas e inexplicáveis têm se multiplicado, enquanto autoridades e especialistas lutam para encontrar uma explicação para o que está acontecendo.

Testemunhas relatam cenas de horror nas margens do mar, onde corpos sem vida são encontrados todos os dias. As vítimas, em sua maioria jovens e saudáveis, foram encontradas boiando nas águas, com sinais alarmantes de uma doença desconhecida que tem deixado médicos perplexos.

Um holofote surge próximo à repórter, destacando uma mulher para ser entrevistada. A repórter direciona o microfone para a testemunha; o holofote da repórter se apaga, deixando apenas a entrevistada e o microfone em destaque.

Entrevistada – Foi uma tragédia! A gente que vive aqui na beira do rio tem até uma vida tranquila. Tem os meninos que mexem com as coisas erradas deles, de vez em quando aparece um ou outro enterrado aqui na areia da praia e a gente toma um susto quando ouve a notícia. Mas ninguém fica com medo, não, porque aqui só morre quem tá envolvido com coisa errada mesmo e isso todo mundo sabe. Mas aí, num dia eu tô fazendo almoço e chega o meu menino desesperado dizendo que o pai tava morto, que a gente toda tava lá na praia pra ver. *(uma criança que não aparece na luz fica puxando o braço da entrevistada, que continua)* Eu falei pro meu menino se acalmar, me explicar o que tava havendo, mas ele é só um menino. Só deu tempo de desligar o fogo e ser arrastada por ele até a praia *(som de ondas que se dissipa aos poucos)*. Logo na areia já vi um montueiro de gente e corri pra ver. *(mulher se emociona, toma um tempo e tenta se recompor. A partir de agora, fala embargada)* Saí empurrando toda a gente e vi meu homem lá, estirado na areia. Tinha uma cesta de peixes, mas a miséria que põe deus em nossos corações é a mesma que tira. Levaram nossos peixes.

Holofote da entrevistada apaga e acende o holofote na repórter novamente, que continua.

Midiá repórter – Os pescadores da região e seus familiares têm apresentado sintomas de infecção após ingerirem os peixes do rio. Os profissionais das uni-

dades de saúde, por não saberem do que se trata, não sabem dar o tratamento correto e dezenas de famílias já morreram de, até então, causa desconhecida.

Em meio ao caos, surge uma teoria perturbadora (*som de suspense*): os mares, outrora uma fonte de vida e recreação, e os rios, outrora uma fonte de renda e alimentação, tornaram-se perigosos e mortais devido a uma contaminação tóxica de origem desconhecida. A população, até então ignorante dos perigos que enfrentava, teme pela própria segurança e exige respostas urgentes das autoridades.

O holofote da repórter se apaga; em seguida, o holofote ao lado agora ilumina uma figura pública, com autoridade, e um microfone estendido em sua direção.

Autoridade pública – Quero tranquilizar a todos e dizer que estamos trabalhando incansavelmente para resolver a situação das águas. Todas as nossas equipes estão mobilizadas, investigando a origem desse problema, e nossos cientistas estão realizando análises detalhadas para identificar as causas dessa contaminação. No entanto, é crucial que a população evite o contato com essas águas até que tenhamos mais informações e garantias de segurança. A saúde e o bem-estar de nossa comunidade são nossa prioridade máxima, e vamos continuar atualizando a todos sobre o andamento das investigações e as medidas que estamos tomando para resolver essa questão o mais rápido possível.

Holofote da autoridade se apaga e acende o holofote na repórter novamente, que continua.

Midiã repórter – No entanto, em uma reviravolta surpreendente, a empresa local apresentou uma explicação inesperada para a crise que assola a cidade. De acordo com porta-vozes da empresa, a contaminação dos mares e rios da região foi causada devido à liberação de resíduos químicos da empresa concorrente. Esses resíduos se aderem aos tecidos dos peixes, que, ao comerem outros peixes, tornaram-se também tóxicos, representando uma séria ameaça à saúde pública. Em um ato de coragem e determinação, a empresa tomou a decisão drástica de derrubar lama nos rios, sacrificando temporariamente o ecossistema local, a fim de conter a propagação dos peixes venenosos e proteger a população.

Holofote da repórter se apaga, holofote sobre um responsável pela empresa local se acende.

Representante da empresa – Nossa equipe identificou uma preocupante contaminação próxima à nossa área de operações marítimas. Essa contaminação representava um sério risco ambiental para a vida marinha e para as comunidades costeiras que dependem desse ecossistema. Diante dessa situação, agimos com prontidão e responsabilidade. Decidimos implementar uma medida emergencial para conter e minimizar os efeitos dessa contaminação. Para isso, aplicamos uma técnica controlada de deposição de material inerte no fundo do oceano, com o objetivo de encapsular e neutralizar os resíduos tóxicos. Entendemos as preocupações da comunidade e as críticas recebidas. Quero assegurar a todos que essa ação foi realizada sob estritos protocolos ambientais e com o acompanhamento de

especialistas. Nossa prioridade sempre foi e continua sendo a preservação e a sustentabilidade dos recursos naturais que todos nós compartilhamos e a segurança da comunidade que depende desses recursos para sobrevivência.

Holofote do representante se apaga e acende o holofote na repórter novamente, que continua.

Midiã repórter – Apesar das críticas e da controvérsia que cercam essa medida extrema, a empresa insiste que agiu no melhor interesse da comunidade e está comprometida em trabalhar em conjunto com as autoridades para encontrar soluções de longo prazo para a crise ambiental em curso. Enquanto isso, os moradores permanecem em estado de alerta, temendo o desconhecido e aguardando ansiosamente por respostas claras e definitivas para esse pesadelo que assola suas vidas.

O holofote da repórter se apaga, deixando o palco escuro.

Seu Antônio – *(com voz exaltada)* Que baboseira!!! Inventaram tudo! São atores! Todos atores! Inventaram tudo!

As luzes do palco se acendem. Midiã deixa de ser repórter e volta a ser uma pintora em horário de almoço rolando o feed de notícias. Finalmente se senta no caixote e come sua marmita. Todos comem.

CENA III – À DERIVA, PELOS MARES DA MEMÓRIA

Atores se levantam, sem expressões, enfileiram-se lado a lado e em coro cantam.

Coro – Os senhores cercaram o mar

Não posso nadar, nem peixe comer.

Os dias de pescador não vão voltar

E somente histórias eu vou trazer.

Atores retornam aos seus personagens iniciais, sentam-se no caixote, pegam suas marmitas e retornam ao diálogo.

Dona Suzana – É, eu me lembro quando tudo isso aconteceu, ficamos todos desesperados. Boa parte da vila dependia dos rios, mas também não era todo mundo. Se fosse, não teria tanta puta, tanto nóia, tanta fome. E nós que não sabíamos o que fazer, nem antes e nem depois da tragédia, fomos acolhidos pela empresa. Ninguém morreu de fome de lá pra cá.

Seu Antônio – Quem não morre de fome, morre de desgosto! Ou fica por aí varrendo chão com essa cara mole (*inclinando a cabeça para professor, que nada diz, nem se ofende*).

Dona Suzana – Não seja tolo, Seu Antônio. Quem não consegue encontrar a felicidade aqui não a encontrará em outro lugar. Você sabe das histórias que ouvimos do mundo lá fora. (*inclinando a cabeça para professor*) E

essa moleza aí é falta de espírito, é preguiça! Se estivessem passando fome, iam saber o que é tristeza de verdade. Isso que vocês sentem é frescura.

Seu Antônio – A senhora não se lembra como a vida podia ser boa, Dona Suzana?

Dona Suzana – Pra mim nunca foi. Você não tinha duas bocas para alimentar.

Seu Antônio – A minha família toda vivia dos peixes que eu e meu pai trazíamos do mar.

Midiã – O importante aqui é sabermos que a empresa agiu pelo nosso bem, enquanto os políticos não fizeram nada.

Seu Antônio – Não fizeram nada? Nós só estamos nessa situação porque eles permitiram! Estão todos do mesmo lado. Contra nós. Contra toda a natureza, em nome do progresso.

Professor – “Eles criam o problema para venderem a solução.”

Midiã a olha intrigada.

Midiã – Você também encontrou essa frase, Professor? Eu vi um dia desses escrito em uma de nossas mesas. Quem será que está propagando isso? É crime pagar de escritor por aí.

Professor – Vi na mesma mesa.

Dona Suzana – Quem será o filho da p...

Nesse momento, um fiscal que está fazendo a ronda percebe a exaltação, bate palma e interrompe a fala de Dona Suzana.

Fiscal – Que conversa fiada é essa? O tempo de vocês está passando. Se já terminaram de comer, já podem voltar ao trabalho, não é? Parem já com essa conversa mole. A comida está esfriando.

Todos voltam a comer em silêncio. O silêncio se estende e Midiã volta o olhar a Seu Antônio.

Midiã – Tá, Seu Antônio. Eu entendo que o senhor gostava do passado. Mas a tragédia aconteceu. E foi a empresa que trouxe as oportunidades a partir daí.

Seu Antônio – Você não entende, menina. Eles criaram a tragédia. Seja lá quem escreveu na mesa, está certo! A lama é merda de rico.

Midiã olha todos em volta e faz um movimento com a cabeça de um lado para outro em reprovação.

Seu Antônio – Olha, Midiã, eu imagino que pra você as histórias daquela época pareçam loucuras, mas pra mim é isso aqui que parece!

Midiã – Eu acho que o senhor não está percebendo os fatos com clareza.

Seu Antônio – Menina, você só sabe o que te contam.

Midiã – *(com um certo deboche, movimentando o corpo e cruzando os braços com aquela cara de sabichona que ela carrega pra todo canto que vai)* Pois então me conte, Seu Antônio!! Mas vai depressa, porque não temos a tarde toda!

Seu Antônio – Pois, se você quer saber, é melhor se ajeitar no tempo que tem. Eu me lembro quando eu e meu pai navegávamos pelas águas cristalinas desses rios, antes da empresa transformar tudo em lama. *(olhando de lado e com a saudade extasiada)* Era uma vida boa, cheia de aventuras e sabor do mar! Olha, minha memória já não é mais a mesma, mas as lembranças de quando eu pescava com meu pai são como ouro na minha cabeça. Os peixes eram abundantes, nadavam pelos nossos rios como se nos conhecessem de longa data. E meu pai era o mestre da pescaria, conhecia cada canto do rio e o curso dos peixes.

Dona Suzana – *(com desdém)* Ih, lá vem ele com suas histórias de pescador...

Os personagens viajam no tempo e passam a fazer parte da memória. Dona Suzana começa a montar uma churrasqueira improvisada com lajotas e grade, ao lado monta uma mesa. Sobre a grade há um peixe dividido em duas bandas. Dona Suzana corta os temperos e capricha no sal sobre o peixe, girando-o para um lado e para o outro. Professor está na lateral do palco, puxa uma rede e começa o seu trabalho de retirar as algas agarradas nela. Midiã circula curiosa entre as atividades, ela ainda está presa em seu tempo, é visitante da memória. Seu Antônio começa a bater bruscamente o peixe sobre a tábua. Pá! Pá! Bate de um lado, bate de outro. Segura a peixeira com destreza e raspa o peixe fazendo voar escamas por toda parte. Scratch, scratch, scratch! Há uma bacia ao lado cheia deles, e, sob o som da raspagem e das batidas, Seu Antônio começa mais uma história.

Antônio memória – *(pá! Scratch, scratch. Pá! Scratch)* Minha gente, que saudade do senhor meu pai! Lembro que a gente saía bem cedinho, ainda noite. O vento trazia o cheiro do mar, prometendo uma boa pescaria! Ah, vocês não acreditariam nos peixes que a gente pegava! Uns bichos enormes, capazes de arrastar o barco pra todo lado! Lembro de uma vez, numa dessas madrugadas escuras, quando fisguei um peixe tão grande que o barco quase virou! Eu segurava a linha com força, enquanto meu pai gritava as instruções. *(Seu Antônio encena os movimentos, tornando longo o processo de limpeza dos peixes)* Lutei com ele por uns bons minutos, e ele até pulava pra fora d'água, como que tentando se exhibir. *(pá! Scratch, scratch)* Mas, no fim das contas, consegui trazê-lo pra dentro do barco dum jeito que até o senhor meu pai ficou surpreso! Rendeu uma bela refeição pra todo mundo aquele dia!

Barulho de mar: shhh... whoosh... shhh... whoosh.

Antônio memória – A praia é um lugar de tanta felicidade, não é? Com as crianças correndo e brincando na areia enquanto os pais ajeitam as redes de pesca ou consertam os barcos. *(pá! Scratch, scratch)* O cheiro de peixe fresco, a brisa salgada do mar e o som das ondas como música para os nossos ouvidos. *(shhh... whoosh... shhh... whoosh...)* As meninas-moças tomando sol, exibindo seus biquínis... Os meninos jogando bola na areia, acordando ainda noite pra surfar. A vida é simples, é boa. *(pá! Scratch, scratch. Aponta ao redor para seus companheiros)* Olha a gente aqui trabalhando juntos, compartilhando histórias, risadas e essa garrafa de pinga aqui! *(pega a garrafa na mão e dá um gole. Professor vai em sua direção)*

Professor memória – Antônio, cê tá falando muito e compartilhando pouco. *(toma a garrafa da mão dele, bebe um gole e leva até Dona Suzana, que também bebe)*

Pá! Scratch, scratch.

Antônio memória – Sai daí, menina! Ó as escamas tudo em você! *(Midiã estava próxima demais de Seu Antônio, atenta à sua história)*

Midiã – Não importa, Seu Antônio. Que mais?

Os demais personagens congelam em memória.

Seu Antônio – *(com a peixeira na mão. Personagem no presente, perdido em memória)* Ah, os dias eram mansos, como uma brisa suave ao entardecer. A vida era tão boa, com as casas à beira-mar, os pescadores todos contando suas histórias, como eu tô fazendo agora. O céu era sempre azul e o sol brilhava forte, parece até que nunca chovia! Mas o melhor de tudo eram as noites de pescaria, quando o céu ficava cheio de estrelas, e o silêncio do mar era interrompido apenas pelo som dos peixes nadando. Ali, sentado com meu pai, aprendi tudo sobre a arte de pescar, sobre o respeito pela natureza e pela nossa gente. Os meninos que não sabiam o que fazer da vida sempre encontravam espaço em nossos barcos. E cada peixe e cada menino conquistado era uma vitória compartilhada, uma prova de nossa habilidade e de nossa conexão com aquelas águas, com a nossa gente.

(o brilho de seus olhos empalidece, sua feição desfaz a empolgação e a transformação em melancolia) Agora tudo isso parece um sonho distante... Veio essa maldita empresa, trazendo consigo esse papo de toxinas. Que mentira deslavada! O rio virou um caldo barrento de tanta sujeira que eles despejaram. *(olhando pra Midiã)* Acabaram com a nossa identidade, entende? Destruíram nossa forma de vida e nos forçaram a trabalhar para eles! A vila perdeu seu encanto e a vida nunca mais foi a mesma.

(faz um movimento com os braços em direção a Professor e Dona Suzana) Vai, gente! Sai logo daí! *(personagens começam a desfazer seus objetos de memória)*

Agora eu só tenho memórias! Naquela época as histórias de pescador eram empolgantes que só. Cê precisava ver! Hoje é só falar que eu nadava no mar pra criança já achar um absurdo! Guardo com carinho aquele tempo e a sensação da água salgada na minha boca. *(contorcendo o corpo, deixando finalmente a peixeira sobre a tábua e se entregando ao presente, agora com raiva)* Eu sinto uma raiva ensurdecadora pela ladainha que essa empresa inventou! O que tenho é a história que vive em mim, como uma fogueira que nunca se apaga. E podem me chamar de louco! Eu vou continuar alimentando esse fogo. *(cabisbaixo)* É só o que eu tenho.

As luzes se apagam devagar e ouvimos barulho de ondas quebrando. Breu. Ondas. Silêncio.

Dona Suzana – *(com a voz exaltada)* Isso é história pra criança dormir! Se ele não fala do tráfico, é porque era bandido. Se não lembra das mortes, era quem matava. Se não fala das putas, é porque comia. Já disse! É história pra criança dormir! Velho doido!

CENA IV – O SOM DO PROGRESSO, A MARCHA DOS TRABALHADORES CONTINUA

O palco é dominado por uma imponente fábrica, com chaminés expelindo fumaça e máquinas ruidosas em operação. Os trabalhadores, uniformizados e com expressões vazias, movem-se em sincronia, como peças de uma engrenagem gigantesca. O cenário é cinza e opressivo, refletindo a monotonia e a rigidez da sociedade. Os trabalhadores operam seus trabalhos espalhados pelo palco, fazendo os sons se misturarem uns aos outros até restar somente o barulho.

Midiã move seu pincel para cima e para baixo – Brush Brush –, para cima e para baixo – Brush –, molha-o na tinta e repete, para cima e para baixo – Brush Brush –, para cima e para baixo, sem parar. Passa a peça adiante depois de pintada, recebe outra e repete o movimento com o braço – Brush Brush – sem sair do lugar. Sua expressão é de uma criança com um livro de colorir.

Professor circula pelo palco varrendo para um lado e para outro – Swish Swish –, para um lado e para outro – Swish Swish –, num movimento contido e repetitivo – Swish – para um lado e para outro – Swish Swish. Seu rosto não possui nenhuma expressão, seus passos são como os de um dançarino que foi impedido de exercer a profissão. Está no corpo, a gente vê a tentativa vã de reviver passos que acontecem enquanto uma tentativa de fazê-los acontecer.

Seu Antônio tem um olhar guerreoso, uma esperança perdida, mas com a memória viva de sua força. Fica com a parafusadeira barulhenta – Brrrr Brrrr Brrrr. Faz poucos movimentos, apenas sustenta o braço no alto e aperta os parafusos um a um – Brrrr Brrrr Brrrr. Possui uma tristeza nos ombros, mas não deixa de sustentar sua ferramenta de trabalho nas mãos.

Dona Suzana, uma senhora, usa sua máscara de solda que lhe cobre todo o

rosto, mas o corpo encurvado não nega seus quase 70 anos de quem foi mãe ainda menina. Ela solda uma peça na outra e a coloca ao seu lado – Bzzzzt Bzzzzt –, pega outras duas peças, solda uma na outra e a coloca ao seu lado – Bzzzzt Bzzzzt. Ela não para. Não reclamaria nem se pudesse. Quando se sente cansada, ergue a coluna e repete o movimento agora ereta.

O filho, um serralheiro de meia-idade, usa óculos de proteção que cobrem boa parte de seu rosto. Suas mãos calejadas e enluvadas seguram firmemente a serra elétrica, que emite seu som agudo e estridente – Zzzzzt Zzzzzt Zzzzzt.

O sinal toca. Eles largam suas ferramentas de trabalho e fazem uma fila, recebem suas marmitas e se direcionam ao centro do palco. Lá se sentam em caixotes de madeira, retiram as tampas de suas marmitas e começam a comer.

CENA V – SOB A SOMBRA DA FARTURA: A MISÉRIA DE UM ESPÍRITO

Os personagens estão em seus caixotes com suas marmitas na mão. O oficial chega com um rapaz e o entrega a outro oficial. Este entrega sua marmita e o orienta a se sentar em um dos caixotes vazios.

Dona Suzana – Meu filho!!! (com alegria, ela corre para abraçá-lo enquanto ele segura sem expressão a marmita) Vamos, sente-se aqui pra comer com a gente! (ele se senta e ela se vira para as pessoas) Gente, esse é meu filho! (agora fala com o filho) Vamos, me diga o que é que você está fazendo aqui (ela o chamava de menino, mesmo ele sendo um homem maduro).

Filho – (indiferente) Eu sei lá, só me trouxeram pra cá. A gente nunca sabe

de nada que acontece nessa empresa.

Midiã – Bom, isso não é verdade. Eles notificam muitas coisas nas plataformas oficiais.

Filho – *(com ironia)* Ah, ótimo! Dá uma olhadinha aí no jornal se marcaram meu perfil explicando por que me trocaram de setor, por gentileza? Talvez tenha até foto minha assim *(estende o dedo do meio com um sorriso irônico no rosto. Midiã, que já estava com o celular na mão, ofende-se, mas nada fala)*.

Dona Suzana – *(envergonhada, bate na mão do filho)* Que isso, meu filho! Ela só quis ajudar. De todo modo, o importante é que você está aqui com a gente. Com certeza eles tiveram um bom motivo. Talvez quisessem deixar mãe e filho juntos.

Filho – *(irônico)* Sim, é muita gentileza fazer uma senhora de 70 anos trabalhar.

Dona Suzana – Pois eu tenho orgulho de poder trabalhar todos esses anos dignamente sem depender de ninguém e de nenhuma assistência social para sobreviver!

Seu Antônio – Eu preferiria a assistência social, mas não é como se estivessem dando por aí pra todo mundo que precisa.

Dona Suzana – Ah, Seu Antônio, por descuido de deus que o senhor não veio índio, porque é preguiçoso igual! *(Seu Antônio olha para ela indignado, mas dá de ombros)*

Filho – E por descuido de quem a senhora ficou tão cega?

Dona Suzana – Eu, cega? É você que não enxerga tudo que eu fiz por você e seu irmão. Tudo que essa empresa fez por nós. Se não fosse por ela, essa seria uma vila de vagabundos. Sabe deus se você e seu irmão não estariam no meio das drogas, se a gente teria comida na mesa. Você não entende

que, sem ela, as pessoas aqui não teriam dinheiro pra nada? Ou você acha que é em qualquer lugar que aceitam gente assim que nem nós sem escolaridade pra trabalhar?!

Filho – A senhora já parou pra pensar que os únicos cursos que temos aqui são para trabalhar nessa empresa? Você acha que só existe essa cidade no mundo? A gente pode ir embora daqui!

Dona Suzana – Você sabe que a gente não pode, não se faça de bobo. Eles precisam da gente. Eu só não parei de trabalhar até agora porque ainda não surgiu gente competente para ocupar o meu lugar.

Filho – Com todo respeito, mãe. Qualquer pessoa poderia fazer o que você está fazendo, que, aliás, você nem sabe o que é!!!

Dona Suzana – E nem preciso, eu sei o valor do meu trabalho! Você também deveria saber, já que dependeu dele tantos anos.

Filho – Tudo bem, mãe. Eu tô dizendo que eu posso trabalhar em outro lugar, quem sabe ganhar mais e você parar de trabalhar.

Dona Suzana – E eu ia fazer o que, hein, menino? Para de bobeira, você já não é nenhum adolescente pra ficar se iludindo com essas coisas. Seja adulto. Encare a realidade, não tem outro lugar.

Filho – A realidade de que estou preso ao seu conformismo com você?
(*silêncio*)

Midiá – Desculpa interromper vocês, mas vocês podem ter essa conversa em casa. A verdade é que ninguém sai da cidade, porque nós sabemos que todos que saíram voltaram dizendo a mesma coisa. O mundo lá fora é cruel, somos privilegiados por estar aqui.

Seu Antônio – Ah, mas tem, sim, os que saem e não voltam, acontece que

não é gente da nossa laia.

Filho – Talvez ninguém tenha tentado!

Seu Antônio – Pelo jeito você puxou a ingenuidade da sua mãe. É claro que tentaram! Ou você acha que é o único sabichão que pensa aqui? (*filho olha de lado, Seu Antônio se incomoda com a própria falta de jeito*) Tá, mas diga pra gente. Por que te trouxeram pra cá?

Filho – Fizaram uma revista em um horário pouco usual e encontraram um bilhete em meu bolso, eu ia jogar fora, mas não deu tempo. Depois de toda a ladainha, me mudaram de setor.

Seu Antônio – Mas, afinal, o que tinha de mais nesse bilhete?

Filho – (*recitando a mensagem*)

“Silêncio imposto,

em salas lotadas,

olhares coniventes

e bocas amordaçadas.”

Era o que estava escrito. Encontrei esse papel dentro de um copo quando fui beber água e só botei no bolso.

Midiá – (*intrigada*) De novo essas mensagens. É só se demitir!

Seu Antônio – Bom, de todo modo, acho melhor deixarmos as frases onde as encontramos.

Dona Suzana – (*ainda presa à fala do filho a seu respeito*) Olha, meu filho. Às vezes nos sentimos angustiados mesmo, como um rato preso numa roda. Mas é essa roda que nos alimenta, nos dá um teto sobre a cabeça, que

nos dá segurança! Você não se lembra como eram as coisas naquela época. Eu sei bem o que você teria se tornado se a empresa não tivesse nos dado essa oportunidade. Pelo menos aqui estamos seguros.

Filho – Pois eu queria saber o que eu teria me tornado!

Dona Suzana – Você não sabe o que diz.

Professor fala sem olhar para nenhum dos seus companheiros.

Professor – “Há um povo que vive nas sombras de grades invisíveis, acreditando que o eco da segurança é a canção da liberdade. A suavidade do cativeiro se confunde com a tranquilidade do lar. A liberdade é um mito inalcançável; e a resignação, o auge de suas aspirações.”

Existe um tempo de silêncio, que é rompido bruscamente por Dona Suzana.

Dona Suzana – (*incomodada*) De novo essas frases... E, Professor, como você consegue decorar tudo isso? Que cabeça boa é essa?

Professor – Essa está lá no banheiro do corredor, terceira cabine da esquerda. Eu uso bastante essa cabine!

Seu Antônio – Não surpreende ninguém que a senhora não entenda poesia.

Dona Suzana – Olha aqui, Seu Antônio. O senhor não sabe da minha história, tá?!

Dona Suzana pensa e, com um suspiro longo, fissa uma lembrança. Seu olhar é perdido e desvia-se constantemente dos fantasmas de sua mente. Num segundo de coragem, franze o rosto e começa a falar.

Dona Suzana – Às vezes, eu me pergunto se esse é o melhor que a vida pode oferecer, mas aí lembro que, antes dessa fábrica, a gente mal tinha o que comer. Aqueles foram os dias mais difíceis da minha vida. Não tinha dinheiro pra nada, só dava pra colocar um prato de comida na mesa, quando tinha! Mas aí veio aquela tragédia ambiental, e todo mundo achando que era o fim do mundo.

Sabe quem veio nos salvar? A empresa, meus filhos! É, essa mesma que muita gente aí fica torcendo o nariz. O que era o fim do mundo pra essa gente foi a nossa salvação. Mas quem quer saber? Graças a eles, todo mundo naquela vila, incluindo eu, arranhou um emprego decente pra trabalhar. E olha que era cada um mais folgado que o outro antes disso, viu? Só gente preguiçosa!

Eu tô aqui, quase chegando nos 70 anos, ainda soldando peça por peça nessa fábrica, e sabe por quê? Porque eu sou grata! Grata por terem tirado eu e meus filhos da miséria e da fome.

(enche-se de razão e começa a andar de um lado para outro, como quem discursa)

Agora, uma coisa é certa, quem não gosta da empresa é porque não quer saber de trabalhar, só pode ser isso! Essa empresa é uma bênção, trazendo o progresso pra nossa comunidade. É quem sustenta tudo por aqui. Sem ela, estaríamos todos no fundo do poço, sem ter o que comer, igual a uns vagabundos!

Eu não entendo como alguém pode ser contra a empresa que nos deu tudo o que temos. Quem fica reclamando é só gente folgada que não sabe o que é passar necessidade. Eu acordo às cinco da manhã todos os dias,

sem falta, e trabalho até o sol se pôr. Não é fácil, não, mas é honesto. E essa oportunidade de emprego, por mais dura que seja, foi o que manteve a minha família de pé. Antes disso eu morava de favor numa casinha com meus dois filhos.

Esses que falam mal da empresa são os mesmos que nunca passaram fome, *(fala com a voz embargada)* que nunca tiveram que lutar por cada centavo. Eles não sabem o que é sofrer, o que é chorar de preocupação pelos filhos. A empresa me deu uma chance, uma dignidade que eu nunca tive antes. E eu sou muito grata por isso.

Filho – *(inquieto, balança a cabeça negativamente)* Pelo amor de deus, mãe. Ninguém deveria ganhar crédito por tirar alguém da fome nem quando isso é oferecido, quem dirá por exploração!

Dona Suzana – *(recompõe-se e continua)* Sim, eu trabalho muito, mas é trabalho digno! Eu prefiro estar aqui, suando, do que estar mendigando na rua. Prefiro ganhar meu dinheiro honestamente em vez de ficar esperando por esmolas. A empresa me deu essa chance, e eu agarrei com unhas e dentes. E quem não tá satisfeito que peça conta!

Filho – E, se pedir conta, trabalha com o que se essa empresa dominou tudo?

Dona Suzana – Pois bem, então é melhor trabalhar aqui do que ficar desempregado, né?! A empresa pode até exigir muito da gente, mas pelo menos ela nos dá um emprego. Livrou nossa cidade daquele tanto de puta e drogado. A gente tem que agradecer, e não reclamar. Quem não vê isso, não sabe dar valor. Enquanto eu estiver viva, vou defender a empresa com todas as minhas forças, porque foi ela que nos salvou da miséria! E já disse, só está aqui quem quer. Vocês falam como se eles estivessem com uma faca no nosso pescoço nos obrigando. *(encerrando)* Se vocês não querem, tem quem queira!

Um silêncio toma a cena enquanto as luzes se deitam.

Filho – A sensação de liberdade é um pré-requisito para o aprisionamento.

CENA VI – PALAVRAS QUE DESAFIAM A ORDEM

Os personagens estão em cena envolvidos em suas atividades rotineiras. Midiã entra em cena segurando o celular, com uma expressão preocupada, chamando a atenção dos outros.

Midiã – *(entrando apressada e lendo o celular)* Gente, acabaram de publicar uma nota de repúdio no site da empresa!

Dona Suzana – *(parando o que está fazendo e olhando para Midiã)* O que foi agora, Midiã?

Seu Antônio – *(erguendo os olhos com curiosidade)* Que história é essa?

Midiã – *(lendo a notícia)* “A empresa repudia veementemente as manifestações literárias que vêm acontecendo através do vandalismo. Espalhar frases através de bilhetes, paredes e bens das nossas instalações não é arte, é crime.”

Professor – *(interrompendo sua atividade e se voltando para Midiã)* E o que eles disseram mais?

Midiã – *(continuando a leitura)* “Esses atos não apenas violam a propriedade privada, mas também distraem e perturbam nossos funcionários. Além

disso, todos sabem que há anos as manifestações literárias foram limitadas às escolas, sendo essa uma violação não somente contra a empresa, mas contra os princípios da nossa sociedade. Tomaremos todas as medidas legais para identificar e punir os responsáveis.”

Dona Suzana – (*preocupada*) Quem será esse folgado desrespeitoso? O que está querendo com isso?

Filho – (*reflexivo*) Essas frases têm poder. É por isso que estão incomodados. **Midiá** – A empresa só quer manter tudo sob controle.

Seu Antônio – É um aspirante a poeta, o que tem de mais? Não é como se fossem começar uma revolução por isso.

Professor – Essas frases nos fazem pensar. Não é assim que as revoluções começam?

Dona Suzana – (*olhando para os outros*) Mas por que alguém faria isso podendo causar problemas a todos?

Filho – Talvez seja exatamente esse o ponto. Criar desconforto para forçar as pessoas a pensar. (*enquanto fala, olha ao redor se certificando de que não há fiscal olhando e retira um papel amassado do bolso*)

Dona Suzana – (*inquieta, olha para os lados e sussurra o que seria um grito em direção ao filho*) De novo isso, garoto? Me dá logo isso antes que te peguem!

Filho – (*lê o bilhete em silêncio e o amassa rapidamente*) Eu só não queria esquecer. (*entrega o papel para a mãe, que rapidamente liga a máquina de solda e queima o papel junto ao metal. Enquanto o filho, olhando sem ponto fixo, diz em voz alta*) “Enquanto escolhemos a conveniência da conformidade, alimentamos uma sociedade que prospera com nossa inércia.”

Dona Suzana – Que diacho é inércia?

Filho – Um objeto em repouso tende a permanecer em repouso, e um objeto em movimento tende a continuar em movimento. As coisas só continuam se a gente continua.

Dona Suzana – Não foi você quem disse que qualquer um podia fazer o meu trabalho? Agora está se achando especial?

Filho – Cada um aqui é uma peça de uma grande engrenagem. O sistema funciona se tirarmos um parafuso, até dois, quem sabe três... mas e se tirarmos todos?

Todos os personagens se entreolham, com suas ferramentas em mãos, como se congelar os corpos desse vazio aos pensamentos.

CENA VII – SÓ MUDA O MUNDO QUEM O QUESTIONA

Uma luz no fundo do palco se acende, colocando em evidência uma escrivaninha e uma cadeira com uma pessoa sentada de costas, que escreve gesticulando os próprios pensamentos.

Pessoa – *(fala enquanto escreve)* “No tecido da história, bordam-se mentiras.” Não, quem sabe o que é bordado hoje em dia? *(rasga o papel – Rrrrrrip –, amassa-o – Squish – e o arremessa em direção à lixeira – Plop – com mais papéis fora que dentro)*

“Nas entrelinhas tecidas, a verdade se esconde.” Nãão, “entrelinhas tecidas”, não sei, eu preciso ser mais objetivo, as pessoas não conhecem literatura *(Rrrrrrip, Squish, Plop)*.

“A história contada é um eco vazio, onde a opressão se disfarça de justiça”,
“A história contada é um eco vazio, onde a opressão se disfarça de justiça”.
Essa é ótima!

Ouve um barulho e apressadamente esconde os papéis na gaveta da escrivaninha, puxa um livro e finge ler. Sente o tempo pesar nos ombros, mas nada acontece além do tremendo silêncio que o segue. Devagar, volta a puxar os papéis de dentro da gaveta para escrever.

Pessoa – “A tranquilidade fabricada serve como tijolo na muralha da opressão.” (*pensa, sente, deixa a frase deitar no silêncio após sua passagem*) Não. (*reflete*) “Cada silêncio é como um tijolo sendo colocado na muralha da opressão”, ou seria melhor na “muralha que nos aprisiona”? (*pensa, pensa e se irrita – Rrrrrrip, Squish, Plop*) É preciso ter cuidado com as palavras! Eles sabem, claro que sabem, do poder que elas têm.

“Só muda o mundo quem o questiona.” Isso! (*destaca a folha do caderno – Rrrrrrip – e a deixa sobre a mesa. Levanta-se e abre a gaveta, de lá tira uma régua e a usa para fazer da folha um pequeno bilhete. Toma seu tempo. Devolve a régua e o caderno à gaveta e pega o bilhete nas mãos*) “Só muda o mundo quem o questiona.” (*dobra o bilhete, enfia-o no bolso e sai de cena, ainda de costas. Luzes se apagam*)

CENA VIII – SUA DEDICAÇÃO ESTÁ SENDO MONITORADA

Um som alto de notificação é ouvido, vindo do sistema de alto-falantes da empresa. Todos param o que estão fazendo e olham em direção ao som. Uma voz

mecânica e impessoal começa a falar.

Voz do sistema – Atenção, trabalhadores. A empresa informa que o funcionário conhecido como Professor solicitou sua demissão por motivos pessoais. A empresa agradece seus serviços e deseja sucesso em seus futuros empreendimentos.

Todos se entreolham confusos e incrédulos. O tempo congela suas ferramentas no ar.

Midiã – *(indignada)* Professor se demitiu? Isso não faz o menor sentido! Para onde ele iria?

Seu Antônio – *(desconfiado)* Tem algo muito estranho nessa história.

Dona Suzana – Ele estava aqui ontem, fazendo o mesmo trabalho de sempre. Não parecia querer sair.

Filho – *(reflexivo)* Será que foi ele mesmo que se demitiu? *(silêncio se estende entre olhares confusos)*

Midiã – *(pensativa)* Será que era o Professor quem escrevia aquelas frases?

Seu Antônio – Você acha que era ele?

Dona Suzana – Faz sentido. Eu sempre achei ele muito quieto.

Filho – “Enquanto escolhemos a conveniência da conformidade, alimentamos uma sociedade que prospera com nossa inércia.” Parece algo que o Professor diria?

Midiã – Que seja, se ele foi demitido ou não. A questão é: ele não tem família, não tem como viver aqui. Para onde ele foi?

Seu Antônio – Será que ele tinha algum dinheiro guardado?

Dona Suzana – (*intrigada e investigativa*) Pera lá, ele é velho, mas nem tanto. Será que tem tanto dinheiro assim para o resto da vida? E sem médico ainda? Com a idade a gente precisa cada vez mais, não preciso dizer que novo ele também não é, né.

Filho – (*intrigado*) Não lembro de ele ter expressado a vontade de explorar outras cidades.

Midiã – Ele nunca foi de expressar lá muita coisa também, né.

Filho – (*indignado*) E por que não me chamou? Ele sabe da minha vontade de sair daqui!

Midiã – Também sabe que você não sairia sem sua mãe.

Dona Suzana – E também sabe que a senhora sua mãe jamais faria uma loucura dessa!

Seu Antônio – Aquele tolo! Ele deve ter escutado alguma coisa! Ele é faxineiro, está em todos os lugares dessa empresa.

Filho – (*determinado*) Então precisamos descobrir o que ele ouviu.

Dona Suzana – Para sermos todos demitidos também?

Filho – Então agora você acredita que ele foi demitido?

Seu Antônio – Se é que foi...

Todos ficam pensativos, em silêncio. Até que um som alto de notificação é ouvido novamente, vindo do sistema de alto-falantes da empresa. Todos olham em direção ao som, tensos.

Voz do sistema – Atenção, trabalhadores. A empresa reforça a importância da produtividade e do foco em todas as atividades. Lembramos a todos que a eficiência é fundamental para o nosso sucesso coletivo. Continuem com suas tarefas conforme esperado. E, claro, as conversas podem ser deixadas para depois do expediente. Sua dedicação está sendo monitorada.

Os trabalhadores trocam olhares apreensivos. Lentamente, cada um volta às suas atividades, hesitantes e cautelosos, e o barulho de suas ferramentas lentamente toma conta do espaço. A tensão é palpável. Cena se encerra com o som das ferramentas e máquinas, enquanto as expressões dos personagens revelam inquietação e desconfiança.

CENA IX – O VEREDITO DO CAPITAL, O EPÍLOGO DOS RECURSOS

O palco está escuro, com apenas um holofote iluminando o centro. Os personagens estão espalhados, ocupando diferentes posições no palco. Um murmúrio inquieto percorre a plateia enquanto o som de máquinas industriais ecoa ao fundo. O holofote lentamente se move, iluminando o dono da empresa, um homem imponente, vestido elegantemente. Ele se dirige ao centro do palco com uma postura autoritária. Quando ele fala, sua voz é firme e carregada de convicção. Ele olha diretamente para a plateia, rompendo a quarta parede.

Dono da empresa – Boa noite, senhoras e senhores! Permitam-me contar-lhes uma história. Uma história de sucesso, de progresso e de como uma

empresa trouxe esperança a esta comunidade. *(aponta para trás, onde os personagens estão cabisbaixos executando suas funções, agora em silêncio)* Sim, houve sacrifícios. Mas o progresso, caros amigos, nunca é gratuito.

(ele faz uma pausa, observando as reações da plateia) Vocês ouviram muitas narrativas aqui hoje, não é mesmo?! Histórias de sofrimento, de luta, de miséria, de saudade. Mas, vejam, a realidade é de quem tem os recursos, a visão e a determinação para criá-la.

(ele começa a andar lentamente pelo palco, gesticulando com confiança) Nossa empresa emprega centenas de pessoas, oferece sustento e estabilidade. Sim, o trabalho é árduo. Sim, há desafios. Mas vocês conhecem um tempo em que tenha sido diferente? Nossa contribuição para esta comunidade é inegável. Nós criamos algo do nada. Transformamos esta cidade, que estava à beira do colapso, em um símbolo de resiliência, justamente quando o desespero bateu em suas portas. Transformamos as dificuldades em oportunidades.

(ele para e olha diretamente para o filho de Dona Suzana) Vocês falam de exploração, de injustiça. Mas a verdade é que vocês escolheram estar aqui, se lembram? Escolheram a estabilidade que oferecemos *(volta a caminhar)*. E, agora, são parte dessa história de sucesso! Uma história que, sim, tem seus capítulos sombrios, mas é, acima de tudo, uma narrativa de vitória.

(ele volta a se dirigir à plateia, seu tom vai se tornando mais enfático) Deixem-me contar um pouco da minha história. Meu avô, um homem visionário, fundou esta empresa. Ele acreditava no potencial desta terra e dessas pessoas. Meu pai, por sua vez, enfrentou tempos difíceis, quando toxinas ameaçavam nossos mares. Ele agiu rapidamente, implementando medidas que salvaram centenas de vidas e, ao mesmo tempo, garantiu empregos para esta comunidade. Um grande homem, não é mesmo? Infelizmente ele

não pode estar em todas as cidades do país e eu prefiro nem lhes contar a miséria em que essas se encontram hoje.

(fala com um tom empolgado e quase sarcástico) Mas aqui? Aqui oferecemos estabilidade, segurança e conforto! Nossos funcionários não precisam enfrentar longas viagens de ônibus até o emprego. Viemos para perto deles. A comunidade já não precisa se preocupar com o futuro de seus filhos, oferecemos cursos técnicos para os jovens, para que possam seguir seus próprios caminhos de sucesso. Ninguém mais se preocupa em gastar com roupas, damos os uniformes para dentro e fora da empresa. Comida? Nunca mais foi problema! Esse mês aumentamos a quantidade de vezes que eles podem ir ao banheiro, as coisas só melhoram!

(ele inclina a cabeça para a frente, aproximando-se mais do público, quase confidencial) Sim, houve sacrifícios. Mas esses sacrifícios nos trouxeram vitórias.
(retorna à posição) A segurança de um emprego estável, o crescimento econômico, a educação para os nossos jovens e o futuro dessa comunidade!

Nas escolas, temos a possibilidade de guiar as mentes jovens, de mostrar-lhes o caminho correto, de selecionar cuidadosamente o que é apropriado e o que não é.

(ele olha para os personagens no fundo, que estão agora ainda mais cabisbaixos) A liberdade desenfreada pode levar ao caos. Por isso, nossa empresa, assim como o sistema educacional, garante que apenas as ideias que promovem o bem comum sejam disseminadas. Assim, preservamos a ordem, o progresso e a segurança. Não se trata de censura, mas de proteção. Proteção contra a anarquia, contra a desordem.

(seu tom se torna mais enfático. Ele circula entre os personagens com o seu sermão) O mundo não é um lugar justo. Não é um conto de fadas. É um

campo de batalha! E, no final, são os fortes, os resilientes, os visionários que prevalecem. A história verdadeira é a que tem registros que a comprove, não é mesmo?!

(ele faz uma última pausa dramática, olhando para cada canto da plateia, garantindo que todos sintam o peso de suas palavras) Então, lembrem-se disso quando ouvirem as queixas e as lamentações. O progresso tem seu preço. E nós pagamos esse preço. Porque, no final das contas, são os vencedores que escrevem a história.

Ele sorri friamente, inclina-se ligeiramente em um gesto de despedida e, então, o holofote se apaga lentamente. A cena termina com o som das máquinas industriais crescendo novamente enquanto a escuridão toma conta do palco.

CENA X – O SOM DO PROGRESSO, A MARCHA DOS TRABALHADORES NÃO PODE PARAR

O palco é dominado por uma imponente fábrica, com chaminés expelindo fumaça e máquinas ruidosas em operação. Os trabalhadores, uniformizados e com expressões vazias, movem-se em sincronia, como peças de uma engrenagem gigantesca. O cenário é cinza e opressivo, refletindo a monotonia e a rigidez da sociedade. Os trabalhadores operam seus trabalhos espalhados pelo palco, fazendo os sons se misturarem uns aos outros até restar somente o barulho.

Midiã move seu pincel para cima e para baixo – Brush Brush –, para cima e para baixo – Brush –, molha-o na tinta e repete, para cima e para baixo – Brush Brush –, para cima e para baixo, sem parar. Passa a peça adiante depois de pintada, recebe outra e repete o movimento com o braço – Brush Brush

– sem sair do lugar. Sua expressão é de uma criança com um livro de colorir.

Professor circula pelo palco varrendo para um lado e para outro – Swish Swish –, para um lado e para outro – Swish Swish –, num movimento contido e repetitivo – Swish – para um lado e para outro – Swish Swish. Seu rosto não possui nenhuma expressão, seus passos são como os de um dançarino que foi impedido de exercer a profissão. Está no corpo, a gente vê a tentativa vã de reviver passos que acontecem enquanto uma tentativa de fazê-los acontecer.

Seu Antônio tem um olhar guerreoso, uma esperança perdida, mas com a memória viva de sua força. Fica com a parafusadeira barulhenta – Brrrr Brrrr Brrrr. Faz poucos movimentos, apenas sustenta o braço no alto e aperta os parafusos um a um – Brrrr Brrrr Brrrr. Possui uma tristeza nos ombros, mas não deixa de sustentar sua ferramenta de trabalho nas mãos.

Dona Suzana, uma senhora, usa sua máscara de solda que lhe cobre todo o rosto, mas o corpo encurvado não nega seus quase 70 anos de quem foi mãe ainda menina. Ela solda uma peça na outra e a coloca ao seu lado – Bzzzzt Bzzzzt –, pega outras duas peças, solda uma na outra e a coloca ao seu lado – Bzzzzt Bzzzzt. Ela não para. Não reclamaria nem se pudesse. Quando se sente cansada, ergue a coluna e repete o movimento agora ereta.

O filho, um serralheiro de meia-idade, usa óculos de proteção que cobrem boa parte de seu rosto. Suas mãos calejadas e enluvadas seguram firmemente a serra elétrica, que emite seu som agudo e estridente – Zzzzzt Zzzzzt Zzzzzt.

Os trabalhadores continuam suas tarefas mecânicas enquanto a luz no palco lentamente diminui, deixando apenas a silhueta da fábrica e dos trabalhadores em trabalho contínuo. O som das máquinas e ferramentas diminui gradualmente, ecoando na escuridão enquanto a cena se encerra. A luz apaga-se completamente, deixando apenas o som distante das máquinas como um eco persistente no vazio.

PARA UMA
SOLUÇÃO,
BASTA 'UMA
OCASIÃO



NATALY FIRMINO VOLCATI



Ela, preta e sapatão. Filha de Fabiola, neta de Mana e Walter, sobrinha de Nego e Rose. Quanto às experiências acadêmicas: tenho Lattes. Quanto às experiências profissionais: tenho LinkedIn. Quanto às experiências da vida: tenho sede.

Neste segundo ano de Coletivo Elas Tramam, venho com mais uma dramaturgia ordinária. Nada de genial. Mas cheia de inquietações que me atravessaram no meu processo de pesquisa na área da segurança pública por 3 anos, que foi desde 2021 até 2024. Esta é uma dramaturgia sobre a produção de contextos, obliteração de narrativas e construção de antagonismos sociais. Ela é, sobretudo, uma tentativa de dar mais personalidade aos conflitos sociais que são generalizados. Sendo, portanto, menos sobre categorias de análise científica e mais sobre conflitos e tensões sociais que são produzidos ali no seio da intimidade, no cotidiano, no dia a dia, no ordinário.

PARA UMA SOLUÇÃO, BASTA UMA OCASIÃO

Nataly Firmino Volcati

Personagens:

Podendo ser reorganizados entre os próprios intérpretes dos personagens principais.

PONTES – Liderança comunitária de “Nova Orla”, é nativo, sem família e filho único.

CELSO – Liderança comunitária de “Todos os Santos”, é migrante, não possui filhos e sua esposa é falecida.

REGINA – Mãe de Kevin e Beatriz, todos são negros e possuem uma trajetória de sobrevivência em realidades de vulnerabilização social. Compõem a família Gonçalves.

KEVIN – Filho de Regina, um jovem em torno dos 20-26 anos.

BEATRIZ – Filha de Regina, idade aproximada à do irmão.

FRÍGIDA – Mãe de Filha, ambas compõem a família Miranda, são pardas socializadas como brancas, possuem uma trajetória de sobrevivência em uma realidade da classe média intermediária.

FILHA – Filha de Frígida, idade aproximada entre 16 e 19 anos.

OSVALDO – Morador de “Nova Orlã”.

REPÓRTER

POLICIAIS

NARRADOR – Que pode ser interpretado pelo Kevin.

Cenário:

Uma encruzilhada. Linóleo fazendo uma cruz no chão para sinalizar ruas. Dividido em 4 blocos, o palco possui a casa de Frígida, a loja de Pontes, a casa de Celso e a casa de Regina.

CENA I

Uma vela preta é acesa na calçada próxima à casa da Regina. A cena se inicia com Frígida olhando a vela pela janela. Regina saindo de casa para olhar, em conjunto com Celso e Pontes, passando na rua e vendo. Frígida está com cara de surpresa e repulsa, Regina está com uma cara de surpresa e dúvida, Celso está com cara de surpresa, dúvida e medo, olhando para Regina, e Pontes está com o rosto mais neutro, com um leve tom de malícia no olhar.

Narrador – Após 3 dias da chegada da família Gonçalves, uma vela preta foi acesa na esquina de sua casa no meio da madrugada. Minutos depois de acesa a vela, Frígida vê pela janela aquele objeto e se apavora, como se estivesse vendo uma assombração. Imediatamente, Frígida encara como um mau presságio a chegada da família Gonçalves e desconfia que a nova

família seja “macumbeira” e que tenha colocado a vela ali. Na parte da manhã, a Regina Gonçalves observa a parafina derretida em sua esquina e também se apavora, imediatamente imagina que fora a família Miranda que tenha feito aquilo, já que, como se lembra, não foi bem recebida pela vizinhança, e ela percebeu o olhar desconfiado e preconceituoso de Frígida quando eles foram recebidos pelo Celso, a liderança comunitária que garantiu a moradia para Regina. Enquanto isso, Pontes e Celso, cada um em seu respectivo bairro, são informados sobre a vela preta acesa na esquina da casa dos Gonçalves. Pontes vai até o local, interpreta esse evento como um sinal de que algo importante está prestes a acontecer, algo que pode mudar o equilíbrio de poder no território. Ele sente uma pontada de preocupação misturada com uma pitada de excitação, pois, se foi acesa no território contrário, significa que o mau presságio rodeia aqueles moradores, não seus planos. Celso é chamado pela Regina e, por outro lado, reage com cautela e preocupação, ficando dividido... Já que é preconceituoso com essas coisas, acredita que possam ter feito isso com a Regina por ela ser nova no bairro, mas também desconfia de que ela mesma possa ter feito isso; de uma forma, ele sempre acreditou que seu relacionamento fora rodeado por uma aura de mistério – acreditava ser obra de mistério sua atração pela falecida esposa, que era irmã de Regina. No entanto, ele entende que eventos como esse podem gerar tensões e conflitos entre os moradores dos bairros. Ele se preocupa com a segurança e o bem-estar de sua comunidade e sabe que é importante agir com rapidez e sabedoria para evitar que a situação saia do controle.

Celso retorna para casa e telefona para Pontes.

Celso – Você viu o que aconteceu na esquina da Regina, rapaz? É, cabra, não sei não...

Pontes – Sim, eu fiquei sabendo! Acho que alguém pode não ter gostado da nova notícia...

Celso – A Regina também acha isso, ela que me chamou pra ir lá! Mas aí... não sei... eu acho que foi ela mesma que fez isso!

Pontes – Por que você acha isso?

Celso – Sei lá... um pressentimento.

Pontes – Ora, achei que você era próximo dessa família, afinal, você que implorou para trazê-los, disse que seriam importantes para nossos planos!

Celso – Claro, vão ser bons, sim, não tem dúvida! Mas tô pensando se foi uma boa ideia. É... Você nunca ficou meio cabreiro com alguma coisa que decidiu, não?

Pontes – Não. Geralmente eu sei o que eu quero. Pare com essa besteira de pressentimento, vamos seguir o que planejamos e limpe sua sujeira antes que isso vaze para o meu lado.

Celso – Como assim minha sujei...

Pontes desliga o telefone; Celso fica sem entender, nunca tinha passado por isso com Pontes.

Celso fica perturbado com a conversa telefônica com Pontes. Ele nunca esperou essa reação do líder comunitário de Nova Orla. Uma sensação de incerteza começa a se instalar em sua mente, fazendo-o questionar suas próprias decisões

e o rumo dos acontecimentos.

Enquanto isso, Regina Gonçalves continua a ponderar sobre o ocorrido com a vela preta em sua esquina. Ela está determinada a descobrir quem foi o responsável por aquela ação e a proteger sua família de possíveis ameaças. A desconfiança em relação à família Miranda começa a crescer em sua mente, alimentada pela recepção fria que receberam.

Por outro lado, Frígida Miranda está convencida de que a presença da família Gonçalves representa um presságio sombrio para o bairro de Nova Orla. Sua mente está repleta de desconfiança e ela está determinada a encontrar uma forma de impedir que seus temores se concretizem.

CENA II

Narrador – Frígida convoca uma reunião de emergência com outros moradores do bairro Nova Orla, em conjunto com a liderança, o Pontes, para discutir a presença da família Gonçalves e os eventos estranhos que ocorreram desde a chegada deles. Na reunião, Frígida expressa suas preocupações sobre a presença dos Gonçalves, uma família que pode representar uma mancha ao bairro, e levanta suspeitas sobre suas intenções, comportamentos e condutas. Ela destaca a vela preta como um claro sinal de que algo está errado e argumenta que a família deve ser vigiada e, se necessário, expulsa do bairro.

Frígida – Gente como aquela não pressagia coisa boa!

Alguns moradores começam a murmurar entre si, discutindo as propostas de Frígida e expressando suas próprias preocupações e opiniões. Pontes, que observava a reunião de longe, decide intervir e oferecer uma alternativa às propostas de Frígida.

Pontes – Devemos nos acalmar sobre isso antes de tirarmos conclusões. Não temos tampouco poder sobre a estadia ou permanência da nova moradora, que está em outro bairro, vale ressaltar!

Narrador – Os moradores ficam em silêncio, absorvendo as palavras de Pontes e refletindo sobre suas próprias opiniões e sentimentos em relação à situação. Alguns parecem inclinados a apoiar as propostas de Frígida, enquanto outros estão mais receptivos às ideias de Pontes. Frígida, percebendo que sua posição não é unânime entre os moradores, decide intensificar seus esforços para convencê-los de que a expulsão dos Gonçalves é a única solução viável para proteger o bairro.

Frígida – O senhor parece é muito determinado a defendê-la, isso sim... Achei que você defendesse os interesses da sua comunidade, não da outra.

Pontes – Você está certa em achar isso, pois é o que eu realmente faço: defendo os interesses da minha comunidade! E, para não nos prejudicar, sugiro que esqueçamos isso por enquanto. Não sabemos nem mesmo se foi a própria mulher que colocou a vela, e se foi outra pessoa? Se vasculharmos de verdade e acabarmos descobrindo que foi algum de vocês aqui presentes?

Frígida – Isso é uma ofensa! Nenhum de nós aqui faria isso!

Pontes – Não faria, Frígida? Você lembra de quando você colocou veneno

no quintal de sua vizinha e matou um dos gatos dela?

Frígida – Eu nunca fiz isso.

Outro morador – *(de soslaio)* Isso é o que você diz...

Frígida – O que você está falando aí, Osvaldo?

Osvaldo – Nada, Frígida... é sempre engraçado que coisas estranhas e maus presságios envolvam seu nome... dessa vez você convoca uma reunião.

Frígida – Eu não fiz essas coisas. Diferente de vocês, eu estou interessada em defender nossos interesses!

Outros moradores – Os seus, né... *(interrompidos)*

Pontes – Bom, já chega! Já ouvimos demais e falamos demais e não chegamos a lugar nenhum. Este assunto está encerrado, mas ele pode ser um bom gancho para nossos interesses. *(os outros moradores ficam com uma cara de interrogação)* Por isso, devo agradecer a Frígida por nos reunir... o que tem sido muito difícil ultimamente, pois quero conversar com vocês sobre uma expansão do nosso bairro.

Frígida – Eu não concordo com isso, precisamos defender o que é nosso.

Pontes – Mas podemos defender o que é nosso expandido ele, atraindo melhores interesses... dos governos, das empresas, das universidades... podemos girar nossa economia interna e transformar as coisas para melhor! Tenho uma proposta em mãos de uma empresa de supermercado que quer adquirir os terrenos inutilizados da nossa região e, Osvaldo, pensei naqueles seus terrenos!

Frígida – E isso só vai aumentar o meu aluguel, que já não é tão barato!

Osvaldo – Frígida, você sempre tem que dar seu pitaco? *(Frígida silencia, irritada, enquanto os outros moradores assentem na proposta)* Olha, Pontes,

eu acho a ideia boa, quero vender por um bom preço aqueles terrenos... mas isso significará o que para o bairro?

Pontes – Podemos conversar melhor sobre as negociações de modo conjunto, Osvaldo! Um novo supermercado poderia facilitar nossa vida, não precisaríamos fazer grandes deslocamentos para nossas compras e, com isso, poderíamos também ter oportunidades de empregos e novas melhorias para o bairro, mobilizadas pela empresa! Podemos, enfim, ter público para poder trazer de volta algumas coisas adormecidas no bairro.

Os demais moradores se demonstram felizes com as novas possibilidades e assentem na ideia de Pontes, mas ainda nada fora decidido, paira no ar somente a tensão pela espera das negociações entre ele e Osvaldo.

Frígida – Mas o que a questão da vela tem a ver com isso ser um bom gancho para nossos interesses?

Pontes – Porque, com a chegada do supermercado e as melhorias crescentes, os outros bairros ao redor também passarão por melhorias... mas, como eles têm um padrão de moradia um pouco menor, talvez não possam pagar para ficar! E então conseguimos juntar o útil ao agradável.

Frígida – E o senhor tem certeza que isso não nos atingiria também?

Pontes – Claro que não! Eu e o empresário estabeleceremos uma negociação sólida que nos beneficiará!

Frígida fica um pouco desconfiada da ideia, mas assente.

CENA III

Frígida volta para casa e, no meio do caminho, Regina, que estava varrendo sua calçada, aborda-a.

Regina – Ei, dona Frígida, como vai a senhora?

Frígida – Vou bem, estou indo para casa, acabei de voltar da reunião da comunidade e estou cansada!

Regina – Olha, eu não tenho a intenção de te incomodar, não. Eu e minha família chegamos há pouco tempo e eu quero poder conhecer melhor nossos vizinhos... e que me conheçam também! Por que a senhora não vai lá em casa num fim de tardezinha para um cafezinho? Eu faço um bolo de fubá ótimo pra gente!

Frígida – (*hesita*) Não sei, não... eu não gosto de café.

Regina – Posso fazer um suco.

Frígida – É... não sei, eu vou pensar... tenho muita coisa pra fazer em casa, eu te aviso algum dia.

Regina volta pra varrer a calçada. Frígida entra em casa e comenta com sua filha o encontro com Regina.

Frígida – Até parece que eu ia aceitar uma coisa dessa, vê se pode? A vizinha, aquela macumbeira, me aborda na rua agorinha para me convidar para um café. Cê acredita, filha?

Filha – Mas qual o problema, mãe?

Frígida – Ora, como assim qual o problema? Eu mal conheço ela, que direito ela acha que tem de vir falar comigo e me convidar?

Filha – Talvez ela só queria ser gentil, acabaram de chegar, né?

Frígida – Gentil coisa nenhuma. Tem coisa que nem quando acontece dá pra acreditar! Ela acha que eu vou mesmo entrar na casa dela? Não estou doida ainda! Ainda comer da comida dela? Sabe o que dizem, né? Feitiço se pega pela boca!

Em outro plano da cena, Pontes, de sua casa, liga para Celso.

Pontes – Acabamos de fazer uma reunião com a comunidade, deu tudo certo! E por aí, você conseguiu reunir as pessoas? Conseguiu acalmar os ânimos sobre a situação da vela?

Celso – Reuni nada, homem. E te falar na sinceridade? Nem tô mais nessa vontade de seguir com suas ideias. Não tô entendendo por que isso vai nos beneficiar, você vive dizendo que isso vai ser bom pra gente, vai facilitar as coisas. Mas eu não sei de nada que tá acontecendo, cê faz suas reuniões sozinho, não sei que empresário é esse que tu tá falando. Como é você que decide essas coisas sozinho, isso não tá me cheirando coisa boa, não. Tem nada que a gente tem que fazer em prefeitura essas coisas, não?

Pontes – Você ainda com esse tal de pressentimento? Celso, você precisa confiar. As coisas só vão acontecer quando todo mundo fizer o que precisa ser feito. A sua função é ajeitar as coisas com sua comunidade, fazer todo mundo aceitar a ideia, entenderem que isso vai trazer progresso para todos.

Quando o supermercado chegar, todo mundo se beneficiará, porque gerará mais empregos.

Celso – Mas como eu vou responder quando me perguntarem de vocês, como vocês ficam nessa conta? Não dá nem pra entender, acho difícil fazer as pessoas concordarem com essas coisas. Parece que vai dar bom só pra vocês!

Pontes – Vamos fazer o seguinte. Vamos preparar uma festa na quadra da zona cinza. Faz muito tempo que não acontece nada lá. A gente pode ir fazendo os preparativos da festa, minha loja pode patrocinar as coisas da festa e preparamos uma feira para os comerciantes das regiões. Pensemos nisso como um acordo de paz. Faça sua parte, convença-os pelo menos de que essa festa pode ser boa ideia, e eu também farei minha parte.

Celso – É... tá certo. Quando isso?

Pontes – Vamos fazer no próximo mês, no sábado do dia 23?

Celso – Já, cabra? É muito em cima!

Pontes – É exatamente 1 mês, ainda há tempo. Como minha loja vai dar umas coisas, como, por exemplo, as tendas, alguns microfones e as iluminações, nós já teremos o grosso do que precisamos. A outra parte é ter pessoas. Você topa ou não topa?

Celso – Beleza, pode ser.

Pontes – Ok, já vou mandar mensagem no grupo da comunidade avisando. Amanhã já começo a articular com as pessoas.

Celso – Articular... beleza, beleza.

Desligam o telefone.

Em outro plano da cena, Frígida está pensativa sobre o convite de Regina e as falas da filha, então resolve ir à casa de Regina.

Frígida – Ô de casa!

Regina aparece, surpreendida.

Regina – Que bom que a senhora veio, foi atraída pelo cheiro do bolinho na janela?

Frígida – Algo assim (*sorri*). Mas eu realmente não gosto de café, tem suco mesmo?

Regina – (*ri*) Eu acho que tem uma polpa de goiaba no congelador! Pode ir entrando, fique à vontade, só vou jogar água nas plantinhas.

Regina pergunta alto de sua varanda.

Regina – E então, há quanto tempo a senhora mora aqui?

Frígida – Por favor, não me chame de senhora. Senhora tá no céu! Eu moro aqui há uns 10 anos. Vi muita coisa acontecer aqui.

Regina entra em casa.

Regina – É casada?

Frígida – Sou viúva.

Regina – Oh! Lamento... desculpe a pergunta.

Frígida – Ah, sim... sem problema. Foi um momento difícil. Meu marido foi vítima de um assalto em nossa própria casa. Levaram tudo o que tínhamos, e ele... ele tentou resistir, mas...

Regina – Que horror! Deve ter sido horrível suportar isso. Não sabia que aqui era tão perigoso assim antes. Achei que era tranquilo, ouvi dizer que era até pra ser um parque aqui.

Frígida – Sim, exatamente. Era para ser um lugar tranquilo, um refúgio verde no meio da cidade. Mas os planos mudaram, e agora estamos aqui, em meio a tudo isso.

Regina – É interessante como o tempo pode mudar tanto as coisas, né? Como era a vida por aqui antes de todas essas ruas e prédios ali atrás?

Frígida – Era diferente. Mais tranquilo, as pessoas se conheciam, se ajudavam. Havia uma sensação de comunidade que eu sinto falta às vezes.

Regina – Sabe, antes de vir para cá, eu morava em uma cidade pequena, onde todo mundo conhecia todo mundo. Era um lugar onde as notícias voavam rápido, especialmente quando algo de errado acontecia. Lá eu era casada com Marcos. Ele era um homem bom, trabalhador, mas as coisas entre nós já não eram as mesmas há algum tempo. Eu acabei me envolvendo com alguém próximo, meu primo Pedro. Foi um erro, um impulso de momento que mudou tudo. Eu me sentia tão só. Quando Marcos descobriu, foi como se o mundo desabasse sobre nós. As coisas ficaram muito difíceis, conflituosas. Marcos não aceitou bem a traição, claro! E eu me vi

sozinha, por anos. Mais do que já era antes, enquanto era casada com ele. Tem coisa que é injusta, sabe? Criei meus filhos sozinha, como já era antes. Principalmente depois da morte de minha irmã. Mas me vi ainda mais sozinha, olhando para o que tinha feito e para onde iria a partir dali. Foi um dos motivos que me levaram a decidir vir para cá, tentar recomeçar, deixar aquelas memórias para trás. Celso, meu cunhado, me ofereceu essa oportunidade e eu sou muito grata a ele como ele se dedica à minha família. Às vezes, mudar de ambiente pode ser uma forma de buscar paz interior, de encontrar um novo começo, entende? E aqui estou eu, tentando reconstruir minha vida... conhecer novas pessoas...

Frígida e Regina continuam conversando por mais algumas xícaras de café.

CENA IV

Frígida chega em casa.

Frígida – Se eu te disser que foi tudo bem e agradável, você não acredita.

Filha – E como foi?

Frígida – Tudo bem, conversamos, ela preparou o café e nós nos conhecemos. Conversamos até sobre seu pai...

Filha – Faz muito tempo que você não fala do pai.

Frígida – É... eu me lembrei de quanto tempo estamos aqui... e, quando fui ver, estava falando toda a história. Mas, enfim, foi tempo passado. Graças a Deus as coisas mudaram, só Deus sabe o que poderia acontecer mais...

Paralelamente, em outro lugar do palco, à casa de Regina chegam seus 2 filhos; ela está na cozinha lavando a louça e arrumando as coisas para a janta. Ambos os filhos, depois de a abraçarem, sentam-se à mesa da cozinha.

Regina – Graças a Deus vocês chegaram, eu fiquei me perguntando onde é que vocês estavam! Kevin, onde você estava? Faz semanas que não respondo minhas mensagens! A Beatriz eu sei que estava viajando a trabalho, mas como chegaram juntos, hein?

Kevin – *(com um tom de desdém)* Eu também estava viajando a trabalho, mãe.

Regina – Viajando a trabalho?

Kevin – É.

Regina – Trabalho com o que, que história é essa?

Kevin e Beatriz se entreolham.

Beatriz – Mãe, o menino acabou de chegar. Dá um tempo um pouco.

Regina – Dá um tempo um pouco do quê? Mais tempo do que vocês já estiveram longe de mim?

Kevin – Mãe! Para de drama *(sorri e se levanta para abraçá-la)*.

Regina – Ora, é sério! Você volta e meia some, nunca sabemos como você está. Às vezes você é só uma memória aqui, isso sim!

Kevin – Meu amigo, o Bruno, me chamou para fazer um bico lá na cidade

dele, cê lembra dele?

Regina – Que Bruno?

Kevin – Aquele que frequentava o nosso bar direto, no outro bairro.

Regina – Ah... *(com um nível de preocupação e desgosto)* você anda sempre com gente estranha.

Kevin – *(pega uma fruta e vai indo para a rua)* Viu? Por isso prefiro não te falar as coisas.

Regina – Para onde você está indo?

Kevin – *(já longe)* Ali!

Regina vai até Beatriz em tom de repreensão.

Regina – Eu não sei por que você fica defendendo seu irmão! Só pode tá metida nas coisas estranhas dele também!

Beatriz – Ihhh, mãe, nem vem com essa! Eu não sei nada da vida dele nem quero saber. Se você estiver a fim de saber, é só abrir os olhos.

Regina – Am? Olha o jeito que você fala comigo, menina! Você tá achando que é quem, hein? Lembra que tu só tem teto pra voltar e uma comida pra comer porque eu ainda sou muito misericordiosa com você e essa sua displicência de viver e ir atrás das suas coisas.

Regina vai saindo do quarto.

Beatriz – *(em voz alta)* Até parece que você aguentaria a gente fora de casa!

Regina em sussurro, já longe do quarto, pergunta-se “será?”.

Kevin vai para a casa de Celso, onde Pontes está. Casa de Celso. Pontes e Celso estão conversando quando Kevin chega.

Celso – Olha quem chegou, finalmente!

Kevin abraça Celso e dá um aperto de mão em Pontes.

Kevin – E então, o que temos?

Celso – A gente quer fazer uma festa da comunidade e o Pontes tem uma loja, tá precisando de ajuda com coisas pra fazer isso aí.

Kevin – Que festa e que loja?

Pontes – Uma festa comunitária que faremos no mês que vem, dia 23, sábado. A minha loja “Parafinas&Parafernalias” é que vai patrocinar, temos materiais que vão ajudar a logística, montar barraquinhas e tudo mais para que os comerciantes de cada bairro possam se reunir e vender suas coisas. Celso me indicou você, porque disse que é um rapaz novo que está sem trabalho, então acredito que podemos nos ajudar.

Kevin – Entendi, e o que eu precisarei fazer?

Pontes – A proposta é que você seja meu auxiliar na loja, carregue produtos, entregue coisas, atenda clientes. O turno é incerto, não temos horários fixos

de abertura e fechamento, então será necessária uma disponibilidade em horários atípicos. O Celso disse que você faz qualquer tipo de trabalho, sim?

Kevin – Algo assim.

Pontes – Pois é, então podemos nos acertar a partir de amanhã?

Kevin – Pode ser. E o Celso, o que faz nisso tudo?

Pontes – Bom, ele tem seu dever de casa com a própria comunidade. Estamos planejando uma coisa, uma coisa grande, e ele precisa amansar sua população para acolher a ideia de uma possibilidade de expansão para ambos os bairros. Estamos em negociação com alguns empresários para poder estabelecer outros negócios aqui nas regiões, o que vai possibilitar mais empregos, mais oportunidades e mais demandas para a população.

Kevin – Que plano é esse?

Pontes – Se tudo correr bem, você saberá em alguns minutos!

Chega o empresário. Pontes se levanta e o cumprimenta, Celso o cumprimenta, Kevin permanece sentado e o empresário acena com a cabeça para ele, antes de se sentar.

Pontes – Que bom que está aqui, conseguiu fazer bom trajeto?

Empresário – É... relativamente bom. Difícil achar este lugar, hein? Me faz pensar a continuidade desta nossa negociação. O bairro ao lado é simplesmente terrível, não há asfalto em todas as ruas, casas de baixo padrão. Não me parece um lugar que renderia lucros para os negócios.

Pontes – Ora, que isso?! Eu sei que parece isso, mas acredite em mim quando digo que temos um cenário promissor!

Empresário – Espero que sim, Pontes. A infraestrutura é fundamental para qualquer empreendimento de sucesso. Preciso ver um retorno claro.

Celso – Nós sabemos disso. E é por isso que estamos trabalhando tanto para melhorar tudo. Com o seu investimento, podemos transformar completamente esses bairros.

Empresário – Ainda estou cético, mas vamos continuar conversando. Preciso ver algo concreto.

Pontes sorri, confiante, enquanto Kevin observa tudo com uma expressão de leve desconfiança.

Pontes – Estamos planejando uma festa comunitária que vai nos permitir levantar algumas informações sobre o engajamento das comunidades. Queremos ver quem são as pessoas que participarão, quantas pessoas, quantas vendas ocorrerão e, assim, poderemos ter um vislumbre do que podemos esperar para a chegada do seu supermercado!

Celso – É! A gente tá trabalhando muito pra isso dar certo, senhor. Estamos contratando pessoal, o Kevin ali vai dar uma mãozinha nesses movimentos todos, se é que me entende. Tá tudo indo bem, mas aqui... a gente está numa questão...

Empresário – O Kevin é o rapaz que está vendendo o terreno?

Celso e Pontes – Não, não!

Pontes – O Osvaldo é que venderá o terreno, ele não está aqui!

Empresário – Então a que viemos nos reunir?

Pontes – (*gaguejando... atropelando a explicação*) Para... a gente... talvez adiantar algumas conversas!

Empresário – Sobre o quê?

Celso – Como, por exemplo: e as papeladas com o governo, prefeitura ou coisa assim? A gente não devia tá vendo isso?

Empresário – As autoridades públicas são o menor dos meus problemas! Mas, veja, eu também tenho um questionamento: vocês não têm mais nada ao redor? Tem comércios? Escolas? Sistemas de transporte ou a abertura de novas vias que tornem a região mais acessível, aumentando o valor dos terrenos próximos?

Celso – Ah, sim, claro, senhor! Como eu estava dizendo antes, temos algumas escolas nas proximidades, o que traz bastante movimento de pais e crianças. Além disso, há pequenas lojas e mercearias, mas nada que possa competir com o seu supermercado. A prefeitura também está planejando abrir uma nova via de acesso que vai ligar o bairro diretamente à avenida principal, facilitando bastante o tráfego. Isso sem contar os novos empreendimentos residenciais que estão em construção. Cada condomínio terá aproximadamente 200 unidades, então estamos falando de um aumento considerável na população local.

Empresário – Interessante, Celso. Isso soa promissor, mas ainda preciso ver algo concreto. Vocês mencionaram uma festa comunitária, certo? Quero ver como vocês planejam executá-la e que tipo de engajamento realmente tem da comunidade.

Pontes – Claro, senhor! A festa comunitária será no dia 23, no sábado, lá no parque central entre os bairros. Estamos organizando barraquinhas para os comerciantes locais venderem seus produtos, atividades para crianças,

música ao vivo e até algumas apresentações culturais. Vai ser uma oportunidade excelente para ver o potencial da comunidade e como ela pode responder a novos empreendimentos.

Empresário – Isso parece uma boa ideia. Quero ver um relatório detalhado de tudo que acontecerá na festa, incluindo o número de participantes, vendas realizadas e feedback da comunidade. Isso será essencial para avaliar o potencial da área.

Celso – Pode deixar, senhor. Vamos cuidar de tudo isso e fornecer um relatório completo.

Empresário – Ótimo. E quanto ao Kevin, como ele se encaixa nisso tudo?

Pontes – Kevin vai nos ajudar na logística da festa e também na minha loja. Ele será fundamental para garantir que tudo ocorra sem problemas. Além disso, ele está bem conectado com a comunidade, o que pode ser muito útil para entender melhor as necessidades e expectativas locais.

Empresário – Muito bem. Kevin, espero que você esteja à altura da tarefa. Esse evento será crucial para nossa decisão de investimento.

Os três homens se levantam, apertam as mãos e continuam discutindo os preparativos para a festa comunitária. Kevin está desconfiado.

CENA V

Cena abre com Kevin carregando uma caixa de velas pela rua, caminhando em direção ao bairro de Pontes. Atravessa a encruzilhada. Regina e Frígida estão em suas respectivas janelas observando a cena. Regina está confusa, en-

quanto Frígida está incrédula, e seus olhares se encontram. Celso está surpreso.

Regina – O que esse garoto está carregando?

Celso aparece na esquina, também observando Kevin com uma expressão de desconfiança. Kevin passa com apreensão, sem entender os olhares atentos.

Celso – Kevin, o que você está fazendo?

Kevin – Carregando umas velas.

Frígida – *(olhando para Regina e murmurando para si mesma)* Eu sabia!

Regina – *(dirigindo-se a Frígida)* O que foi que você disse?

Frígida – *(olhando fixamente para Regina)* Eu sabia que tinha algo errado com vocês!

Regina – *(irritada)* O que você está insinuando, Frígida?

Frígida – *(erguendo a voz)* Não se faça de desentendida! Eu sabia!

Celso, ainda perplexo, olha de Kevin para Frígida e Regina, tentando entender a situação. Frígida vai até a loja de Pontes visivelmente irritada. Pontes está atrás do balcão, organizando alguns papéis.

Frígida – Pontes, eu quero saber o que está acontecendo!

Pontes – Esqueça isso, Frígida. Não tem nada com você.

Frígida encara Pontes, mas ele não se deixa abalar. Frígida volta para dentro de casa e vai direto ao telefone. Momentos depois, sem que Frígida pudesse ver, Kevin entra na loja carregando a caixa vazia.

Pontes – *(bruscamente)* Kevin, precisamos conversar.

Kevin – *(confuso e irritado)* O que foi?

Pontes – Eu disse para ser discreto! Não era para todo mundo te ver!

Kevin – Mas o que isso tem a ver, qual é o problema disso? Que chatice tremenda, meu! Eu fiz o que fiz porque era mais fácil, você não me dá um carro, uma moto, nada. Eu tenho que ficar fazendo essas coisas no braço.

Pontes – *(irritado com a situação e ainda mexido, responde com deboche)* Talvez eu devesse te dar uma arma, isso resolveria nossos problemas.

Pontes faz um gesto de desdém e vira as costas.

Kevin – E você pode?

E então Pontes tem uma ideia. Mas ele olha para Kevin e continua andando para fora da loja, onde se senta e abre o jornal. Celso vem chegando.

Celso – O senhor tem uma loja que vende velas, né?

Pontes – *(sem levantar os olhos do jornal)* Não é só isso, mas isso também.

Celso – Então você sabe quem é que acendeu a vela naquela esquina. Quem não lembraria de quem acende uma vela preta?

Pontes, por um momento, fica gélido, mas rapidamente se recupera, percebendo que Celso não o está acusando diretamente.

Pontes – *(desconversando)* As pessoas comprem de tudo na loja. Eu não presto atenção em cada detalhe. E como estão os preparativos para a festa?

Celso – *(desconfiado)* Ah, estão indo bem. Recebi uma ligação do empresário.

Pontes – O empresário? Por que ele está ligando para você e não para mim?

Celso – *(evasivo)* Não sei. Talvez esteja preocupado com os detalhes, assim como você.

Celso recebe uma ligação.

Celso – Preciso atender. Mais tarde passo aí.

Pontes observa desconfiado Celso sair da loja e ir para casa.

Celso chega em casa e se senta. Ele esfrega a testa, pensativo, enquanto observa uma fotografia de sua falecida esposa sobre a mesa. Começa a falar para si mesmo e para a fotografia.

Celso – Pontes... tem algo naquele cara que não bate. Sempre com aquele sorriso de canto de boca. Eu sei que ele tá aprontando alguma coisa. Não dá pra confiar nele, não agora. *(pausa, ele franze a testa)* E eu, aqui, tentando liderar tudo isso, balela. Às vezes acho que tô fazendo tudo errado, na verdade às vezes tenho certeza que não tô fazendo nada. Mas quer saber? Alguém tem que fazer o trabalho sujo, né? *(olha para a foto da esposa, com um leve sorriso)* Você sempre foi minha base, queria que cê tivesse aqui, essa seria uma das horas em que eu ia perguntar a você: “E agora, Maria? Que é que eu faço, hein?”. Eu prometi que ia seguir e vou seguir. Talvez não com todo mundo, mas eu vou seguir. Mas talvez seja a hora de ser o homem que você tanto brigava pra que eu fosse. Nunca entendi. É verdade que você tinha muito pra reclamar. *(olha-se no espelho)* O que eu tô fazendo agora, ó, é o que te faltava também... se olhar um pouco. Enfim. Preciso tomar uma decisão agora. Talvez você não vá gostar, mas eu espero que entenda. *(ele se inclina para a frente, com um olhar decidido)* Vou descobrir o que Pontes tá escondendo e vou resolver isso. Espero que você me perdoe pelas escolhas que eu vou fazer, mas vou proteger o que é nosso. Vou valorizar você, do meu jeito. *(levanta-se decidido)* E vou seguir em frente, com ou sem a aprovação de todo mundo. Faz parte do jogo.

No outro lado da cena, na casa de Regina, ela e seu filho Kevin conversam na varanda.

Regina – Que história é essa de você pra lá e pra cá com vela?

Kevin – Estava trabalhando com o Pontes, mãe. Que coisa! Por que todo

mundo tá criando caso com isso?

Regina – (*negativamente surpresa*) Estava trabalhando com o Pontes?

Kevin – Sim, qual o problema? Você não queria que eu tomasse jeito?

Regina – (*triste e desconfiada*) Por que você não me contou?

Kevin – Estou te contando agora.

Regina – Filho, essa gente não quer nosso bem.

Kevin – Ah, mãe, mais uma vez essas paranoias? Acabamos de chegar!

Regina – Pois é, e às vezes acho que nem deveríamos ter vindo!

Kevin – O que foi que aconteceu?

Regina – Nada, meu filho. Só agradeço que você não estava aqui, só Deus sabe para quem isso iria sobrar!

Kevin – Aconteceu algo com a senhora?

Regina – Senhora tá no céu, menino! ...Vou entrar pra casa agora antes que aquela megera ali do lado encasquete mais uma vez comigo, fica me olhando torto e toda vez tem uma gracinha pra dizer. Não bastasse esse negócio das velas... achei que estivesse tudo resolvido.

Regina vai para dentro de casa. Kevin retorna ao Pontes.

Pontes – Kevin, você sabe o que eu quero? Eu quero ser grande. Não, não só grande... Eu quero ser imenso. Tenho sonhos, rapaz, de ser um empresário de sucesso, de botar essa comunidade no mapa. E sabe de uma coisa? Eu sou mais esperto que o Celso. Ele tá sempre um passo

atrás, e ele nem percebe. *(Pontes faz uma pausa, olhando para Kevin com um sorriso confiante)* Aquele empresário com quem fizemos contato? É a nossa chance. A nossa chance de mostrar pra todo mundo do que somos capazes. Eu vou transformar essa oportunidade em algo muito maior do que eles podem imaginar. Vou ser o herói desta comunidade, o cara que tirou todo mundo do buraco. *(gesticula com as mãos, cada vez mais entusiasmado)* Sempre senti que tenho uma missão. Derrotar nossos inimigos, superar qualquer obstáculo. E eu tenho um plano, Kevin. Um plano que vai nos levar ao topo. Não se trata só de dinheiro ou poder. Se trata de construir algo que vai durar. Algo que vai mudar tudo. *(ele se inclina para a frente, olhando Kevin nos olhos)* E você, meu amigo, faz parte desse plano. Eu tenho algo grande reservado pra você.

Kevin – *(surpreso e desdenhoso)* Para mim?

Pontes – É, rapaz... você não é acostumado a sonhar não, né? Até imagino! É coisa da sua raça. Mas você vai ser meu braço direito, vai estar comigo em cada passo. Juntos, vamos fazer história! *(Pontes se recosta na cadeira, com um sorriso determinado)* Então se prepare. A jornada não vai ser fácil, mas a recompensa... Ah, a recompensa vai valer a pena. Vamos mostrar pra todos eles que subestimaram a pessoa errada.

Kevin – Eles quem? Que conversa mais estranha.

Pontes – *(continua sem responder)* E, quando tudo isso acabar, vão lembrar de nós. Vão lembrar do que fizemos. E nós, Kevin, nós seremos os heróis dessa história.

CENA VI

No outro lado do palco, a pedido de Pontes, Kevin está quebrando os canos de água do quintal de Frígida. Ela ouve o som e rapidamente vai ver o que aconteceu, sem ver quem era. Irritada, Frígida sai para comprar um cano novo na loja de Pontes.

Pontes – Sabe, Frígida, eu também ando desconfiado. Regina anda muito estranha ultimamente...

Frígida – Já era hora de você se tocar! Temos que fazer algo!

Pontes – Aqueles conhecidos que você tem da TV, por que não liga para eles?

Frígida – Para quê?

Pontes – Invente alguma história sobre aquele lugar. Sei lá... algo que os deixe constrangidos. *(lembra-se de algo e se anima)* Você se lembra daquela família que morou um bom tempo naqueles matagais lá de trás? Acho que a gente pode fazer com que pareça isso de novo.

Frígida – Isso não é muito sério?

Pontes – Ora, você não queria resolver a situação? A verdade é que aquele canto de lá nunca foi bem frequentado mesmo.

Frígida assente, volta para casa e, cada vez mais paranoica, começa a fazer ligações. Cena intercala as conversas rápidas com cinco pessoas diferentes, todas concordando em se unir a ela. Cena corta para a chegada de uma equipe de TV na casa de Regina.

Repórter – Estamos aqui, mais uma vez, na comunidade “Todos os Santos”, ao vivo, para poder reportar mais um caso de ocupação informal em terras não autorizadas. Da última vez, presenciamos cerca de 500 famílias que ocuparam locais próximos ao bairro nobre “Nova Orla”. Essas famílias invadiram uma grande área de mata que fica entre os bairros e permaneceram uma semana no terreno sob o argumento de que era uma terra sem donos. Naquele caso, um autônomo não identificado afirmou ser o dono da área e reivindicou seus direitos à Justiça, solicitando reintegração de posse. Hoje, recebemos informações sobre ocupações informais que estão sendo feitas em casas e edifícios inutilizados. Por isso, estamos com a Regina, que é uma das pessoas que está em uma das casas invadidas. *(dirige-se para a Regina)* E então, Regina, conte para a gente o que motivou a sua vinda e o que você sabe sobre outras possíveis famílias que estejam fazendo isso?

Regina – *(confusa e irritada, levanta a voz)* Mas que história é essa? Que loucura é essa?! Eu não tô invadindo casa de ninguém, não. Isso não é verdade. Não sei de quem você recebeu essa maldita informação, mas ela é falsa. Saiam da minha casa! Não ouvi nada sobre isso. Essa história não faz sentido!

Kevin vem chegando com algumas caixas do trabalho, sem entender o movimento em frente à sua casa.

Repórter – Olá, você deve ser o marido de Regina, sim? Poderia nos dizer o que motivou a sua vinda e o que você sabe sobre outras possíveis famílias que estejam fazendo isso, outras ocupações ilegais como a de vocês?

Kevin – Não sei de nada do que você está falando. E, não, não somos casados. Eu sou filho dela.

Repórter – O que carrega nesta caixa, são suprimentos para vocês? Conseguiram por doação?

Kevin – Não, isso aqui é do meu trabalho. Eu trabalho.

Repórter – Estão ocupando informalmente o território e possui trabalho?

Kevin – Que história é essa? Esse lugar é muito estranho.

Regina – Kevin, entra para dentro de casa! Anda!

Frígida observa tudo da janela de sua casa sorrindo maliciosamente. Cena fecha com Regina visivelmente irritada, que olha para a janela de Frígida, e a equipe de TV indo embora, deixando um clima de tensão no ar.

CENA VII

Narrador (o mesmo que faz o Kevin) – É o dia anterior à festa, Pontes e Celso estão estranhos, mas se comunicam o dia inteiro para agilizar as coisas. Ambos estão conscientes das desconfianças um do outro, mas estão mantendo uma fachada de colaboração. Conseguiram cerca de 20 comerciantes, o suficiente para fazer uma feira. Conseguiram palanques e equipamentos de som e áudio para as apresentações. Buscaram também os brinquedos de criança e confirmaram as parcerias com outros comércios ao redor. Para a cerimônia de abertura da festa, eles alinham seus discursos, planejando destacar os esforços conjuntos e enfatizar a importância da união para o progresso do bairro. Este momento pode ser um ponto

crucial para mostrar as diferentes motivações de ambos os personagens: Pontes, focado no poder e reconhecimento; e Celso, mais preocupado com a integridade e o bem-estar da comunidade. No dia seguinte, eu acordaria e descobriria: não há gente pior que aqueles que se parecem com a gente, mas usam outro nome para se identificar.

CENA VIII

A festa está em pleno andamento. Palcos montados, barracas de comida e brinquedos para crianças ocupam o espaço. Pontes e Celso se preparam para fazer seus discursos, cada um com suas intenções ocultas.

Pontes – *(ao microfone)* Amigos e amigas de Todos os Santos, hoje é um dia especial! Estamos aqui não apenas para celebrar, mas para mostrar ao mundo o potencial desta comunidade! Com união e determinação, podemos construir um futuro melhor para todos nós!

Celso – *(também ao microfone)* É verdade, Pontes. Hoje é um dia para reconhecermos o valor de cada um de nós. Esta festa é um marco de cooperação e progresso, algo que precisamos manter vivo em nosso dia a dia.

Enquanto Pontes e Celso discursam, a tensão entre eles se torna palpável. Alguns membros da comunidade começam a perceber as diferenças sutis em suas mensagens.

Pessoa da comunidade de Celso – *(em voz alta)* Celso, você não entende

nada sobre esta comunidade! É por isso que estamos estagnados há tanto tempo! Vocês do lado nobre da cidade acham que podem nos dizer o que é melhor para nós? Não vamos mais aceitar isso!

Celso fica constrangido. Pontes não intervém. Enquanto isso, Pontes e Celso se encontram para discutir a situação.

Celso – Pontes, o que foi aquilo lá atrás? Por que não falou nada?

Pontes – Ah, Celso, às vezes é preciso mover as peças certas para alcançar nossos objetivos. Você deveria saber disso.

Celso – Eu não sei de nada. Mas sei que você tem planos com o rapaz, planos que não me contou. Você está usando ele.

Pontes – Você é ingênuo demais. Kevin não passa de um peão neste jogo. E parece que você não entende que precisamos de um inimigo claro para unir essa comunidade.

Enquanto discutem, Pontes disca discretamente para a polícia.

Pontes – Veja, é assim que vamos começar a resolver tudo!

Pontes mostra o celular ao Celso.

Celso – Como isso pode resolver alguma coisa para nós?

Pontes – De fato, Celso, para vocês eu não sei, mas, para nós, sim. Há uma mancha que precisa sair para que tudo dê certo. *(continua ao telefone)* Oi, sim, aqui é Pontes. Precisamos de uma intervenção urgente no território ao lado. Há várias ameaças à segurança pública lá, estamos realizando um evento comunitário e existem pessoas estranhas circulando por lá e causando brigas.

Celso – O que é que você tá fazendo, cabra? O que é isso?!

Enquanto isso, Kevin está ajudando nos bastidores, empacotando algumas coisas para a festa em uma mochila que Pontes lhe deu às pressas. Entre os itens da mochila, Kevin descobre drogas e uma arma.

Kevin – O que é isso? O que você está fazendo comigo, Pontes?

Pontes – Um mal necessário, Kevin!

Kevin aponta a arma para ele. Os três em choque. A polícia chega de forma repentina, cercando o local da festa. Eles avançam diretamente para Kevin, agindo com decisão.

Policial – *(gritando)* Mãos para cima! Largue essa arma ou atiraremos.

Afastando-se, mais ao longe, Celso e Pontes observam.

Celso – Você usou o Kevin para plantar drogas e uma arma na festa, não

foi? Você está arriscando a vida dele!

Pontes – E você, Celso, está olhando errado, onde não há um inimigo.

A cena se transforma em um caos enquanto Regina, horrorizada, tenta intervir e proteger seu filho. Ela chora e grita desesperadamente, mas é afastada pelos policiais. A notícia se espalha rapidamente entre os moradores da comunidade, gerando desconfiança e divisões profundas.

CENA IX

Narrador (o mesmo que faz o Kevin) – Dois dias depois do evento, Celso, de sua casa, não espera que a poeira abaixe e liga para o empresário sem que Pontes saiba. Acreditando que essa seja sua única chance de fazer algo que preste, ele mente sobre os números dos relatórios financeiros do evento, inflando-os para impressionar o empresário e conseguir vender sua própria casa em Todos os Santos, não mais o terreno de Osvaldo em Nova Orla. Mal sabe ele que essa não seria a melhor decisão; sem querer, iria cumprir o que o Pontes queria.

Celso – *(ao telefone)* Sim, o evento foi um sucesso estrondoso. Conseguimos envolver toda a comunidade e demonstrar nosso potencial de crescimento. Tenho certeza de que isso será um ótimo investimento para você. Quando você gostaria de finalizar a compra?

Pintura que fiz & **MAGIA QUE QUERO TER**



BETINA OLIVEIRA PINHEIRO



Betina tem 19 anos. Cria desde criança, seja histórias, para cinema, teatro, música, HQs ou desenhos animados. Começou a testar seus roteiros fora do papel nas oficinas de teatro, e percebeu a magia de materializar uma obra própria. Desde então, está decidido a se aprimorar cada vez mais nas múltiplas artes que admira e ama. Estudante de Teatro (FAFI) e Comunicação Social (UFES), se prepara para trabalhar profissionalmente enquanto atriz, roteirista e cineasta.

Desde crianças, as primas-irmãs Medea e Anahí vivem na mansão Kórdis junto com os proprietários: Pothos, Anteros e Béroe – três irmãos nobres e ricos. Apesar do aparente privilégio, elas estão longe de usufruir de fato as regalias de uma vida abastada, e sim sujeitas a cuidar de todos os afazeres domésticos, a fim de “recompensar a simpatia” dos senhorios. Com a chegada de um afastado membro da família à residência, Medea e Anahí preocupam-se com as mudanças que hão de acontecer e questionam a rea-

lidade de suas vidas. A casa se torna mais movimentada e as relações ali dentro passam por inegáveis transformações, assim como os pensamentos e as atitudes das primas-irmãs.

PINTURA QUE FIZ & MAGIA QUE QUERO TER

Betina Oliveira Pinheiro

Personagens:

MEDEA – Prima mais velha de Anahí, irmã de criação. Deixada na mansão Kórdis ainda criança pela mãe e colocada sob a tutela de seu padrinho, Anteros. Sempre foi esperta, inteligente e aprendeu fácil, fora lecionada em casa por Pothos e procurava aprender de forma autodidata buscando livros na biblioteca da mansão. Impedida de continuar a se dedicar aos estudos para, em vez disso, cuidar dos afazeres domésticos. Tenta mentir para si mesma que está tudo bem e agir conforme o esperado pelos senhores, mas sente-se fraca, vulnerável e perturbada por sua atual situação. Uma mente analítica, busca sempre ser cautelosa, mas sem deixar de ser curiosa.

ANAHÍ – Prima mais nova de Medea, irmã de criação. Deixada na mansão Kórdis ainda criança pela tia e colocada sob a tutela de seu padrinho, Anteros. Anahí tem uma personalidade forte e rebelde, nunca deixou de mostrar isso, mas agora tenta ser mais zelosa ao exercer sua rebeldia. Assim como a prima-irmã, foi lecionada em casa por Pothos, mas impedida de continuar a se dedicar aos estudos para, em vez disso, cuidar dos afazeres domésticos. Como autoproteção, tenta ‘andar na linha’ com seus ‘patrões’ (mas isso dificilmente acontece sem que ela não se estresse). Usa as tintas e telas que rouba

do estúdio da mansão para criar pinturas, sua terapia particular e diária.

BÉROE – A irmã mais velha de Pothos e Anteros, mãe de Aristella. Mascara-s e como alguém excepcionalmente alegre, amável e atraente; cobrindo seus traços narcisistas, esnobes e megalomaniacos. Comanda tudo o que acontece na mansão, nada acontece sem que ela saiba (ou pelo menos ela pensa assim). Com a chegada de sua filha bastarda, Béroe teme perder o posto de “*socialite* mais cobiçada da região”, então trata de arranjar pretendentes para Aristella e casá-la o quanto antes. Vive como um troféu inalcançável, com uma obsessão em ser admirada.

ANTEROS – O irmão do meio da família Kórdis (mais novo que Béroe, mais velho que Pothos), padrinho de Medea e Anahí. Assumiu o papel de cuidador das prima-irmãs após o sumiço das comadres. Passa a maior parte do tempo fora de casa devido às altas demandas do trabalho como ator, e acaba por não vivenciar o dia a dia de suas afilhadas, deixando-as com Pothos e Béroe constantemente. Anteros é relapso, agitado e tenta focar múltiplas coisas ao mesmo tempo, além de ter eventuais ataques súbitos de sono (narcolepsia). Altruísta, bem-humorado e audacioso.

POTHOS – O irmão mais novo de Béroe e Anteros. Um ser soturno, costuma se isolar na biblioteca da mansão e aparecer repentinamente – de modo quase fantasmagórico – em pontos aleatórios da casa ou soturnos como ele. Performa uma imagem de “pobre coitado”, solitário e melancólico, mas consegue facilmente despertar seu lado manipulador, ardiloso e galanteador. Pothos é um grande entusiasta da leitura, professor e historiador que está tirando um período sabático. Ama importunar Medea e Anahí em seus afazeres ou momentos de descanso, sempre que possível, ele estará lá.

ARISTELLA – Filha bastarda de Béroe. Nascida de um caso amoroso que

Béroé teve em sua juventude, foi cuidada pela mãe até os 3 anos de idade e, logo após esse período, passou a viver com o pai e a madrasta e a ser criada por eles, com apenas algumas visitas esporádicas da mãe. Agora que se formou no Ensino Médio e atingiu a maioridade, decidiu se aproximar da mãe e da família materna e se hospedar na mansão Kórdis. Aristella é curiosa, bem-humorada e audaciosa.

GAITHO HUBERT – Mago de Assistência de Danilo Pimentel. A família Hubert serve os Pimentel há gerações com os melhores magos, que devem zelar pelos herdeiros Pimentel e os auxiliar atendendo demandas mágicas e feitiços. Mesmo sabendo da tradição, Gaitho detesta seu trabalho, ele anseia e planeja o dia de sua revolta e será o regente de sua sina. Como esse fatídico dia ainda não chegou, ele acompanha Danilo em mais uma casualidade. Inteligente, autoconfiante, bondoso e gentil.

DANILO PIMENTEL – Um abastado jornalista da região. A convite de Béroé, Danilo foi chamado para se hospedar na mansão Kórdis e cortejar Aristella – visando ao casamento o mais cedo possível, ele aceita a proposta, mas seu fácil assentimento esconde suas verdadeiras intenções. Danilo se interessa em investigar a família anfitriã, em busca do que muitos vizinhos dizem ser o “amuleto da sorte” dos Kórdis: a **Cornucópia de Corações**. Acurado, intrometido, folgazão e barganhador.

CENA I

Cenário: Sala de estar

Medea – (*entra apressada*) Anahí! Anahí, cadê você?!

Anahí – *(deitada no sofá, acorda o corpo e se senta. Resmunga)* O-oi...

Medea – *(espanta-se)* Ai, Anahí! Deitada no sofá uma hora dessas?! Imagina sete veem assim!

Anahí – Me deixa, Meds! Tô cansada, não preguei o olho essa noite...

Medea – Ah, mas eu imagino! Você inventou de corrigir aquela pintura no meio da madrugada, não esperou nem a tinta secar.

Anahí – Você não sabe de nada mesmo. Tinta a óleo se corrige antes de secar, a madrugada foi o momento perfeito pr aquele quadro!

Medea – Bom, mas pelo menos você fez algo por essa casa?

Anahí – E desde quando existe o “não fazer algo pela casa”? *(suspira)* Que que é que você chegou toda angustiada, hein?

Medea – Ah, claro! *(mostra um envelope amarelo)* Olha...

Anahí – *(levanta motivada)* Uma... uma carta. Certo?

As duas se olham nos olhos com emoção.

Anahí – Você acha que é dela?

Medea – Eu não... Não sei. A julgar pela cor, esse é um daqueles envelopes pra quando se quer comunicar membros da família, né? *(Anahí faz que sim com a cabeça)* Não chega um envelope desses nessa casa há muitos anos...

Silêncio.

Medea – (*sacode a cabeça em negação*) Deve ser só loucura minha! Desculpa, Ana... Vai varrer a cozinha!! (*tenta sair correndo*)

Anahí – Ei! (*segura-a pela mão*) Calma, você pelo menos viu se está escrito quem mandou a carta?

Medea – Não tem remetente.

Anahí – Ora, pois então abra!

Medea – Anahí, Não se faz uma coisa dessas! Imagine se não for ela, que constrangimento vai ser explicar que eu bisbilhotei uma carta dos donos da casa.

Anahí – (*ri*) Não aparece uma carta de familiares há ANOS nessa casa, você acha que tem algum parente querendo contato com os...

Pothos surge no fundo do cômodo, um canto escuro, ele anda até o meio da sala.

Pothos – Bom dia, queridas!

Anahí e Medea – (*assustadas e constrangidas*) B-bom dia, senhor!

Pothos – Senhor? (*ri*) O que deu em vocês?! (*boceja*) Parece até que foram pegas no flagra. Não preciso dessa formalidade toda, não sou que nem minha irmã. (*ri sarcástico*)

Medea – Acordou cedo hoje.

Pothos – (*espreguiça*) Também achei. Espero que duas da tarde se torne meu novo habitual (*senta-se largado no sofá*). Ai, ai, deve ser meu instinto

de irmão mais novo, quero me despedir de Anteros antes dele sair. Por falar nele, cadê o padrinho de vocês?

Anahí – Ele foi pro próprio quarto se arrumar depois do almoço.

Pothos – (*tenta enxergar o que Medea esconde com os braços pra trás*) Aê? E qual o almoço de hoje?

Medea – Suflê de camarão, pra você.

Pothos – AH, QUE ÓTIMO! Meu favorito!

Anahí – (*para Medea*) Me dopei de anti alérgico depois de cozinhar, acho que foi por isso que dormi...

Pothos – O que disse, meu bem?

Anahí – Perguntei o que estava lendo antes de dormir.

Pothos – Ah, sim, comecei a me interessar mais por tragédias gregas, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes. Iria me despertar o interesse, uma hora ou outra. Sabia que meu nome e o dos meus irmãos vêm do grego? (*ri*)

Anahí – (*sorrindo forçado*) Claro...

Anteros desce as escadas correndo.

Medea – (*sorrindo*) Padrinho!

Anteros – (*afobado*) Ai, ai, ai, ai, ai, ai, daqui a 30 minutos o carro da produtora chega! (*espirra*) Pothos, vá tomar um banho! Esse seu cheiro de guardado me causa alergias!

Pothos – Bom dia, irmão.

Anteros – Bom dia? Uma hora dessas?! Dormir no porão te fez perder completamente a noção de dia, zero senso de luz solar. Não sei por que ainda insiste nisso!

Pothos adormece no sofá.

Medea e Anahí – Padrinho!

Anteros – Ah, claro! Minhas queridas, deixem-me me despedir de vocês devidamente (*abre os braços para um abraço*) .

Medea – (*sussurra para Anteros*) Padrinho, precisamos conversar em particular...

Anteros – O quê ? Ah, mas... Isso vai tomar muito tempo, pequenas? Eu ia revisar o roteiro, acho que o diretor está de marcação comigo!

Anahí – Padrinho, (*fala baixo*) chegou uma carta para familiares.

Anteros – (*ri, olha para Pothos para ter certeza de que ele adormeceu*) Só pode ser um engano, meus amores, essa casa não recebe cartas de parentes do clã há pelo menos uma década.

Medea – Mas e se for... da mamãe?

Silêncio.

Anteros – Ah, bom, sendo assim... Cadê esta carta?

Medea – (*entrega o envelope*)

Um grito estridente ecoa da escada, todos se exaltam de susto. É Béroe, ela começa a ir em direção à sala de estar.

Béroe – (*choramingando*) AI, QUE LÁSTIMA!

Todos a olham. Silêncio.

Béroe – AI, QUE PESADELO! (*chora falso*)

Silêncio.

Béroe – COMO MALTRATA ESTA LAMÚRIA! (*olha indignada para aqueles da sala*)

Silêncio.

Béroe – Será que não basta o sofrimento que carrego? Devo eu guardar todo este sufoco apenas em meu âmago?!

Anteros – O que te aflige, minha irmã?

Béroe – Ah, Anteros, ainda não foi?

Pothos – Não deu nem tempo do coitado escapar. (*Béroe o acerta com um*

grande leque) AI!

Béroe – Idiota... Ai, mas, irmãozinho, você não para o suficiente, né? (*com voz rígida*) As criadas pelo menos te serviram direito?

Anahí – AS O QUÊ?

Anteros – BÉROE, não as chame assim! Ora, estão apenas sendo simpáticas, poxa vida. Não têm a menor obrigação de nos fazer o banquete que fizeram hoje. Por sinal, adorei essa surpresa, pequenas! Quem me dera fosse assim todo dia (*ri*).

Anahí – É que você não está aqui todo dia. (*Medea a belisca*) Ouch! (*dá um tapinha na perna da prima*)

Béroe – Bem, sem perder o foco do meu honorável sofrimento!

Béroe se joga no sofá, deitando brutal e elegantemente em seu irmão.

Béroe – Ontem à noite (*ela abre o enorme leque e começa a se abanar*), eu fui a meu mago de confiança, solicitei o de sempre: um feitiço premonitório de sonhos, daqueles que se coloca embaixo do travesseiro enquanto dorme. Após minha rotina dedicada de auto cuidado noturno, adormeci naturalmente (*todos começam a adormecer com suas palavras*). Foi um ótimo sonho, tranquilo demais, não vi uma revelação sequer. ATÉ QUE (*num grito estridente, todos acordam*) a cordei, e, quando acordei, no exato instante, eu ouvi uma vozinha dentro da minha mente, ela dizia: **“O retorno de um familiar. Declínio”**.

Pothos – Nossa... É, eu me assustaria também.

Béroe – *(levanta com tudo, de pé novamente. Estridente)* POIS É! Ai, mas é agora que eu quero mesmo toda essa parentada longe de casa! *(ri)* Que isso na sua mão, Anteros?

Anteros – NADA! *(esconde atrás de si)*

Silêncio.

Medea – *(sussurra para Anteros)* Padrinho, me dê!

Béroe – Anteros, sou sua irmã mais velha. Eu vi este envelope e o quero na minha mão.

Anteros – Irmãzinha, eu acho que não é necessário... EI! *(Béroe toma o envelope da mão do irmão, abre e começa a ler a carta em voz alta para os demais)*

Reproduz-se um áudio com a voz de Aristella narrando a carta simultaneamente .

“Vale do Cardamomo, 2 de Agosto

Olá, Béroe

Como você bem sabe (pelo menos eu espero que você saiba), eu acabei de me formar. Eu acredito que você saiba, essa semana chegou um pacote com uma caixa de chocolates com um bilhete escrito ‘Desculpa’ e uma carinha triste, eu não sei exatamente se foi um pedido de desculpas por não ter vindo na minha formatura ou por não me visitar há mais de um mês.

Enfim, depois da viagem pro Templo Cardamomo que fiz com o papai e a mamãe Mônica, eu senti que devia tentar falar com você (mais uma vez). Você vivia me dizendo que parte do nosso afastamento era culpa minha, por eu ‘não tomar iniciativa de ir até aí sozinha’, mesmo sendo menor de idade e estar proibida por lei de fazer uma viagem interestadual desacompanhada de um adulto. Enfim, isso mudou! Hoje (literalmente hoje) sou maior de idade, agora vou esperar sua carta de ‘Parabéns’ ou ‘Desculpa por não ter ido’.

Estou mandando a carta com antecedência, creio que chegue a tempo. Daqui a 16 dias estarei aí com você e meus tios, só nós 4!

Com muita esperança de nos conectarmos,

Sua filha, Aristella

P.S. Preciso que você me lembre o nome dos meus tios.”

Béroe desmaia, os personagens se desesperam para segurá-la e acudi-la . Luz se apaga.

CENA II

Cenário: Suíte de Béroe; Sala de estar

Pothos – Irmã?

Béroe começa a acordar, confusa. Pothos acaricia a cabeça da irmã com ela ainda sobre seu colo, deitada em cima da cama.

Medea – *(sussurra para Anahí)* Ai, tá vendo... Eu devia ter deixado aquela coisa quieta, não devia ter me metido.

Anahí – A resposta já ia cair pra gente, Meds, sempre cai... É decepcionante não ser a carta da sua mãe, mas pelo menos derrubou a coroa (*ri*) .

Medea – Ana! *(suspiro de lamúria)* Mas eu pensei que agora finalmente tinha chegado a hora, que as coisas iam mudar...

Anahí – E vão, né, mas acho que pra pior.

Pothos – *(interrompendo)* Um copo d'água, por favor!

Medea serve um copo de água do jarro que há no quarto, entrega a Pothos. Ele senta a irmã na cama, leva o copo à boca dela. Medea volta para o lado de Anahí.

Anahí – *(ainda falando baixo, tentando manter privacidade)* Sei que a gente evita tocar nesse assunto, mas você acha que um dia isso vai acabar?

Medea – Isso o quê ?

Anahí – ISSO. Tudo isso que vivemos desde que moramos aqui!

Medea – Se não acabar, acho que nós que acabaremos.

O silêncio entre as primas-irmãs é preenchido pelo balbuciar indecifrável de Béroe.

Medea – Não sei se quero esperar isso acabar comigo...

Anahí – Eu também não...

Béroe dá um grito agudo, assustando a todos. Pothos se afasta da irmã.

Béroe – SE ELA SÓ CHEGARIA 16 DIAS DEPOIS DO ANIVERSÁRIO DELA, ENTÃO... ENTÃO...

Barulho de campainha.

Béroe – Onde está Anteros?

Pothos – Ele saiu já tem um tempo.

Béroe – Ah, esse inútil! INSENSÍVEL! Não é possível que já seja ela, Anteros deve ter esquecido as chaves e voltou pra pegar.

Anahí – Não esqueceu, não.

Medea – (*afirma com a cabeça*) Eu mesma entreguei as chaves na mão do padrinho.

Barulho de campainha.

Béroe – Então... Então, se é hoje...

Barulho de campainha.

Béroe – SUAS IMPRESTÁVEIS! O QUE AINDA ESTÃO FAZENDO EM MEU QUARTO?! ANDEM LOGO E DESÇAM PARA A SALA, RÁPIDO! Me ajuda a levantar, Pothos, vou descer com essas duas.

Todos saem do quarto, eles descem para a sala. Transição de cenário: apagam-se as luzes, o ambiente se enche de barulhos de campainha e “PERA AÍ!”, “JÁ VAI!”, “DESCE LOGO!”.

Anahí – Vai, Medea! Abre a porta.

Béroe – NÃO! **Eu** abrirei. Vocês duas se ajeitem como puderem, não quero que Aristella pense que a classe da casa caiu.

Béroe anda até a porta, recompõe-se e a abre. Ali atrás está sua filha, Aristella. Todos olham curiosos.

Aristella – Mãe?

Béroe – Aristella...

Aristella – O-oi... Tá tudo bem?

Béroe – (*calorosa*) Ah, claro que sim, Pulguinha! (*puxa para um abraço*)
Você não faz ideia do quanto senti sua falta!

Aristella – Nossa, aqui é bem maior do que eu lembrava!

Béroe – Você não vem aqui desde bebê, é normal.

Aristella – (*soltando-se do abraço*) Meus tios estão aqui?

Béroe – Só Pothos, Anteros foi trabalhar. Você lembra dos rostos deles?

Aristella entra em casa ; ela, Medea e Anahí se entreolham e se espantam.

Aristella – Uou... Você não me disse que meus tios tiveram filhos.

Béroe – E não tiveram. Elas são, são...

Medea – Somos afilhadas do seu tio Anteros, viemos morar aqui ainda crianças. Pelo visto, desde que você saiu...

Anahí – Nós também não sabíamos que a Béroe tinha uma filha.

Aristella – Como não sabiam?

Béroe – QUIETAS! (*sem graça*) Ah, quer dizer (*pigarreia*), estas são Medea, a mais alta, e Anahí, a baixinha ali. (*fala com rancor*) Elas já se apresentaram, me interrompendo, mas não te perturbarão, Pulguinha!

Pothos – Ninguém perguntou, mas eu sou seu tio Pothos. (*acena com a cabeça*)

Aristella – Ah, tio!

Béroe – Tive uma ideia! Foco na família, a mamãe e o tio irão reapresentar a casa. Enquanto isso, Medea e Anahí farão o FAVOR de ajeitar uma caminha bem gostosa pra você no meu quarto! Perfeito?

Anahí – (*com deboche*) Sim, senhora Béroe. A gente vai ajeitar uma caminha bem gostosa pra Pulguinha.

Béroe – Malcriada! (*ri constrangida*) Foi só uma brincadeira, brincamos

muito assim aqui em casa. Vamos! (*puxa Pothos e Aristella pelo braço*)

Medea e Anahí sobem para organizar o quarto de Béroe. Béroe e Pothos guiam Aristella por um tour na mansão Kórdis.

CENA III

Cenário: Suíte de Béroe

Medea e Anahí estão no quarto de Béroe arrumando o cômodo para receber Aristella, preparando as camas e organizando as malas de Aristella e as roupas de ambas nos armários.

Anahí – (*arfa*) Mais roupa pra lavar, mais um paladar pra agradar... (*joga-se no colchão de Aristella*)

Medea – Sai daí, Anahí! (*ri e arremessa o travesseiro na prima*)

Anahí – A patricinha vai ter que se acostumar com o meu cheiro, de um jeito ou de outro. (*suspira*) Pelo menos não nos expulsaram do nosso quarto pra dar a ela, por enquanto...

Medea – Por que será que a gente nunca soube dela? Como ela ficou tanto tempo longe dessa menina e deixou ela longe daqui esses anos todos?

Anahí – Segredos de Béroe, você sabe como essa perua é misteriosa. Segredos dentro de segredos.

Medea – Como uma mãe consegue fazer isso, hein?

Anahí – Meds, sua mãe deixou nós duas aqui nessa casa doida e não voltou

até hoje.

Béroe entra com tudo no quarto, Anahí se assusta e rapidamente se levanta da cama de Aristella.

Béroe – (*arfa*) Cansei...

Anahí – Tudo bem, dona?

Medea – Cadê sua filha?

Béroe – Pothos assumiu a guia d o passeio. (*urro*) Não consigo aguentar tanto tempo, vou ter que me acostumar com mais uma adolescente em casa, não tenho a mínima paciência. (*suspira*) Eu desaprendi a ser mãe, criaturas...

Béroe se joga numa poltrona, cansada.

Medea – Bom, nós fizemos o melhor que podíamos. Espero que esteja confortável o suficiente para a estadia dela! (*sorri*)

Anahí – Inclusive, quanto tempo a mo cinha planeja ficar aqui, hein?

Béroe – Olha, eu vou ignorar o seu jeitinho de intrometida, já estou MUITO cansada! Mas já aviso que Aristella não vai ficar aqui por muito tempo, eu já estou articulando tudo.

Medea – Articulando?

Anahí – Ela parecia carente demais pra já estar com uma volta definida.

Béroe – E ela não estava, mas eu já determinei. Sabe, eu não tenho mais vocação para lidar com essa menina, nem quero ter. Ainda mais com essa mensagem que recebi no meu sonho, não posso me dar ao luxo de perder todo o meu *status*!

Anahí – (*ri*) E que *status* você perderia?! O que não falta é símbolo de *status* nessa casa.

Béroe – Não se trata de bens materiais, fedelha! *Status* é muito mais do que isso, é sobre uma reputação construída durante ANOS com muita dedicação performática! Ou achas que sou a “*socialite* mais cobiçada da região” à toa? Uma aliança em minha mão tem seu valor DECUPLICADO! Não tem um ano em que não me peçam em casamento. (*ela ri orgulhosa*)

Medea – Mas, se você se garante tanto assim, por que o medo?!

Béroe – (*irritada*) Vocês só podem estar se fazendo de sonsas! Com Aristella aqui, a solteira mais cobiçada passará a ser ela, sem contar que pensarão que já fui desposada. Só tenho a perder, “declínio”!

Béroe se levanta da poltrona e vai até sua penteadeira, começa então a mexer e remexer em sua pele. Medea chama Anahí para ficar junto de si, a mais nova percorre o quarto até a prima.

Anahí – (*sussurra*) Não tem nem um dia que essa menina chegou e a perua já tá surtando! Já tem até destino pra “Pulguinha”.

Béroe – O que importa é: teremos visitas importantíssimas pelos próximos dias, portanto quero total dedicação ao serviço, OUVIRAM?! Estou falando de herdeiros muito bem- afortunados, todos serão convocados em sigilo.

Medea – Segredos dentro de segredos...

Béroe – O que disse?!

Medea – (*suspira, bate o pé e diz firme*) Béroe, cadê a minha mãe?!

Béroe – Sua mãe?! E por qual razão eu deveria saber disso? Eu já sou extremamente generosa de dar um teto e alimento para duas megeras como vocês, por esses anos todos! Não tenho culpa se sua mãe é uma relapsa, sem noção, que não liga pra você. (*sorri cínica*) Deve ser um mal de família, né? Você lembra por que ela foi embora, não lembra?

Medea tenta esconder que começa a chorar.

Béroe – Anda, Medea, diga em voz bem alta o porquê de te abandonarem aqui. É uma ordem.

Medea – A mamãe foi atrás da irmã dela...

Béroe – Ah, é? E por que a irmázinha dela fugiu, hein?

Medea – Ela foi atrás do namorado, o pai da Anahí...

Béroe solta um riso sarcástico alto.

Béroe – Mas é claro! A mãe desnaturada da Medea foi atrás da mãe desnaturada da Anahí! Que gracinha... É melhor vocês não pensarem em ter filhos, talvez seja genético. Ainda mais alguém com o seu nome, Medea. (*ela ri mais uma vez*) Mas você é burra demais pra entender, né?

Medea chora, enxugando o rosto repetidamente numa esperança falha de esconder as lágrimas. Anahí a abraça, quase chorando.

Béroe – E EU ESPERO QUE NADA DO QUE FOI FALADO AQUI SAIA DESTE QUARTO! Aristella JAMAIS deve saber, ela sairá daqui e sairá casada!

Medea – E nós?! (*acalma-se*) Quando sairemos daqui?

Silêncio.

Béroe – (*ri com desdém*) Quem sabe algum dos meninos não te compra e te leva daqui?! Olha, mas acho que você já é crescida o suficiente pra saber que não devia confiar seus sonhos mirabolantes nas mãos de qualquer um.

Béroe sai do quarto. Cena se encerra.

CENA IV

Cenário: Quartinho de Medea e Anahí

Anahí e Medea entram em seu quarto cabisbaixas após a conversa esmorecedora com a senhoria. O quarto é um ambiente pequeno, uma cama em cada parede – lado direito de Medea e o esquerdo de Anahí, ao lado da porta. O lado de Anahí é relativamente bagunçado, repleto de quadros e tintas. O lado

de Medea é simples e organizado, chega a ser até vazio. Na parede no fundo do quarto, um belo vitral colorido, com janelas que podem ser abertas.

Anahí – Não vamos deixar isso nos consumir, Meds! Essa perua de quinta categoria não pode ter controle sobre nossas mentes, já basta tudo o que temos que aturar na rotina.

Medea – Tá tudo bem, Ana. Já devíamos estar acostumadas... Eu só queria um sinal, mas eu fui estúpida de pensar que justo a Béroe poderia agregar algo.

Anahí – Não me surpreenderia nada se estivessem escondendo algo sobre o paradeiro delas.

Medea – Nunca seremos importantes o suficiente para conseguir a simpatia ou o respeito deles...

Anahí – Você é mais do que suficiente, Medea! Você é minha prima, minha irmã e praticamente minha mãe, me cuidando esses anos todos.

Elas se abraçam por um bom tempo.

Anahí – Vou fazer uma pintura pra você! O que você quer?

Medea – (ri) Não precisa!

Anahí – Vou fazer, sim! Que tal um retrato? Não lembro qual foi a última vez que fiz um seu.

Medea – (sorri) Boba!

Anahí começa a juntar os materiais: cavalete, tela e um lápis. Ela começa a desenhar.

Anahí – Sabe o que eu notei? Uma pintura minha sumiu daqui do quarto, você mexeu nela?

Medea – Não. Já olhou embaixo da cama?

Anahí – Olhei, que esquisito...

Silêncio.

Anahí – O que você achou da Aristella?

Medea – (*dá de ombros*) Parece uma pessoa boa, e curiosa. Não tenho muito o que falar ainda, mal falamos com ela, mas sinto uma aura amável ali!

Anahí – Ao contrário da mãe? (*ela ri*)

Medea – (*ri*) Totalmente!

Anahí – Pelo visto elas tiveram um relacionamento não muito admirável, pra não falar nada pior. E essa coitada ainda vem **sozinha** pra uma casa cheia de pessoas que ela nem lembra os nomes e se depara com outros dois estranhos.

Medea – E você, Ana, o que achou dela?

De repente, a porta abre com tudo. Aristella entra completamente avoada, olhando para o alto, e percebe que entrou onde não devia, ela dá um pulinho

de susto. Medea e Anahí permanecem estáticas, silenciosas e confusas.

Anahí – Tá... Tudo bem?

Medea – Você tá perdida, mocinha?

Aristella – A-ah, me desculpem! Eu-eu não devia ter...

Aristella nota que Anahí faz um desenho.

Aristella – Que lindo!

Anahí – O quê ? Ah ! Obrigad a... (*envergonha-se*)

Aristella – É a sua irmã? Vocês são irmãs, né?

Medea – Por sangue, somos primas, mas com certeza somos irmãs. (*Anahí afirma que “sim” com a cabeça*)

Aristella – Irado! Como vocês se chamam mesmo?

Anahí – Anahí.

Medea – Medea.

Aristella – Belíssima escolha de nomes! Os pais de vocês devem amar demais.

Um silêncio beirando o constrangimento.

Aristella – Então seu nome é Medea? Igual à feiticeira? QUE DEMAIS!

Medea – Feiticeira?

Aristella – É, das histórias gregas. A magnífica Medeia. Filha de Eetes, rei da Cólquida. Mas, mais do que filha de alguém, por si só ela é a terrível e fascinante Medeia.

Anahí – Você não está falando lé com cré para nós.

Aristella – Meu tio Pothos nunca contou sobre ela para vocês? Ele me disse que vem lendo Eurípedes.

Medea – Ah, sim. Ele nos disse que estava lendo, sim, mas nunca mencionou esse nome, “Medeia”.

Aristella – Sua xará é uma pessoa encantadoramente perigosa, deveria conhecer sobre ela. Você consegue facilmente algum livro sobre ela na biblioteca de meu tio, pode escolher qualquer um, que você vai se impressionar!

Medea e Anahí riem. Aristella fica confusa.

Aristella – (*constrangida*) O que foi?

Medea – Nada. É que... Você é nova aqui, então não sabe das coisas, mas não temos mais tempo pra isso.

Aristella – “Isso” o quê ?

Anahí – Ler. Qualquer tipo de leitura e estudo é estritamente proibido.

Aristella – O QUÊ ?!

Medea – Bem, na verdade, acaba que não temos muito tempo para essas

atividades. As tarefas da casa são muitas, e... Geralmente, quando tentamos nos dedicar a outras coisas, somos criticadas.

Aristella – Mas isso não faz o menor sentido. Vocês não precisam fazer nenhuma dessas coisas que fazem, né?

Silêncio. Aristella percebe que a situação das misteriosas moradoras da mansão Kórdis pode ser mais complexa do que imagina.

Aristella – O que vocês querem fazer DE VERDADE?

As primas-irmãs soltam um forte suspiro carregado de frustração.

Medea – Queria continuar a estudar magia. Bom, estudar, no geral – e ler livros de várias histórias... Mas principalmente fazer magia...

Anahí – Acho que meu lance é pintar mesmo. Não me vejo mais colecionando potes e potes de tintas, pincéis e telas...

Silêncio.

Aristella – Olha, uma vez a minha mãe...

Ela se corrige.

Aristella – Quer dizer, a que vocês não conhecem, a minha mãe Mônica disse uma vez que os nossos desejos e sonhos são só **nossos**, ninguém nem nada tem direito de tirar de nós. Eu não sei como vocês funcionavam aqui antes de eu chegar, mas, se eu puder ajudar com alguma coisa... Eu não vou atrapalhar nenhuma de vocês a correr atrás do que gostam, pelo contrário, vou ajudar!

Medea e Anahí se entreolham, sorriem uma para a outra e soltam uma risada alegre para Aristella. Aristella percebe que sua fala fez bem às primas-irmãs e também sente um pouco de alegria alheia.

Medea – Você é uma boa menina, Aristella. Seu pai e sua mãe Mônica devem se orgulhar muito! (*Aristella fica corada*)

Béroe – (*coxia*) PULGUINHAAAA!

Aristella – Bom, eu já vou indo.

Aristella se despede com um sorriso e um aceno e sai do quarto. Anahí e Medea repetem os gestos de Aristella.

Medea – (*solta um risinho*) Eu bem que quero voltar a estudar... Eu vou!

Cena se encerra.

CENA V

Cenário: Biblioteca da mansão Kórdis; Porão de Pothos

Medea desce ao porão da casa, onde fica a biblioteca da mansão. Ela entra discretamente, alerta a todo e qualquer sinal de algum dos irmãos proprietários. Ela devolve um livro, que escondia na saia do vestido, à prateleira na esquerda e ao fundo da sala e busca por um novo livro.

Medea – “Guia de Introdução ao Feiticeiro Iniciante: Volume 1”... *(riso)*
Mal posso acreditar que eu novamente tenho livros em minhas mãos!
(abraça o livro)

Ouvem-se barulhos de passos na escada, Medea percebe que Pothos está descendo, ela se esconde atrás da estante agarrada ao seu novo livro.

Pothos – Quem está aí?

Silêncio.

Pothos – *(com dureza na voz)* Quem está aí?

Medea se agita e esconde o livro na saia do vestido, ajusta-se, pigarreja e aparece no corredor entre as várias estantes da biblioteca, ficando visível a Pothos

na escada.

Medea – Pothos, mil desculpas, eu...

Pothos – (*interrompe*) Por que não respondeu de imediato?

Medea – Eu... Eu não escutei, perdão. Me distraí lendo os títulos e algumas sinopses dos livros enquanto limpava, não irá se repetir.

Pothos – (*debocha*) Me impressiona que não tenha desaprendido a ler. Mas devo dizer que sua expertise faz jus ao nome...

Medea – (*intrigada*) Por que todos sempre falam do meu nome?

Pothos – Porque seu nome não é só mais um nome, muito menos é SEU nome, ele já está para além de um substantivo próprio qualquer. Já lhe contei sobre a Medeia de Eurípedes?

Medea – Não, mas sei um pouco sobre ela.

Pothos – Então não sabe de nada, porque quem sabe alguma coisa sobre a bruxa Medeia sabe muito. Medeia é **muito** em todos os aspectos de sua história... Espera, como você já ouviu falar dela?

Medea – Eu, err... Aristella me disse que você estava lendo sobre isso.

Pothos – Ah, claro! Pois bem, a poderosa feiticeira, com seus sentimentos conflituosos, inspirou muitos artistas ao longo dos séculos, e, mesmo sendo apenas um mito, ela inspira até hoje diversos bruxos mirins e aprendizes de feiticeiros.

Medea – Inspira feiticeiros, é? (*ela olha para as estantes*) O que há de tão especial na magia dessa Medeia?

Pothos – *(ri)* Imagine imolar um carneiro idoso, colocá-lo em um caldeirão de poção fervente, e, depois de poucos , retirar dali um cordeiro jovem, vivo e esbanjando saúde. Quem não se impressionaria com esta imagem?!

Medea – *(impressionada)* Nossa... Então, com um poder desses, ela parece capaz de qualquer coi...

Pothos – *(interrompe)* Com esse feitiço, ela enganou o rei Pélias e suas filhas, e fugiu pra Corinto.

Silêncio.

Medea – Fugir... *(ela olha mais uma vez para as estantes)*

Pothos – Ah, sim, se teve uma coisa que Medeia fez em sua tragédia foi fugir, mais de uma vez... E se vingar também, né. Sua magia foi grande aliada em todos os momentos.

Ouve-se Béroe bradar o nome de Medea logo no andar acima.

Medea – JÁ VOU!

Medea corre para trás de uma das prateleiras ao fundo e à direita, pega mais um livro e o esconde na saia. Rapidamente!

Pothos – Misericórdia, Béroe! Deixe de ser neurótica, ela está limpando

aqui em baixo!

Medea – ISSO! É, eu tô terminando de limpar aqui em baixo já!

Béroe – *(brada novamente)* CONVIDADOS ESTÃO CHEGANDO, MEDEA!

Pothos – Saia daqui. *(arfa)* Os gritos dessa louca me tiram do sério! Corra!

Medea sobe as escadas correndo enquanto Pothos tapa os ouvidos e permanece de costas à escada.

Cena se encerra.

CENA VI

Cenário: Sala de chá

Medea transfere lentamente o bule e as xícaras da bandeja em sua mão para a mesa de chá no meio da sala. Béroe senta-se em uma poltrona próxima à mesinha de centro, leva as mãos à testa com a cabeça alongada para trás e arfa.

Béroe – Criatura, você não faz a menor ideia de como é trabalhoso receber e servir visitas desse patamar!

Medea primeiramente faz uma expressão de choque, como quem diz “Ela disse isso mesmo?!”. Logo em seguida, ela solta um risinho.

Medea – Ah, sim, claro, claro...

Béroe – Se tudo der certo, em uma semana voltamos ao normal!

Medea – E se...

Béroe – (*interrompe*) “E se” nada!

Campainha toca.

Béroe – Devem ter chegado. Vá buscá-los!

Medea deixa a bandeja vazia sobre a mesa e sai pela porta da sala de chá. Béroe pega a bandeja na mesa e coloca ali duas xícaras que já foram dispostas, ela segura a bandeja em suas mãos até Medea chegar com os convidados. A porta da sala de chá então se abre, primeiro entra um homem alto e de cabelos morenos (Danilo), em seguida um homem mais alto que o primeiro e loiro (Gaitho), por último entra Medea.

Béroe – (*com alegria*) Ah, meninos! Chegaram bem na hora (*dispõe novamente as duas xícaras na mesinha*), estava terminando de arrumar a mesa!

Medea revira os olhos, incrédula com a cara de pau de Béroe em fingir serventia.

Danilo – Querida Béroe, não precisava! (*abraça a socialite carinhosamente, ela retribui*) Você sempre sendo mais gentil que o necessário, ainda me

lembro quando a senhorita visitou minha casa e se deu ao trabalho de ajudar meu pai no dia em que minha mãe estava fora. Ainda me pergunto o que tinha de tão trabalhoso no quarto deles que vocês ficaram quase um dia inteiro lá. *(ele sorri)*

Gaitho tenta cobrir a boca para esconder a sutil risada. Medea inicialmente se sente confusa, mas logo o choque e o entendimento substituem sua confusão. Béroe ri extremamente constrangida.

Béroe – *(constrangida)* Ah, sim, haha... Homens como seu pai precisam de ajuda, não sabem se manter numa casa sem uma mulher...

Danilo – Por sinal, desde que mamãe faleceu, ele só fala de tentar se casar com a “Nobre Béroe”. *(ri, e logo sua expressão se torna séria)*

Gaitho – *(em voz baixa)* Antes dela morrer também, né, não é à toa que uma das causas da morte foi o desgosto de anos.

Danilo acerta uma sutil cotovelada no estômago de Gaitho para que ele se cale e recomponha a postura.

Béroe – Ah, sim, sim, vejo pelas cartas que ele me manda! *(gargalha)* Mas, não, o casamento que visio entre nossas famílias você já sabe qual é *(risinho)*.

Danilo – Claro, vim aqui por minha doce e primaveril Aristella! Por sinal, cadê ela?

Medea – *(docemente)* Já vou chamá-la.

Béroe – *(alegremente)* Ah, não, não, não, deixa que vou eu buscar minha garotinha! Medea, você pode ir lá pra cozinha e nos trazer pães, bolos... faça alguma coisa pra lá.

Medea – Ah... Tá bom.

As duas saem da sala de chá. Danilo olha para a porta até ter certeza que ali só ficaram ele e Gaitho.

Danilo – *(suspira)* Ai, maravilha! Nada de pedras no caminho até agora... Exceto que vou ter que me casar com uma desconhecida.

Gaitho – Ainda não entendo a necessidade de um casamento, essa garota é tão nova e acabou de chegar.

Danilo – Segredos dentro de segredos, você sabe. Ela tem os motivos dela, nós temos os nossos... Precisamos traçar logo o nosso plano!

Gaitho – *(suspira)* Danilo, eu já falei que não compactuo com isso, vim apenas porque é meu trabalho te... *(suspira novamente)* Ser sua babá...

Danilo – Deixa disso, Gaitho! Você não é minha babá, é meu Mago de Assistência, seu dever de herança Hubert. Com sua magia, a gente poderia examinar essa casa inteira muito mais rápido e com absoluta eficiência, descobrir os segredos mais secretos e achar ela: a “Cornucópia de Corações”. *(frenesi)* ESSA MATÉRIA REVOLUCIONARIA TODO O JORNALISMO DA REGIÃO!

Gaitho – Ah, Danilo, vamo parando. Nem os magos mais experientes acreditam mais na “Cornucópia de Corações”, é só uma lenda da feitiçaria.

E, mais, ninguém sabe exatamente o poder que ela teria.

Danilo – Talvez seja ela que venha causando as anomalias mágicas próximas à montanha... Ah, mas com certeza tem a ver com a pilantragem daquela, daquela perua metida a meretriz!

Gaitho – Danilo, olha esse palavreado! Tá na casa da sujeita, nem teu pai, que é cafajeste do jeito que é, você trata assim.

Danilo – Meu pai teve os motivos dele, ela mesma disse que “homens como meu pai não sabem se manter numa casa sem uma mulher”. (*ele ri*) Os homens Pimentel não são fáceis, não, ééé! (*ri sozinho*)

Gaitho – (*tenta se consolar em voz baixa*) Tá tudo bem, Gaitho. Um dia você ainda vai se livrar do fardo Pimentel que os Hubert carregam. Um dia a peste do Danilo vai estar bem longe...

Danilo – Falou comigo?

Gaitho – Oi?

Béroé entra pela porta alegremente com a filha.

Béroé – Menininhos! Ou melhor, homenzarrões...

Gaitho – Que vexame.

Danilo belisca Gaitho para que ele se cale.

Danilo – Ah, olá de novo! (*ele olha para Aristella*) Então... É ela?

Béroe – Isso, Danilo, ela mesmo. Aristella cumprimente Danilo e Gaitho.

Aristella acena simpática com as mãos para Gaitho e ele repete o gesto na mesma intenção, já Danilo puxa o pulso da menina e beija o dorso de sua mão. Aristella fica claramente confusa e não esconde.

Aristella – Que isso, garoto, pra qu e uma coisa dessas ?!

Béroe – Aristella!

Danilo – Tudo bem, tudo bem. A mocinha não deve estar acostumada com rapazes de bons modos e postura. *(uma piscadela para a menina)*

Béroe – Aristella, Danilo é um jornalista, herdeiro da família Pimentel. Gaitho é seu Mago de Assistência, a família dele – os Hubert – trabalha há anos nesse cargo para os Pimentel.

Aristella – Sério? Que chato.

Gaitho – É mesmo.

Danilo olha enraivecido e confuso para Gaitho.

Gaitho – Érr, eu quis dizer, eu tava... concordando com a dama Béroe...

Aristella – O que vieram fazer aqui?

Béroe – Bom, eles vieram... vieram...

Danilo – Eu e Gaitho viemos analisar algumas anomalias de caráter má-

gico que apareceram aqui, próximo à montanha Kárdia. Meu Mago de Assistência vai me ajudar a investigá-las e eu produzirei a matéria para meu jornal. Certo, Gaitho?

Gaitho – AH! Sim, faz sentido até...

Danilo – Sua esplendorosa mãe soube da nossa vinda e nos ofereceu estadia durante o tempo da investigação.

Aristella – No caminho para cá, eu realmente ouvi falar sobre algumas anomalias, disseram que pode ter a ver com algum objeto mágico colapsando pelas redondezas.

Danilo – Ah, sim, um objeto mágico em colapso, como você é esperta, Ari! Quem sabe, você poderia me ajudar em algumas pesquisas de campo?

Danilo se aproxima fisicamente mais e mais de Aristella. Ele ajeita uma mecha do cabelo da garota para trás da orelha e tenta alisar o queixo dela com o polegar. Gaitho faz uma expressão de nojo pela situação e de dó por Aristella.

Danilo – Você me ajudaria, linda?

Aristella sente um misto de constrangimento, raiva e confusão. Ela vocaliza um som de asco, empurra Danilo e sai correndo da sala de chá cobrindo a boca.

Béroé – Pulguinha! Ah, não...

Danilo – O que houve? Fui muito intenso?

Gaitho – Repugnante, eu diria.

Cena se encerra.

CENA VII

Cenário: Estúdio de pintura da mansão Kórdis

Anahí está no cômodo pintando um quadro em seu cavalete sob a luz do sol que atravessa as janelas enfeitadas com flores. De repente, uma mão aparece se apoiando no batente da janela junto com um urro de esforço (Anahí se assusta e olha de imediato). Aristella, então, ergue-se sobre o guarda-corpo e se joga para dentro do estúdio.

Aristella – (*arfando cansada*) O-oi, Anahí... Como tá aí ?

Anahí – QUÊ ?! O que te aconteceu?! Por que você escalou a janela?!

Aristella – (*arfando cansada*) Eu, eu...

Aristella para e se concentra na sua respiração, controlando o inspirar e expirar, então se acalma.

Aristella – (*suspira*) Desculpa o susto, eu meio que entrei em pânico... Você sabia que minha mãe iria chamar um desconhecido aqui pra casa?

Anahí – Ah, eles chegaram então... É, ela mencionou que viria um pessoal aí .

Aristella – Um deles é um completo esquisito! Ele nunca nem me viu e veio tentando se jogar em cima de mim, ajeitar meu cabelo, passar a mão no meu rosto. Tudo isso NA FRENTE da minha mãe ainda, sem o menor vestígio de vergonha!

Anahí – Isso é assustador! As investidas, então, vão ser mais rápidas e intensas do que eu imaginava.

Aristella – Como assim?!

Anahí – AH! Nada, não é nada, não... É o meu pincel, vou tentar criar traços mais rápidos e intensos.

Aristella – Posso ver o que você tá pintando?

Anahí – Pode.

Aristella se levanta e fica bem ao lado de Anahí, olhando a pintura em criação.

Aristella – Está lindo!

Anahí – Valeu! Mas eu tô só começando, vai ficar melhor. O que você fez depois do rapaz desinibido?

Aristella – Eu sai correndo em disparada. Na minha antiga escola, tivemos uma aula sobre criar rotas de fuga confusas e inesperadas caso alguém nos perseguisse, defesa pessoal. Acabei subindo aqui no final.

Anahí dá uma risada.

Aristella – Você nunca foi à escola, né, Anahí?

Anahí faz que não com a cabeça.

Anahí – Nunca. Seu tio nos deu algumas aulas básicas quando éramos mais novas, mas nunca saímos de casa pra estudar.

Aristella – Você devia pegar alguns livros sobre pintura, melhor, eu os pego pra você! Vai conhecer artistas tão bons quanto você, e vai poder até se aprimorar mais ainda.

Anahí – *(sorri e dá um risinho, ela fica corada)* Tá bom, então, se você diz.

Aristella – Você tem quantos anos? Acho q temos a mesma idade.

Anahí – Eu também acho. Você saiu daqui com a idade que eu entrei, e isso foi no mesmo ano.

Aristella apenas se senta em um banquinho próximo à janela e admira Anahí pintar, em um confortável silêncio.

Aristella – Assim que eu te vi, pensei: se tivéssemos estudado juntas, tenho certeza de que nos daríamos muito bem.

Anahí – O que te fez pensar isso?

Aristella – Você é... muito interessante. Como se fosse um gato de rua, daqueles que, quando a gente vê, quer seguir pra descobrir aonde eles vão e levar pra casa.

Anahí – (*gargalha*) Eu sou como um gato de rua?!

Aristella – É (*ri*). Mas não me leve a mal, é que...

Anahí – Eu entendi! Fique tranquila. Sabe, de início eu esperava que você fosse ser uma patricinha chata, talvez parecida com sua mãe. Mas dá pra ver como é diferente dela.

Aristella – E... Isso é bom?

Anahí – Esplêndido.

Aristella sorri, ela ajeita os cabelos pra trás da orelha.

Anahí – Talvez tivéssemos nos dado bem, realmente... E eu acho que gostaria de ser o gato de rua que você quer perseguir...

Ambas soltam um risinho bobo e apaixonado. Olham uma para a outra e contemplam suas faces coradas pelo florescer de um juvenil amor.

Cena se encerra.

CENA VIII

Cenário: Sala de estar

É noite, madrugada, Medea desce as escadas cautelosamente com seus livros na mão, alerta para chegar sorrateira ao sofá da sala. Ela se senta no sofá e checa

novamente se há alguém no recinto. Então ela começa a ler.

Medea – *(lê empolgada e imersa na história)* “Medeia conduziu os argonautas até o santuário, situado a 70 estádios de Síbaris, a cidade que abrigava o palácio dos reis da Cólquida. Ela falou com os guardas na língua da Táurida, e estes abriram os portões para os argonautas. Os intrépidos heróis enfrentaram vários guardas, afugentaram os demais, apoderaram-se do Velocino de Ouro e escaparam para os barcos. Enquanto isso, Medeia, habilidosa, aniquilou o dragão que jamais dormia utilizando venenos.”

Silêncio.

Medea – Uau, que **INCRÍVEL!** *(alto)*

Pothos surge na surdina por detrás dos ombros de Medeia.

Pothos – Realmente!

Medea se assusta, agita-se e tenta esconder os livros de um jeito espalhafatoso e desesperado.

Pothos – *(ri)* Acalme-se, criatura. Você não achou que eu iria notar o sumiço repentino de um dos livros que eu li recentemente? *(ri com deboche)*

Medea – Pothos, eu...

Pothos – (*interrompe*) Não precisa falar nada. Aristella já se dedurou, vejo ela pegando os livros descaradamente na biblioteca, ela entregou um para sua prima, deve ter entregado este para você por conta do nome. (*riso debochado*) Que menina boba! Mas, me diga, o que está achando?

Medea – Acho bom. Impressionante, na verdade! Pelo que entendi, então, ela fala mais de duas línguas, e ela SOZINHA derrotou o dragão que jamais dormia!

Pothos – (*suspira*) Você não faz ideia de como faz falta um mago assim em nossas vidas, Medea. Eu invejo os Pimentel nesse quesito, os malditos têm a garantia de um Mago de Assistência para cada geração da família. Se eu pudesse, manteria aquele Gaitho Hubert conosco...

Medea – (*ri com deboche*) E o que ele ganharia em troca? Uma trouxa de roupas para lavar?!

Pothos – Abusada! Saiba que um mago de excelência tem direito a coisas muito estimadas... Se você fosse mais esperta, poderia se livrar dos seus trabalhos com os feitiços corretos, e iria garantir um cargo de importância nessa família, te garantiríamos o melhor. Muito mais prático do que se arriscar lá fora...

Medea – Tenho quase certeza de qual seria a reação de Medeia à moeda de pagamento que essa família está disposta a pagar...

Pothos – ESCUTA AQUI: você não percebe o quão ingrata é, não é mesmo?! Se não fosse por mim e minha irmã, vocês estariam na rua! Chorando pela falta de TUDO . Eu estou te prometendo ainda mais do que já damos, se você não fosse BURRA pra perceber... Não há por que saírem desta casa...

Medea – (*interrompendo*) NÃO HÁ POR QU E FICAR!

Anteros abre a porta da casa bruscamente. Pothos, no mesmo instante, desce correndo para o subsolo.

Medea – Padrinho!

Ela corre para abraçá-lo.

Anteros – Minha querida! Como vão você e sua irmã?

Medea – Estamos...

Anteros – E minha sobrinha? Chegou?

Medea tenta fingir que começa a chorar, com raiva.

Anteros – Medea?

Medea – Por que que você nunca tá aqui, padrinho?! Você nunca sabe de NADA do que acontece comigo e com Anahí aqui, você nunca encara de fato os nossos problemas, o que temos a te dizer. A gente precisa de você! Nossas mães nos confiaram a VOCÊ!

Silêncio.

Anteros – Medea, eu...

Medea – Você sabia que eu e Anahí nunca saímos desta casa?! A não ser que envolva alguma serventia pros seus irmãos! Sabia, padrinho, que nunca fomos à escola?! Sabia que não nos deixam ser HUMANA S?!

Medea chora com raiva.

Medea – (*soluça*) Onde você fica esse tempo todo? Você nunca tirou um tempo pra gente desde que chegamos aqui... Você nunca para em casa, nunca vê os abusos que passamos aqui, se não fosse você ter chegado agora... Eu não sei nem o que Pothos teria feito comigo, mas não seria bom...

Anteros seca o rosto e os olhos.

Anteros – Minha filha do coração... Eu não sei nem o que te dizer. Meu trabalho, ele... Ele exige muita dedicação, e infelizmente as oportunidades que recebo exigem que eu fique longe de casa muito tempo... Mas isso não é desculpa, eu sei que falhei com vocês, como padrinho, como amigo, como um responsável. Acho que nada do que eu fale vai mudar, mas eu sei da minha culpa, e... Mesmo que você não me perdoe, te peço desculpas...

Anteros abraça Medea, encostando a cabeça da afilhada contra o peito.

Anteros – Vim correndo para casa porque preciso contar uma coisa para vocês duas. Não me conformei com como Béroe tratou vocês no dia em que eu estava aqui, ali eu percebi como eu tinha errado...

Anteros seca as lágrimas de Medea, ele junta suas mãos com as dela e olha no fundo de seus olhos.

Anteros – Eu preciso que você mantenha sigilo total sobre essas informações, conte para Anahí quando for a hora certa, não confie nem mesmo na Aristella, por mais que ache que ela seja uma boa garota. De alguns poucos anos para cá, o trabalho como ator tem dado frutos, bons frutos. Consegui investir em imóveis de ótimo custo- benefício, são em outro estado, mas não muito longe...

Ele verifica se não há ninguém bisbilhotando e traz Medea mais para perto.

Anteros – *(em tom mais baixo para manter discrição)* Há poucos dias, transferei dois desses imóveis para os nomes de vocês, quero tirá-las daqui o quanto antes, sem que vocês precisem lutar pra procurar um lugar pra ficar. Creio que, com a reserva de fundos que tenho, posso sustentar vocês por um bom tempo.

Medea – *(seus olhos brilham impressionados)* Padrinho! O quê? Como assim?

Anteros – Preste atenção, você não pode contar isso para ninguém que

não seja Anahí!

Medea afirma positivo com a cabeça.

Anteros – Há mais uma coisa que preciso te dizer. Existe nesta casa um artefato que muitos chamam de “Cornucópia de Corações”, está há gerações na minha família. Béroe usou e abusou do objeto da pior maneira, para seu próprio interesse, e eu temo que, se deixarmos a mansão, minha irmã use dele para mais uma perversidade contra nós. Ela o escondeu pela casa, em um lugar onde nem ela mesma lembra qual foi, mas a qualquer momento ela pode decidir procurá-lo, e agora o artefato colapsa sozinho. Precisamos achar a Cornucópia antes de sairmos da propriedade!

Medea – Padrinho, isso é responsabilidade demais. Você me deu uma enxurrada de informações, e-eu tô feliz de ter recebido todas elas, mas ASSIM?! (*respira*) Isso é coisa demais pra processar...

Anteros – (*suspira*) Eu sei. Mas, Medea, acha que conseguiriam arriscar uma fuga planejada daqui?

Silêncio.

Medea – Padrinho, vou te ser sincera (*ela analisa o espaço para conferir se não há bisbilhoteiros*). Eu venho estudando magia discretamente, e acho que consigo manipular feitiços úteis para uma fuga, e acho até que eu e Anahí conseguiríamos nos sustentar fora daqui com magia e pinturas. Mas

acho que há uma coisa que ainda me prende aqui: e se minha mãe voltar?

Anteros – (*suspira*) Criaturinha... Sua mãe... Olha, eu não sei quando sua mãe vai voltar, ela está viva, só sei disso, em algum lugar, mas não sei do paradeiro dela nem como anda sua jornada. Ela sabe como entrar em contato comigo e com vocês; se for do desejo dela voltar, ela vai voltar. Vocês precisam seguir a vida de vocês em paz, sem esse peso... E eu prometo que, de uma vez por todas, eu vou tirar esse peso das costas de vocês e ser a pessoa, o pai, o irmão, o tio, o padrinho, o que vocês precisarem!

Os dois se abraçam.

Cena se encerra.

CENA IX

Cenário: Um corredor

Um corredor com três portas na parede ao fundo, Danilo tenta bisbilhotar pelas frestas de todas as portas – primeir o a porta à esquerda, depois a do meio, e por último a da direita. Na ordem inversa, ele começa a tentar destrancar as portas (com algum grampo, clip, etc.) – a da direita falha e ele passa para a do meio. Ele está concentrado demais para perceber que Gaitho se aproxima pela esquerda.

Gaitho – Ahá! Então, pelo visto, quando o Gaitho sai, os “Danilos” fazem a festa?!

Danilo se assusta.

Danilo – Maldito! Mudou de ideia agora, é?! Finalmente vai me ajudar.

Gaitho – Já te disse que não concordo com isso, não vai dar certo! Sabe o que Béroé pode fazer com você se descobrir suas tramoias?

Danilo – Se eu achar a Cornucópia de Corações, ela não poderá fazer nada contra mim! Vou revolucionar o jornalismo, o estudo da magia e usarei o artefato para minha própria proteção!

Gaitho – SE você achar!

Danilo – Saia daqui, Gaitho! Já entendi que não posso contar com você nisso. Vai estudar as anomalias da montanha, quem sabe você não acha pistas pra me ajudar indiretamente ?

O Mago de Assistência sai estressado revirando os olhos. Quando Gaitho sai, Danilo volta ao seu trabalho na tranca do quarto mais à esquerda do corredor. De repente, Medea aparece atrás do jornalista.

Medea – *(bem próxima à nuca de Danilo)* O que você tá fazendo fuçando a tranca do quarto do meu padrinho?

Danilo – *(assustado)* AH! AAAAHHH, EU TÔ... Tô procurando uma coisa preciosa...

Medea – Que seria?

Silêncio.

Danilo – Vou te mandar a real, Menandra.

Medea – *(interrompe)* É Medea, moço.

Danilo – S-sim, eu sei. Eu não vou mentir pra você, bela criatura, Aristella não é minha verdadeira intenção nes te lugar. Cheguei a est e lar convencido de que acharia a magia da lendária Cornucópia de Corações, mas me encantei de verdade foi com a magia de uma jovem feiticeira... Você! *(suspira)* Eu só queria que sua magia, a mesma que encantou meu coração, me ajudasse a sair daqui com uma esposa e um centenário artefato mágico...

Medea expressa uma clara confusão em sua face, mas logo entende as intenções de Danilo.

Medea – Já entendi, você acha que vai conseguir dar uma de Jasão comigo, né?! E a Cornucópia de Corações é o seu Velocino de Ouro? Pois saiba que essa Medea não cairá no charme do argonauta!

Silêncio.

Danilo – Eu não sei se ficou claro, mas não tenho a menor ideia do que você tá falando... Enfim, você pelo menos sabe onde tá esse artefato? É para o bem da comunicação social, eu juro! Vamos desmascarar os Kórdis juntos! Eu prometo, pelo meu amor ao jornalismo, que seu nome ficará anônimo na matéria!

Medea – Oh, bom, eu não sei onde está mesmo.

Danilo – Está mentindo pra mim, né?! Eu sei que você é uma feiticeira, te vi conversando sobre isso com Gaitho! Vocês dois não têm a MENOR boa vontade em me ajudar! Mas eu sei negociar, meu bem. Imagina se Béroé descobre suas artimanhas mágicas sem a autorização dela? (*ri sarcástico*) Não vai ficar bom pro teu lado, gatinha...

Medea – (*com deboche*) Uaaaauuu, mas como é poderoso o garotinho do papai! Bom, eu vou te contar o que vai acontecer comigo: mais uma trouxa de roupa para lavar e talvez um cascudo por ter lido livros sem autorização, mas não tem como tirar de mim o conhecimento que adquiri. Mas você, bem... Ela provavelmente vai querer se vingar de qualquer um que tentar descobrir os segredos dela. Eu sei muito bem que a vingança nessas famílias ricas é um tópico levado BEM a sério. Não duvide de quem já mexeu com a cabeça (*simboliza chifres no topo da própria cabeça*) da sua mamãezinha!

Danilo – Desgraça...

Danilo tenta agarrar o pescoço de Medea, bruscamente. Anteros sai de uma das portas do corredor. Danilo imediatamente se afasta de Medea.

Anteros – Tudo bem aqui, pessoal?

Danilo – (*sorri sem graça*) Claro! Estávamos apenas conversando sobre onde a Aristella está... Eu vou... Eu vou procurar Ari.

Danilo sai pela esquerda. Anteros chama carinhosamente Medea para o quarto

e a abraça. Cena se encerra.

CENA X

Cenário: Quartinho de Medea e Anahí

É noite, as primas-irmãs se preparam para dormir, cada uma sentada na própria cama, recostadas na parede, enquanto conversam harmoniosamente, atualizando-se das novidades que uma tem de contar à outra. Medea conta sobre o desejo e os preparativos do padrinho para conceder a elas uma vida digna.

Anahí – O padrinho te contou isso tudo ou você está delirando?

Medea – (ri) Não estou! É sério, eu também fiquei sem saber como reagir...

Anahí – Nossa, quem diria que, depois desses anos todos, ele... Então ele realmente se importa com a gente... (*suspira*) As coisas estão mudando, Meds.

Medea – Sim. Ele me disse que, quando estivermos livres daqui, vai contratar alguém que será bem pago para fazer por nós tudo o que fizemos por esta casa de graça. Vamos poder ficar um bom tempo seguras de dinheiro, podendo focar em estudar.

Anahí – A Ari me disse que, desde criança, ela nunca precisou cuidar da casa como nós cuidamos, sempre alguém fez por ela. Acho que eu me sentiria um pouco culpada no início de uma vida assim, eu iria querer ajudar a pessoa a todo momento... Mas confesso que, sendo uma pessoa paga dignamente, acho que posso me acostumar ao ócio.

Medea – Vocês não se desgrudam mais, né!? (ri) Você e a “Ari”, pra lá e pra cá!

Anahí – *(ri)* Para! *(arremessa um travesseiro nela)*

Medea – Ai! *(ri)* Estou feliz por você, é bom saber que há pessoas que gostam da gente...

Anahí – Também estou feliz por você. Vejo você conversando com o mago, gosto dele para você.

Medea – *(sorri)* Deixa de ser besta, criatura!

Silêncio confortável.

Anahí – E aquela história da bruxa que tem o mesmo nome que você, hein? Não terminou de me contar.

Medeia – Ah, sim! Onde foi que eu parei?

Anahí – Ela foi rebaixada a concubina do Jasão, e ele se casou com a filha do Creonte.

Medea – Claro. Bem, basicamente, depois disso, ela é banida de Corinto e, pra se vingar de Jasão, ela mata os próprios filhos.

Anahí – *(interrompe)* O QUÊ ?

Medea – É, depois ela foge pra Atenas, casa com outro cara lá, tem mais um filho, inclusive o nome dele é Medo. Eu acho que ela tenta matar o enteado dela também. Enfim, acontece alguma outra coisa que faz ela voltar pra Cólquida.

Anahí – *(interrompe incrédula)* Cara, COMO ASSIM?! Ela matou os filhos pra se vingar?! Não era mais fácil... Sei lá, sequestrar as crianças, levar com

ela, alienação parental tá aí pra isso!

Medea ri.

Medea – Gaítho me contou que Eurípedes foi subornado pelos cidadãos coríntios para tornar Medeia a assassina dos próprios filhos. É uma suposição, até onde eu saiba. Nessa versão, Medeia não leva os filhos para Atenas, e, como efeito da negligência de Jasão, foram apedrejados até a morte pela família de Creonte – o rei de Corinto. Mas os cidadãos coríntios preferiam uma versão em que não fosse o povo daquela cidade a matar as crianças.

Anahí – (*risada*) Que ironia do destino, essa parte da versão a í até parece um pouquinho com a nossa vida... Deixadas pelas mães, negligenciadas pelo padrinho, sofrendo nas mãos dos que imperam...

Medea meio sem graça. Silêncio.

Anahí – Medea, eu ainda me lembro daquela conversa patética no quarto da Béroe. Você acha que estamos fadadas a ser como elas? “Mães desnaturadas”? (*com voz trêmula*) Porque eu sei que estou viva, mas, quando lembro da mãe e de como ela foi embora, sinto que estou morta, que ela me matou... Você acha que vai matar os seus filhos um dia que nem a outra Medea?

Silêncio.

Medea – Ana... (*suspira*) Eu sei, eu sei que dói. Mas, como o padrinho disse, se for do desejo delas voltar, elas vão voltar. Não podemos nos prender ao destino que elas tiveram, não podemos nos prender ao destino que Béroe quer que tenhamos. Mas podemos buscar controlar nosso próprio destino, fazer diferente do que elas fizeram! E agora, Ana, finalmente vamos ter o abraço do padrinho pra nos acolher, vai ser muito mais fácil de levar as coisas. E mesmo, mesmo que tudo dê errado, Ana, eu e você, cada uma será senhora da própria sina. Nós só precisamos ser livres, Ana. Só precisamos tentar.

Medea se levanta bruscamente da cama, junta papé is, canetas e seu livro de feitiçaria.

Medea – Vamos sair dest a casa?!

Anahí – Vamos!

Elas se sentam lado a lado, no meio do chão do quarto, e ali começam a escrever e a montar o plano de fuga.

Cena se encerra.

CENA XI

Cenário: Sala de jantar

O café da manhã está servido à mesa. Na extremidade à esquerda, senta-se Aristella ; no extremo oposto, Danilo. Medea e Gaitho permanecem em pé de frente para a mesa e próximos à parede ao fundo da sala, Medea à esquerda,

Gaitho à direita. Eles acompanham silenciosamente e imóveis enquanto Aristella e Danilo se alimentam.

Danilo – Pois me diga, minha flor. Vai se render aos meus charmes e chamegos e me conceder a honra de tomar um pouco do seu tempo hoje? Apenas eu e você, prometo!

Aristella – (*suspira*) Danilo, você não desiste, não é mesmo?

Danilo – (*sorri*) Aristella, a vida é curta demais para não tentar conquistar o coração de uma dama tão encantadora quanto você!

Aristella – (*revira os olhos*) Suas cantadas conseguem ser boas, o que te falta é alguém interessado em recebê-las. Pasmê, essa pessoa não sou eu!

Danilo – Mas, Aristella, somos como café e açúcar, feitos um para o outro!

Aristella – (*irritada*) Não se faça de besta! Nem você mesmo acredita nas mentiras que diz! Essa sua teimosia petulante te deixa como café frio e sem açúcar. Sem graça e insistente.

Ambos continuam a apreciar o desjejum, Danilo ainda tenta flertes e toques sutis, Aristella ignora veementemente todos eles. Enquanto isso, Medea e Gaitho conversam lado a lado, encostados contra a parede.

Medea – (*sussurra*) Olhe só para eles. Não têm a menor química.

Gaitho – (*ri*) Ele parece um pavão tentando impressionar uma borboleta!

Medea – Falando em borboleta, consegui finalmente o feitiço de Inventarium.

Gaitho – Nesse pouco tempo?! Impressionante, você é a aprendiz de magia mais rápida em aprender que já vi! Esse nível de excelência eu só vi em profissionais experientes.

Medea – (*sorri*) Obrigada ! Estou tentando alguns bicos como feiticeira, sua indicação e o encantamento de Propagum me ajudaram a começar sem sair de casa.

Gaitho – Você conseguiria mesmo sem a minha ajuda! Seu trabalho é impressionante... Tanto quanto você!

Medea fica corada e ajeita uma mecha de cabelo para trás da orelha. Anahí entra pelo arco de passagem à esquerda, passa avoada pela s ala de j antar, abraça Medea e deseja um bom dia.

Aristella – Ana!

Anahí – Ah, oi, Ari!

Ela corre para abraçá-la.

Aristella – Ao nde você vai agora?

Anahí – Para o estúdio de pintura, ontem à noite notei o sumiço de quatro quadros meus, você acredita? Quer vir comigo?

Aristella – (*levanta-se agitada*) Claro!

Anahí e Aristella, então, saem animadas pelo arco de passagem à direita do cômodo.

Danilo – *(frustrado)* Não tem jeito mesmo, eu DESISTO! Gaitho, darei a você mais alguns dias para achar o que viemos procurar, NÃO SAIREI DESTA CASA DE MÃOS ABANANDO!

Danilo sai bufante pela esquerda.

Gaitho – *(suspira)* Mal posso esperar pra me ver livre das correntes do Danilo.

Medea – *(olha para o alto, sonhadora suspirante)* Os dias da minha prisão nesta casa estão contados!

Cena se encerra.

CENA XII

Cenário: Sala de estar

É noite, madrugada. Gaitho e Anteros descem as escadas cochichando entre si, repletos de malas.

Gaitho – Elas já estão preparadas?

Anteros – Já. Medea está separando o que precisa para o feitiço do Inventarium, vai atrair a Cornucópia para si. Ela ainda vai precisar estabilizar

a Cornucópia de Corações, isso vai chamar bastante atenção dos meus irmãos, por isso tivemos que deixar essa etapa pro final. Com o artefato estabilizado e em nossas mãos, poderemos escapar todos juntos e em paz.

Gaitho – Ainda não acredito que essa lenda é real. (*ri*) E pensar que aquele cérebro de batata do Danilo estava certo... Bom, pelo menos as anomalias serão explicadas e cessarão.

Ao fim da escada, eles notam Aristella sentada no sofá com uma cara tristonha, amarrando os cadarços e com sua mala ao lado.

Anteros – Aristella?

Aristella enxuga as lágrimas do rosto.

Aristella – (*voz trêmula*) Ah, oi, titio! Desculpa, eu acordei vocês?

Gaitho – (*expressão preocupada*) Não, nós... Nós estamos de saída, na verdade.

Anteros – O que aconteceu, flor?

Aristella – (*chorosa*) Eu vou embora desta casa que não me quer... Danilo me falou tudo antes de ir embora, o plano da Béroe. (*ela enxuga uma lágrima que desce pelo rosto*) Ela queria se ver livre de mim esse tempo todo, eu errei em achar que tinha alguma chance de restaurar a nossa relação... Mas tudo bem, Béroe não é minha mãe de verdade, NUNCA FOI! A minha verdadeira mãe me espera no meu lar, do lado do meu pai, e está me esperando pra

um abraço! (*funga o nariz*) Eu só... Queria não deixar a Anahí pra trás...

Gaitho – (*um pouco chocado*) O Danilo foi embora?!

Anteros – Venha com a gente, Ari! Estaremos indo pro mesmo lugar!

Gaitho – (*alegre*) O Danilo foi embora!

Anteros – (*aproxima-se de Aristella*) Aristella, nós estamos indo embora des ta casa opressora, de uma vez por todas! Vamos ajudar as meninas a fugir hoje à noite, estaremos todos na estação de trem daqui a poucas horas.

Gaitho, ao fundo, comemora cantarolando (volume moderado para não atrapalhar o diálogo Anteros-Aristella) com alegria: “O Danilo foi embora! Me deixou aqui sozinho! O Danilo foi embora! Eu não devo nada pra ele!”.

Aristella – Elas vão embora? Anahí e Medea?!

Anteros – Sim, bolamos um plano para essa noite, estamos...

Aristella – (*interrompe*) Eu quero ajudar! (*acalma-se*) Por favor, deixa eu ajudar, não quero que elas sejam controladas pela minha mãe. Se existe a chance delas irem embora, me deixe ajudar, por favor.

Anteros afirma positivo com a cabeça. Ele lhe oferece uma mala.

Anteros – Consegue carregar a sua e uma delas?

Aristella – (*levanta-se*) Consigo até mais, me dê uma das mochilas.

Anteros, então, entrega- lhe uma mochila também. Aristella coloca a mochila em suas costas e, em cada mão, carrega uma mala (a dela e a que Anteros lhe entregou).

Aristella – Para onde vocês quatro vão? Já está decidido?

Anteros se aproxima do ouvido da sobrinha e conta como um segredo.

Aristella – É perto de onde eu moro! Maravilha! Cadê elas? Vamos na frente, precisamos sair com antecedência para comprar as passagens.

Gaitho recompõe a postura de alerta e se junta ao tio e à sobrinha. Uma vez que todos estão com a bagagem, eles partem pela porta principal em silêncio. Anteros fecha a porta cuidadosa e vagarosamente, evitando ruídos. Eles deixam a casa.

Nisso, Medea e Anahí descem a escada passo a passo, com toda delicadeza, cada uma com uma mala. Além da mala, Medea carrega um pote com os ingredientes para os feitiços que irá realizar. Ao chegar no chão da sala, elas deixam as malas e o pote no sofá e correm para a cozinha, de lá, saem com um enorme caldeirão, tão grande que caberiam até três pessoas, cada uma precisa segurar um lado com as duas mãos. Então posicionam o caldeirão no meio da sala.

Anahí – E agora, Meds?

Medea – Agora? Fazemos o que temos que fazer. (*ela sorri*) Nenhuma palavra dos livros que eu li será em vão!

Anahí pega o pote no sofá e o abre. Medea vai para trás do caldeirão ; na medida em que a mais velha pede um dos elementos do pote, Anahí o entrega para a prima-irmã, que o despeja no caldeirão.

Medea – Uma borboleta amarela... O frasco azul, por favor... O pequeno saco de pedras... O envelope rosa, aquele com...

Silêncio.

Elas entram, então, em desespero, começam a escutar passos subindo e passos descendo. Do andar de cima Béroe desce com seu majestoso salto, rube longo e rosa, esbanjando detalhes em plumas.

Do subsolo sob e Pothos, vestindo um smoking desarrumado, como se voltasse bêbado de uma festa de gala. Os dois param perto de Medea, poucos passos atrás dela.

Pothos – Eu não me surpreenderia. A ingrata novamente demonstrando ingratidão.

Béroe – Eu poderia gritar, mas temo acordar os convidados. Seus vermes.

Medea e Anahí estão paralisadas e em choque.

Pothos – E eu ainda te ofereci um outro modo de vida, não é mesmo, Medea? Mas tudo bem, faça suas escolhas burras à vontade!

Béroé – CRETINAS!

Medea corre para o lado de Anahí.

Béroé – CRETINAS! CRETINAS! CRETINAS! CRETINAS! Eu deveria, eu deveria...

Béroé solta um grito animalesco.

Béroé – Vocês sabem o que vai acontecer agora, não é? Já não adianta prendê-las aqui, de um jeito ou de outro vocês iriam escapar... Mas posso evitar que me tragam mais problemas, problemas que prejudiquem O MEU **STATUS!** (*Béroé tira uma faca do bolso do robe*)

Anahí solta um grito agudo e medroso, Medea a abraça como proteção. Béroé bufar enquanto segura a faca nas mãos.

Pothos – (*chocado*) B-béroé! Eu acho que não é por aí ...

Béroé – QUIETO, POTHOS! Se não fossem os seu livros, essas RATINHAS, ESSAS RATAZANAS não estariam no meio da sala preparando um feitiço para a fuga! Eu não vou ter outra escolha.

Medea – Por favor, Béroé, eu posso te dar algo em troca pelas nossas vidas!

Béroe – (*aproxima-se com a faca*) Tarde de mais, não quero ratazanas vivas na minha casa.

Medea – Eu posso te dar a...

Quando Béroe está prestes a esfaqueá-la.

Medea – CORNUCÓPIA DE CORAÇÕES!

Béroe hesita, volta para trás. Silêncio.

Béroe – A Cornucópia, é?

Pothos – Impossível, está perdida há anos dentro desta casa. Não está em lugar nenhum.

Béroe – Pothos, a sua voz me irrita. Cale-se para que eu a ouça. O que você propõe, rata ?

Medea – Eu aprendi um feitiço que te dá aquilo que você mais quer no momento, pode estar perdido ou em qualquer lugar. Você só precisa mergulhar aquilo que você mais ama no caldeirão.

Béroe – MENTIROSA!

Medea – (*calma*) Provarei que não. Ana, vem aqui comigo, por favor.

Anahí – Medea...

Medea – Você confia em mim, não confia? Me entregue o frasco verde do

pote e venha comigo.

Anahí estava agachada no chão, ela se levanta trêmula e com o frasco verde em mãos. Chega até a prima-irmã. O frasco verde é despejado pela mais velha.

Medea – Vou mergulhar apenas sua cabeça no caldeirão, tudo bem? Não vai demorar. Eu te amo.

Anahí – Eu... Eu sei. Eu também te amo, Medea.

Béroé – *(interrompe)* CHEGA DE TEATRINHO! ME PROVE SUA UTILIDADE!

Medea, então, guia a prima para a frente do caldeirão, ela a abraça pelos ombros. Já na frente do caldeirão, a mais velha começa a mergulhar a cabeça da prima na poção, e, na mesma velocidade, começa a se erguer do caldeirão a boca da lendária Cornucópia de Corações. Uma cornucópia de tramas douradas, com a boca decorada com vinhas azuis e seu interior repleto de corações pulsantes e dourados. Neste momento, é possível ouvir o batimento dos corações, mas estão todos arrítmicos. Pothos e Béroé estão atônitos.

Béroé – Aí está você.

Pothos – Esse barulho sem ritmo, ela está colapsando!

Bruscamente, Medea tira a cabeça da prima do caldeirão, e para lá retorna a

Cornucópia.

Béroe – NÃO! NÃO, NÃO! Quero ela de volta! Eu PRECISO dela de volta!

Medea – *(séria)* Então mergulhe o que mais ama.

Silêncio. Anahí volta pra trás da irmã, Pothos permanece ao fundo, estático, Béroe está pensativa contemplando o caldeirão enfeitiçado.

Pothos – Nem olhe pra mim, Béroe! Não mergulho aí nem morto!

Béroe – Ora, por favor, SE ENXERGUE!

Béroe, então, começa a mergulhar no caldeirão. Quando ela afunda completamente, levanta-se, também por completo, a Cornucópia de Corações, as pulsações arrítmicas voltam a preencher o espaço. Medea rapidamente pega para si o artefato mágico. Então, em grito urge pela casa.

Béroe – ONDE EU ESTOU?! *(Anahí sorri)*

Medea – *(tranquil a)* Não se preocupe. Você vai sair daí uma hora ou outra, é mais fácil do que parece!

Béroe – POTHOS! ONDE EU ESTOU?!

Pothos treme no canto da sala, tomado por confusão.

Béroé – POTHOS! CADÊ O ANTEROS?! ARISTELLA!

Medea – *(sorridente)* Vai ficar tudo bem, Béroé! Se você não sair daí por conta própria, um rico pode um dia comprar est a casa e te achar!

Anahí – Meds, vamos! Temos só algumas horas até ela sair de lá.

Medea – Sim, claro. Bem, pegue suas malas!

Anahí – Você precisa estabilizar a C ornucópia antes.

Medea, então, abraça o artefato e dá-lhe um beijinho. Poucos instantes depois, o pulsar dos muitos corações da C ornucópia assume um ritmo único e harmonioso.

Medea – Tudo certinho!

O objeto é guardado em uma das malas das primas-irmãs. Anahí e Medea, então, caminham para a porta de saída com suas bagagens, abrem a porta e, antes de saí rem, a mais velha se vira para Pothos e diz:

Medea – Pothos, apesar de todo o desgosto que você me causou e que eu sinto por você, te digo: Béroé sairá dali em breve. Se isso te aterroriza ou acalma, eu não sei, mas sugiro que volte a dar aulas .

Pothos – P-pélias...

Medea – Ah, sim, me inspirei naquele feitiço de Medeia mesmo. Gostou?

Béroe – SOCORRO!

*As primas-irmãs saem da m ansão Kórdis felizes e saltitantes. Fecham a porta.
Cena se encerra.*

CENA XIII – FINAL

Cenário: Estação de trem

Na madrugada, em uma estação de trem, ouvem-se passos apressados, o deslocar e frear das locomotivas, o vai e vem de pessoas. De repente, Anahí e Medea entram correndo na estação, carregadas de malas e sorrisos felizes.

Medea – Tudo certo aí , Ana?

Anahí – Sim!

Um alto apito de locomotiva ecoa pelo espaço.

Anahí – Acho que é o nosso. Tá pronta?

Medea – Mais do que nunca!

Da coxia, Anteros, Aristella e Gaitho chamam pelas primas-irmãs recém- libertas.

Gaitho – Medea!

Aristella – Anahí!

Anteros – O trem chegou, vamos!

Elas se abraçam com força, entrelaçam as mãos e correm para a liberdade com seus benquistos. Cena se encerra.

O espetáculo se encerra.

FIM



PARA SE THALIA
COMER PEÇANHA
EM CHAMAS



Em “Pra se Comer em Chamas”, somos levados a duas realidades paralelas: de um lado, a luxuosa e tradicional família Sobrenome, cuja fachada de perfeição esconde segredos profundos e desejos reprimidos; do outro, Maria, uma narradora cativante que nos guia por uma jornada de resistência e vingança.

A peça começa com Maria escolhendo um convidado da plateia para participar. Ela compartilha histórias pessoais entrelaçadas com a saga épica de Zacimba Gaba, uma princesa guerreira de Angola que desafiou o domínio colonial com astúcia e coragem. Enquanto a família Sobrenome tenta manter suas máscaras brancas de perfeição, Maria revela as camadas ocultas de injustiças e lutas pela liberdade.

PRA SE COMER EM CHAMAS

Thalia Peçanha

Personagens:

MARIA – A protagonista e narradora da história. Ela reflete sobre temas de injustiça, vingança e resistência, compartilhando histórias pessoais e de personagens negros que têm sua imagem deturpada pela lógica branca da vida.

AURORA – Uma das figuras da família de Sobrenome. Ela representa uma figura conservadora e conformista dentro da família, destacando-se por seu papel na manutenção da ordem e das tradições.

OSWALD – Outra figura da família de Sobrenome. Ele é retratado como o patriarca autoritário e dominador, que mantém o controle sobre a família e as pessoas ao seu redor.

PEDRO – Filho de Aurora e Oswald. Um menino mimado, metido a advogado e que tem vontade de ser prefeito da cidade.

CONVIDADO DA PLATEIA – Um personagem interativo, escolhido aleatoriamente da plateia para participar da peça. Sua interação ajuda Maria a trazer algumas histórias, que são lidas pelo convidado.

PRÓLOGO

O palco mostra dois cenários: à direita, temos uma família de Sobrenome em um ambiente requintado, com máscaras brancas, uma família tradicional, cujos integrantes há pouco passaram a se autodenominar Cidadãos de Bem, Aurora, Oswald e o filho; à esquerda, Maria está sentada num banco de praça, e Ana aos fundos mexe numa pilha de roupas, experimentando-as e olhando-as em um cenário de casebres simples. Os dois cenários são divididos por uma porta. Maria, como intérprete, aproxima-se da plateia e escolhe alguém para se sentar ao seu lado, entregando-lhe uma máscara semelhante à da família de Sobrenome.

Maria (Intérprete) – Boa noite a todos. Sejam bem-vindos à nossa peça. Sou Maria, a narradora desta história e também uma das personagens.

(dirige-se a um membro escolhido da plateia) Que horas são?

(pausa para a resposta do público)

Maria (Intérprete) – Ah, 20h10! Tenho tempo para uma história. Daqui a pouco a peça começa, mas antes queria contar para vocês por que estou aqui.

Maria (Intérprete) – Quando eu vim ao mundo, a primeira luz que me cegou os olhos foi a luz estourada do consultório médico. Tudo era branco. Tenho pra mim que as coisas que nos cegam são brancas, a brancura das coisas nos cega. Meu pai não estava lá segurando a mão da minha mãe. Minhas tias esperavam no corredor, acompanhadas do meu primo: Netinho. Ele sempre foi travesso; minha mãe dizia que ele tinha uma formiga no cu. Ele era inquieto e meu primo favorito. Foi com ele que aprendi a ser inquieta, curiosa, descabida. A primeira vez que me chamaram de descabi-

da, eu sorri, agradei e entendi que eu não era muito de caber nas coisas, nunca coube pra mim acreditar que Deus, em sua máxima perfeição, havia criado essa miséria toda. Mas depois entendi que esse Deus branco, perfeito e soberano, e branco, e como Deus do povo dele, ele cumpre à risca todos os critérios da branquitude, a começar pela síndrome de salvador. Mas Netinho, Netinho foi morto. Recebi a notícia durante o jantar. Estava esperando ele chegar... preparando dobradinha... era o prato preferido dele, mas ele não veio. Em vez disso, um homem bateu à porta e contou que Netinho estava em atitude suspeita numa rua, e um homem de Sobre-nome o confundiu com um ladrão. Minha tia chorava, urrava, batia nas portas de todos os vizinhos procurando ele, e eu fiquei com ódio, sabe? Meu luto era pura raiva. Ele só foi buscar um trocado para o pão do café da manhã, e 10 tiros romperam sua pele, músculo, alojaram-se em um órgão vital e o sangue dele era vermelho, sabe?! Igual ao seu (*aponta para alguém branco*), o seu (*aponta para outra pessoa branca*). Foi uma crueldade. Juro, ele era um bom menino. Sempre pedia a bênção para a mãe, ajudava as senhoras com as compras, ele cantava bonito, sempre falei que ele ia ser famoso... Naquele dia, quando aquele cara saiu de lá, eu jurava que ele estava mentindo, da mesma forma que confundiram ele com ladrão, talvez o tivessem confundido com outro, e Netinho entraria por aquela porta e riria disso tudo. Comecei a cortar os ingredientes para o jantar, mas a faca afiada cortou minha mão, o sangue sujou o bucho e revirou meu estômago inteiro. Fiquei acordada aquela noite toda esperando ele chegar... Netinho, ele era um menino, sabe? Ele poderia ser famoso... Eu queria justiça, sim, eu, pretinha, queria justiça. Mas entendi que, para mim, justiça não existe. Ela me esmaga, me joga na sarjeta, tira meu direito ao corpo, me mata. Os meus morrem todos os dias pela justiça de vocês. A justiça é branca, institucionalizada, estética, esterilizada, binária. Bom, essa peça é

sobre o desejo de vingança, e a vingança aqui é um prato em chamas.

A campainha toca, interrompendo o momento reflexivo de Maria. Maria segura na mão do convidado.

Filho de Sobrenome – *(grita)* Maria!

Filho de Sobrenome – *(grita)* Maria!

Maria entra com o convidado, e todos da família de Sobrenome o recebem felizes, ela já sai apressada para a cozinha.

Todos – Que bom ver você!

Aceita um café, um suco, água? *(esperam pela resposta)*

Maria, bate o sino!

Maria! *(gritam e tocam o sino)*

Maria – Já vou! *(fala entrando)* Desculpem! Estava tirando o bolo do forno, espero que gostem de bolo de laranja, é uma delícia, receita da minha mãe. Ela tinha um caderno de receitas de dar inveja!

Aurora – Ai, Maria, fala menos e cozinha mais, *(espantando Maria com a mão como se fosse uma mosca)* vai, vai.

Oswald – *(com interesse calculado)* Diga-me, Pedro, como vão seus planos

para a política? Ouvi dizer que você está considerando uma candidatura.

Pedro – *(com confiança)* Sim, pai. Estou pronto para fazer a diferença nesta cidade. Já conheço todos os caminhos.

Maria – *(respondendo, com uma pitada de ironia)* Nem tudo é como parece, não é? A política tem seus mistérios.

Aurora – *(interferindo, com um olhar desafiador para Maria)* Você acha mesmo que está preparado para isso, Pedro? Política não é um jogo simples.

Oswald – *(com um sorriso perspicaz)* De fato, Pedro. Sem nossa influência, esta cidade estaria perdida. Todos dependem de nós para empregos e oportunidades.

Pedro – *(com desdém)* É verdade, mãe. Eles não têm recursos, não têm nada. Precisam de alguém que saiba como mover os peões.

Aurora – *(com um tom cortante)* Mas lembre-se, Pedro, nossa reputação está em jogo. Não podemos nos dar ao luxo de falhar.

Maria – *(com uma observação crítica)* A reputação pode ser um escudo ou uma armadura. Depende de como se usa.

Oswald – *(com autoridade)* O convidado aqui pode ser útil. Precisamos do apoio dele para fortalecer nossa posição na comunidade.

Pedro – *(com determinação)* Vou garantir que todos reconheçam o poder que nossa família tem. Vou ganhar esta eleição e mostrar a todos quem realmente governa aqui.

Aurora – *(com um sorriso misterioso)* Vamos ver se você consegue lidar com a pressão, meu filho. Política é um jogo de estratégia e influência.

Maria – *(com um olhar significativo para o convidado)* Todos nós temos um

papel nesse jogo. A questão é quem escolhemos para ser nossos aliados.

Maria sai e escuta-se apenas a voz dela enquanto a família come.

Maria (Intérprete) – Seu Oswald é dono de vários hectares de terra. Minha tia vinha pra cá nas temporadas de café, um ônibus cheio de gente, e ficava debaixo do sol quente colhendo café, colhendo café, e morrendo por ali, se deixando ali, sabe? Nosso país é o maior produtor e exportador de café no mundo, mas quem colhe essa grana toda nem suja a mão de terra.

Minha tia acordava antes do sol nascer, às três da manhã preparava a marmitta, pegava a condução, com o corpo cansado e a alma pesada. O trabalho no cafezal era extenuante. As mãos dela ficavam calejadas, os dedos inchados e a pele marcada pelo sol. Ela me dizia que o calor era tão intenso que, às vezes, parecia que o próprio inferno tinha subido à terra.

Chaleira apita.

Maria entra com o café, Oswald vira-se para o filho.

Oswald – A colheita foi ótima este ano, fazia tempo que não pegávamos uma crioulada tão boa de trabalho.

Riem e Oswald se vangloria.

Oswald – *(com um sorriso presunçoso)* Espero que esteja apreciando nosso café. É colhido aqui mesmo, em nossas terras. Temos muito orgulho da qualidade que alcançamos. É resultado do trabalho árduo de gerações que construíram esse império.

Aurora – *(com um olhar superior)* Sim, somos uma família que entende a importância da linhagem. Afinal, não é qualquer um que pode gerenciar tantas terras e recursos como nós. É uma questão de manter a ordem e a tradição, assegurando que apenas os melhores estejam à frente.

Oswald – *(com um tom de superioridade)* Absolutamente, Aurora. Nossa posição não é apenas resultado de trabalho, mas de cuidado com quem permitimos estar ao nosso redor. Afinal, não podemos permitir que a qualidade de nossas terras seja comprometida por pessoas que não entendem seu valor.

Maria – *(sutilmente irônica)* Compreendo, senhor Oswald. É fascinante ver como a história de prosperidade e sucesso se constrói.

Oswald – *(com um tom de superioridade)* Cada um tem seu papel nesta casa, assim como no nosso império. Nós, os de Sobrenome, guiamos e decidimos o destino. Os outros trabalham, essa é a ordem, cada um no seu lugar.

Pedro – *(olhando para Oswald)* Pai, cadê a Ana?

Oswald – *(sério)* Pedro, Ana se foi faz alguns meses. Não está mais entre nós. Já tava velha, não aguentava mais nem os tachos, Maria tava de ajudante dela e agora tomou o lugar.

Pedro – *(surpreso)* Sério? Não sabia.

Aurora – *(interrompendo)* Maria não tava dando conta de pagar o aluguel, aí veio morar lá naquele casebre dos fundos.

Maria – (*servindo o café, ouvindo atentamente*) Depois que minha tia morreu, fiquei; as despesas apertaram e...

Aurora – (*interrompendo*) Shhhiiiu, esse papo de morte deixa a energia do lugar ruim, por favor, Maria, modos.

Oswald – (*com um sorriso forçado*) Maria trouxe ordem novamente para esta casa. E não reclama de nada.

Maria (Intérprete) – (*sorrindo ironicamente*) Ah, sim, a “ordem” que trouxe para esta casa... Deixe-me contar uma história. (*dirige-se ao público, aproximando-se deles*) Era uma vez, em um reino chamado Cabinda, na costa da Angola, uma princesa chamada Zacimba Gaba. Ela nasceu em liberdade, como eu nasci em meio ao caos. Mas a liberdade de Zacimba foi arrancada pelos invasores portugueses, assim como a nossa liberdade é arrancada todos os dias.

Olha diretamente para Aurora, Oswald e Pedro.

Olha para o público.

Maria (Intérprete) – (*sorrindo ironicamente*) Ah, sim, a “ordem” que trouxe para esta casa... Deixe-me contar uma história. (*dirige-se ao convidado e lhe entrega uma carta*) Aqui, leia esta carta para todos nós. Ela conta a história de uma grande mulher, uma princesa chamada Zacimba Gaba.

Convidado – (*abre a carta e começa a ler*) “Zacimba Gaba foi uma princesa guerreira do reino de Cabinda, na Angola, nascida no século 17. Ela comandou seu povo numa guerra contra a invasão portuguesa. Após a derrota, foi capturada e trazida ao Brasil como escrava. No Espírito Santo, foi

vendida ao fazendeiro José Trancoso. Ela foi cruelmente castigada por não se submeter às ordens do senhor, que logo descobriu seu *status* de princesa. Zacimba foi estuprada e submetida a torturas físicas e psicológicas.

“Mas ela não se rendeu. Zacimba planejou sua vingança usando um veneno mortal extraído de uma cobra, conhecido como ‘pó de amassar sinhô’. Ela administrou o veneno em pequenas doses até que José Trancoso morreu, libertando a si mesma e a seus companheiros de cativeiro. Sua coragem e astúcia fizeram dela uma lenda de resistência e vingança.”

Maria interrompe abruptamente.

Maria (Intérprete) – *(olhando intensamente para o convidado)* E, então, o que você faria se estivesse no lugar dela? Se fosse arrancada de sua terra, de sua liberdade, e forçada a lutar por sua vida todos os dias?

Convidado – *(responde)*

Maria (Intérprete) – *(enquanto serve o café)* Na época de Zacimba, ela envenenava o senhor aos poucos e com paciência, em pequenas doses. Isso porque havia o receio constante de que a comida poderia estar envenenada, então os senhores de escravos faziam os próprios escravizados provarem a comida primeiro, para garantir que não fosse letal. Zacimba aproveitava essa desconfiança para administrar o veneno de maneira gradual, assegurando que seus alvos não morressem imediatamente e que ela pudesse concretizar sua vingança de forma segura e eficaz.

Aurora – Maria, este bolo está simplesmente divino! Qual é o segredo dessa receita?

Pedro – Concordo com a mãe. Maria, você realmente sabe como fazer um bolo que alegria o paladar.

Oswald – *(com um ar de mistério)* Pedro, você ouviu falar do jovem que encontraram morto perto do centro ontem à noite?

Pedro – *(surpreso)* Não, o que aconteceu?

Oswald – *(com um leve sorriso enigmático)* Dizem que era um dos meninos daquele bairro, sempre metido em confusão.

Aurora – *(com um tom preocupado)* chego até a ficar arrepiada.

Oswald – *(enquanto corta sua carne)* Às vezes, é preciso fazer o que é necessário para manter as coisas em ordem.

Maria (Intérprete) – *(interrompendo o momento, dirigindo-se à plateia)* Vocês sabiam que muitas vezes o que chamam de “manter as coisas em ordem” é apenas uma desculpa para perpetuar a violência?

Aurora – *(olhando para a atadura suja de sangue na mão de Maria)* Maria, o que é isso na sua mão? Sangue?

Maria – *(fala quase que pra si)* Faca afiada corta até a vida... *(em um tom mais audível)* O bolo é de laranja. Acabei me cortando na hora de descascar elas!

Um deles começa a passar mal, e todos vão passando mal e caindo na sala. Maria volta para o convidado, eles atravessam a porta e voltam para a mesma cadeira inicial, e ela termina agradecendo a todos por terem ouvido a história.

A luz na mesa principal começa a diminuir gradualmente enquanto Maria e o convidado retornam para suas cadeiras iniciais.

Maria (Intérprete) – No fim das contas, eles ainda acham ruim que a gente queira ter cota, moradia, emprego digno, que a gente ocupe as telas. Eles usam tudo nosso, nosso corpo, nossa voz, e depois nos descartam como se fôssemos dispensáveis. Como uma amiga minha disse uma vez, “que Deus abençoe os meus pecados”. *(um som de apito ecoa pelo ambiente)* Ah, na hora certinha. Obrigada por me ouvirem.

Maria olha para o convidado e lhe dá um beijo na testa.

FIM

Salomé

da Vila das Rosas





Psicóloga, sexóloga e feminista. Mulher bissexual que escreve para romper com noções de posse que anulam os afetos. Busca a liberdade de ser plenamente quem é, recusando se moldar a padrões, inclusive em relação ao próprio corpo.

Escrevo desde muito nova e posso dizer que tive experiências maravilhosas no *Elas +: Tramas Diversas*, desde 2022 até hoje. Como mulher bissexual, encontro nas histórias sáficas possibilidades que por muitos anos me foram silenciadas - em meu corpo e na minha existência. Muita gratidão a Nieve e Thalia pelas orientações amorosas. A cada participante do *Elas +* pelo afeto, pelo cuidado e pela amizade. A amores, amigos e amantes. A cada inspiração direta ou indireta.

Sou psicóloga, atuo na área clínica e sou mestre em Psicologia Institucional. A dramaturgia que trago em 2024 tem a ver com isso. Há muito tempo, enquanto pesquisava a história de um hospital psiquiátrico para o meu

mestrado, contaram-me uma história: a de uma mulher que arrancou a cabeça do marido com uma foice no cafezal. Essa mulher acabou internada como louca, mas havia uma história antes disso. Uma história de violência e dor – como as histórias de tantas mulheres. Antes e hoje.

Por que uma mulher mata? É o que pergunto nesta dramaturgia. Contando a história de Ciça, através de um *podcast* de crimes reais e de cenas da época, uso a ficção para pensar possibilidades. Revirar o passado e reinventar o destino.

SALOMÉ DA VILA DAS ROSAS

Carla Carrion

Personagens:

Do podcast – Personagens cujas vozes aparecem em off:

SARAH

YASMIN

RONALD

Personagens em cena:

CIÇA, a Salomé da Vila das Rosas.

ROSA, seu grande amor.

ALZIRA, a mãe.

ANA, a irmã tão querida, de coração doce e inteligência aguçada.

EUNICE, uma amiga inesperada.

LORENZO, o homem, o marido, o algoz.

MULHERES 1, 2, 3 e 4, lavando roupas no rio e contando histórias da vila.

Aviso de gatilho: recomendo para maiores de 16 anos. Além de ser uma história sobre homicídio, aborda conteúdos sensíveis como violência contra a mulher.

PRÓLOGO – UMA CENA ANTES DE TUDO...

Uma mulher sonha acordada. Contempla suas possibilidades de futuro. Poucas. Ela é uma jovem trabalhadora do campo dos anos de 1960. Chama-se Maria Cecília ou Ciça, e se encontra no centro do palco. O cenário é de uma vegetação bonita, seu esconderijo de amor. Ciça tem os olhos voltados para a plateia. Mas não é exatamente para a plateia que ela olha. É para o futuro. Um futuro que já lhe parece desenhado antes mesmo de ter nascido. Por isso, talvez, seus olhos pareçam não ter brilho. Às vezes, lança o olhar para diferentes lados. Às vezes, olha para trás ansiosa, à espera de alguém. Distraidamente arranca pedacinhos da grama.

Ao mesmo tempo em que a história de Ciça acontece em um passado distante, são ouvidas pelo público vozes em off que narram a partir do presente. São vozes de um podcast de crimes reais que surgirão ao longo das cenas.

Música de suspense.

Pausa na música.

Sarah – (voz em off) Este *podcast* pode conter relatos de extrema violência. Não recomendado para menores de 18 anos e pessoas de coração sensível.

Entra novamente a música de suspense. Enquanto isso, Cecília continua no palco à espera de algo ou alguém.

Pausa na música.

Yasmin – (*voz em off*) Meu nome é Yasmin.

Sarah – (*voz em off*) Meu nome é Sarah.

Ronald – (*voz em off*) Meu nome é Ronald.

Sarah – (*voz em off*) Nosso *podcast*, Noites Tensas, traz casos de crimes reais acontecidos no passado. Alguns foram resolvidos e outros permanecem até hoje sem solução.

Yasmin – (*voz em off*) Hoje vamos contar uma história que aconteceu há muito tempo, pelos anos de 1960. Sarah fez uma pesquisa extensa desde que começou a estudar histórias de loucura e crime entre mulheres. Fala um pouquinho, amiga...

Sarah – (*voz em off*) Na verdade, uma das minhas perguntas é: por que as mulheres matam?

Ronald – (*voz em off*) As mulheres também são capazes de atrocidades? Essa é uma questão!

Sarah – (*voz em off. Levemente irritada*) Toda pessoa é capaz, Ronald... Mas vamos voltar ao meu raciocínio. A natureza do crime e da loucura é um mistério que já tentaram explicar através de teorias eugenistas, baseadas no ponto de vista de cientistas homens e brancos. Ou seja, teorias racistas, misóginas, tratadas como um saber inquestionável. Daí a violência dos manicômios, por exemplo. E vamos pensar no caso que trazemos hoje: o caso de uma suposta assassina. A mulher louca, histérica, tratada como alguém de menor capacidade de raciocínio se comparada ao homem. O que se diz de uma mulher que mata? Nossa história de hoje permite várias reflexões. (*faz um tom de mistério*) A história da chamada (*pausa dramática*)

Salomé da Vila das Rosas.

Entra música de suspense.

Pausa música.

Yasmin – (*voz em off*) Foi no interior do estado, lá na divisa com o norte, num vilarejo chamado Vila das Rosas, um lugar tão tão pacato que nem dava pra imaginar uma coisa assim. (*fala pausadamente, dando ênfase a cada parte*) Um homem amanheceu morto... na roça de café... decapitado... A cabeça separada do corpo em uma cena horrenda, de terror... Foi encontrado por um de seus empregados em uma manhã de quarta-feira... E a história, desde então, assombra a cidade...

Ronald – (*voz em off*) E onde entra Salomé?

Yasmin – (*voz em off*) Salomé é uma figura bíblica. Uma jovem que pediu a cabeça de João Batista numa bandeja. Era apenas uma adolescente e, ao longo da história, foi retratada como uma mulher sedutora e perversa. A nossa assassina... suposta assassina... não se chamava Salomé. Mas também era bastante jovem. Seu nome era Maria Cecília. Era a esposa do morto. A principal suspeita.

Sarah – (*voz em off*) Uma família comum, formada pelo casal e uma filhinha pequena. Ninguém imaginava...

Yasmin – (*voz em off*) O que chamou atenção na época foi a brutalidade do crime. Ele era um homem bem-visto na vila, um descendente de italiano, homem de posses, católico...

Sarah – *(voz em off)* Não é difícil um homem branco, dono de terras ser bem-visto...

Yasmin – *(voz em off)* Mas a forma violenta me assusta. Quer dizer, não me entendam mal, a gente pode matar, mas de forma violenta assim... Brutal...

Ronald – *(voz em off. Rindo)* A gente pode matar? Olha, agora fiquei com medo, Yas...

Os três riem. No palco, Ciza se levanta incomodada.

Caminha para um lado e para outro demonstrando impaciência.

Yasmin – *(voz em off)* Mas, falando sério, deve ter sido muito ódio. Desses que consomem a gente...

Sarah – *(voz em off)* Talvez a gente precise se aprofundar melhor na história para compreender. Quem era Maria Cecília? Quais eram seus sonhos?

Música de suspense.

Música continua por um tempo, diminuindo o som lentamente até pausar.

Ciza ouve um barulho de passos e olha para trás. Dessa vez, com alívio, percebe que chegou aquela a quem ela esperava. Rosa se aproxima esbaforida. Tenta abraçar Ciza, mas esta parece hesitante. A fusta-se irritada. Rosa tenta outra aproximação. Segura delicadamente a mão de Ciza.

Rosa – *(ofegante)* Desculpa, Ciza, desculpa. Não foi fácil distrair meu pai hoje.

Ciça cede, abraça Rosa. Ambas se sentam lado a lado. Rosa observa Ciça com encantamento. Ciça continua olhando vagamente para a frente.

Ciça – Rosa...?

Rosa – Hum?

Ciça – Não consigo parar de pensar em dona Amália...

Silêncio.

Ciça – Cê acha que ela ficou doida mesmo?

Rosa parece pensar um pouco...

Rosa – Doida... (*sorri*) Dona Amália expulsou o marido de casa depois de apanhar demais. Gritava palavrão pros meninos que jogavam pedra na casa dela... Não conversava com ninguém e, depois de um tempo, deu pra contar a idade ao contrário... Dos 45 passou pros 20, até virar menina de novo...

Ciça – É...

Rosa – Se isso é ser doida, eu vou virar doida também se continuar morando aqui... Toda mulher fica doida aqui, Ciça...

Faz-se um silêncio entre as duas. Há muito tempo elas vêm pensando sobre isso.

Ciça – Quando eu era pequena, morria de medo de dona Amália... Já joguei pedra na casa dela... *(encolhe os ombros e baixa os olhos, envergonhada)* Depois corri como quem foge do diabo... Agora é engraçado. Eu que tô quase virando o diabo. Num guento mais meu pai, a bebida, a falta de dinheiro, de feijão, o choro dos meus irmãos; num guento mais ser mãe deles, porque minha mãe tá quase endoidando, cansada, irritada... como toda mulher daqui...

Rosa segura delicadamente a mão de Ciça. Elas se olham. Ciça lhe beija o rosto e elas tocam os lábios com ternura. Acariciam-se no rosto e nas mãos.

Rosa – Quando eu for embora...

Ciça – *(em tom de aflição)* Não vai! Não vai... Eu não sei o que fazer sem você...

Rosa – *(interrompendo)* Quando eu for embora e tiver tudo ajeitado por lá, eu volto. Pra te buscar... Me espera...

Ciça – A gente não pode viver junta do jeito que a gente quer. A gente pode parar no hospício como dona Amália... *(abraça as pernas contra o peito agoniada)*

Rosa – Eu vou pra casa de uma parente. Que vive com a irmã dela... Mas a irmã, na verdade, não é irmã... Na cidade dá pra fazer dessas coisas, ninguém se interessa pela vida da gente. Eu só preciso de um trabalho... E

te busco... E a gente vai ser irmã... *(sorri enquanto acaricia o rosto de Ciça)*

Ciça – A gente vai ser irmã... *(seus olhos faíscam)*

As duas jovens se beijam com doçura. É um sonho adolescente raro em meio a tanta dor. Naquele instante, acreditam. Que é um jeito de não morrer.

CENA I – VILA DAS ROSAS

Quatro mulheres estão lavando roupas. Quatro corpos exaustos. Quatro corações cansados. Em seus olhos, as expressões são quase vazias. Aquela conversa, naquela hora da manhã, talvez seja o único momento de algum prazer no dia.

Som de suspense. Entram as vozes do podcast.

Sarah – *(voz em off)* Sobre histórias muito antigas pairam muitas lendas. Os jovens da Vila das Rosas até hoje dizem que é perigoso para um garoto estar próximo às plantações à noite, porque a Salomé pode estar por ali, pronta para matar um homem.

Yasmin – *(voz em off. Rindo)* Não sei se eu julgo a Salomé...

Ronald – *(voz em off)* Vocês estão me dando medo. Parece que estão gostando dessa assassina. Agora imagina se fosse o contrário...

Sarah – *(voz em off)* O contrário? Amigo, o contrário é notícia comum no jornal local. Homens matando mulheres é o que mais tem no nosso próprio *podcast*. Nossos ouvintes podem atestar isso. Deixem um comentário depois, queridos ouvintes, sobre o que estão achando do nosso trabalho investigativo.

Yasmin – *(voz em off)* Aliás, Sarah. Conta mais o que você investigou.

Sarah – *(voz em off)* Maria Cecília era uma mulher comum. E deve ter sido uma garota comum. Casou jovem, como acontecia na época. Um casamento planejado pela família. Um excelente casamento, era o que achavam...

Música de suspense.

Pausa na música.

Mulher 1 – Ficaram sabendo da nova?

As outras três mulheres – Qual?

Mulher 1 – Tem uma aí que foi levada pela polícia. Lá pras bandas do norte.

Mulher 2 – A Rosa?

Mulher 3 – Menina esquisita...

Mulher 1 – Ela mesma, filha do seu Joaquim. Sumiu faz tempo e andava por lá vestida feito homem.

As outras três mulheres fazem expressão de espanto.

Mulher 1 – Esse tipinho a gente bem sabe... Andava pra lá e pra cá com a outra, filha de Alzira.

Mulher 4 – Maria Cecília, menina tão boa... Cuida dos irmãos como ninguém.

Mulher 2 – Deus sabe o que tanto faziam...

As 4 mulheres fazem o sinal da cruz ao mesmo tempo.

Mulher 4 – Coitadinha da Rosa... Foi igual a Amália. E igual a Joana.

Mulher 3 – E igual Catarina. A amante louca.

Mulher 1 – Todas mereceram! Todas! Quem não anda na linha acaba na rua, no hospício ou na cova.

As outras três esfregam as roupas com força, demonstrando desconforto.

Mulher 4 – *(falando mais baixo)* Penso se um dia acontecer comigo...

Mulher 3 – O quê?

Mulher 4 – Nada...

Mulher 1 – Se a Alzira não der jeito naquela menina, nem quero pensar no que vai acontecer. Não costura, não faz nada, preguiçosa que só. Cozinha como a cara dela. Piorou depois que a outra sumiu, anda avoadada por aí...

Mulher 2 – Fiquei sabendo que o italiano tá de olho nela.

As outras três se entreolham.

Mulheres 1, 3 e 4 – O Lorenzo?

Suspiram.

Mulher 2 se anima. Tem uma fofoca nova.

Mulher 2 – O Lorenzo. Anda querendo casar. Produz café do bom e pode dar do bom e do melhor pruma mulher...

Mulher 1 – Aquela lá precisa é de rédea curta.

Mulher 2 – Com ele, ela se ajeita.

Mulher 3 – Se a mãe for esperta e arranjar esse casamento...

Mulher 4 – Ciça é boa na foice. Pequena, ajudava o pai no trabalho...

As outras ignoram a Mulher 4 e seguem conversando entre si.

Mulher 3 – Um bom casamento dá jeito em qualquer uma. Lorenzo é bonito e firme.

Mulher 2 – Muito firme. Menina assim não se cria com ele.

Mulher 4 – Muito velho pra ela...

Mulher 1 – Mais velho é melhor...

Mulheres 2 e 3 assentem com a cabeça. As quatro seguem com o extenuante trabalho, reflexivas com as interessantes novidades da Vila das Rosas.

CENA II – NOIVA

Ciça está provando vestido de noiva em casa enquanto sua mãe, Alzira, ajusta-o pregando alfinetes. Ana, a irmã, está sentada no chão fazendo um arranjo de flores.

Ciça – Tá ficando lindo, irmã...

Alzira – Tão murchas. Vão murchar mais até lá.

Ana continua atenta ao seu trabalho, ignorando as implicâncias da mãe.

Ciça – A gente coloca na água... A noiva sou eu e eu que mando.

Sorri olhando para a irmã.

Ana ergue a cabeça e sorri de volta.

Alzira – Cês são duas bestas... Tem que dar graças a Deus, Ciça. Lorenzo é um homem bom e trabalhador. Tudo tem que sair perfeito.

Música de suspense.

Entram as vozes do podcast.

Sarah – *(voz em off)* É claro que sempre tem aquelas histórias. A família complicada... difícil. Maria Cecília não era de família abastada como o marido. Sofria muitas privações. O pai sofria de alcoolismo, a mãe apresentava alguma doença psíquica não diagnosticada na época, mas eu fico imaginando se não era depressão. Cecília tinha quatro irmãos, apenas uma era menina, e ela... Ela era considerada uma pessoa esquisita...

Ronald – *(voz em off)* Esquisita como?

Sarah – *(voz em off)* Não consegui descobrir. Só se sabe que teve uma história trágica e isso deixou Maria Cecília destruída...

Música de suspense.

Ana termina de montar o arranjo enquanto a música de suspense diminui; levanta-se e entrega para a irmã.

Ciça – Lindas!

Alzira – Murchas...

Ciça – Mãe!

Ana, com admiração, contempla Ciça. Aproxima-se para ajudar a mãe nos ajustes e recebe um tapa na mão.

Mas é Ciça quem grita.

Ciça – Ai! Me espetou com o alfinete, mãe!

Alzira – Desculpa, fia. Ana, vai lá pra fora! Tá me atrapalhando.

Ciça – Não! Ela fica.

Nesse momento, alguém de fora grita por Alzira.

Alzira – *(impaciente)* Vou lá ver quem é. Nunca termina esse trabalho, nunca. *(volta-se para Ciça)* Você não se mexe, que agora mesmo eu volto pra terminar. E você *(volta-se para Ana)* não fica de gracinha!

Alzira sai de cena resmungando.

Ciça vira-se para olhar pra ela.

Ana – *(imitando a mãe)* Você não se mexe!

Ambas riem em cumplicidade.

Ana – Pelo menos ela gosta de você...

Ciça – Nem vem com bobeira. Eu também achava que ela não gostava de mim. Mas ela adora todos nós... Do jeito dela...

Ana – Num sei...

Ciça – Ana... Ela não percebe muito as coisas... Até agora acha que tô muito feliz... *(aponta para o vestido com as mãos)* com tudo isso...

Ana – E cê não tá feliz! (*definitivamente não é uma pergunta*)

Ciça – Eu tô feliz. Mas não muito feliz. Eu tô feliz normal. Lorenzo é generoso. Bom. Cuida de mim... Vai cuidar de todos nós...

Ana – (*reflexiva*) Feliz normal...

Ciça – Nem tudo é muito feliz, minha irmã... Às vezes é só... como tem que ser...

Ana – Mas ele não é o seu amor...

Ciça – Ele é um homem bom. Eu rezo pra um dia cê poder casar com o seu amor, quando for a hora. Mas eu vou casar com um homem bom... E vou gostar dele...

Ana – E se ele não for bom?

Ciça – Ele é... Ele me prometeu que vai ajudar a gente em tudo. Vai cuidar de todo mundo que eu amo...

Ana – O pai toda vez que vai na missa promete que vai parar de beber...

Ficam ambas em silêncio. Ana retira, distraidamente, um dos alfinetes do vestido de Ciça.

Ciça – Ei, não mexe aí. Cês vão acabar me espetando toda.

Ana ignora e brinca de espetar o alfinete no próprio dedo.

Ana – *(sonhadora e distraída)* Eu não achava errado, sabia?

Ciça – Oi....?

Ana – Você e a Rosa.

Ciça fica nervosa, senta-se na cadeira.

Ciça – Do que cê tá falando?

Ana – Do seu amor... Eu lembro. As pessoas diziam coisas. E eu sei. Eu vi.
(olha para Ciça) Tô vendo nos seus olhos agora.

Ciça – Ana...

Ana – Eu não acho errado... Não entendo por que...

Ciça – Por favor, não fala mais disso... Ela era... Ela era minha amiga... *(a voz falha, Ciça tenta disfarçar que está embargada)* Nem sei mais onde tá... Foi e nunca mais voltou... *(tenta retomar a postura)* Mas não tem isso de amor... Amor desse tipo é...

Ana continua espetando o alfinete em seus dedos, agora nas mãos.

Ciça – Olha pra mim, Ana...

Ana se volta para ela. Ciça tira-lhe delicadamente o alfinete da mão.

Ciça – A gente só tá com medo. Eu e você. Porque vou casar e ir embora e morar com um homem... Mas tudo vai ficar bem. Eu volto sempre... O Lorenzo é...

Ana – *(interrompendo)* Um homem bom...

Ciça – Cê vai conhecer. E vai gostar dele... Eu prometo...

Ana – Não, não promete. Cê não tem como saber... *(encosta a cabeça no colo da irmã, que lhe acaricia os cabelos)*

Ciça – Então só lembra... que cês todos são mais importantes que tudo. Você, a mãe, os meninos...

Ana – Cê sente saudade da Rosa?

Ciça – Sempre... Mas, Ana... Um primeiro amor proibido... é ilusão. Isso *(aponta para o vestido)* é realidade...

Ana – Eu acho que devia ser o contrário...

As irmãs continuam aconchegadas em cumplicidade.

CENA III – MÃE

Ciça está em casa, na cozinha, varrendo. Sua expressão é triste. Há algumas marcas roxas em seu corpo e rosto e tudo nela parece expressar exaustão.

Sua mãe, Alzira, bate palmas e chama de fora.

Voz de Alzira – Ô de casa!

Ciça se assusta. Ultimamente tem levado muitos sustos. Larga a vassoura, caminha até a porta e recebe a mãe. Alzira carrega uma sacola de mangas e tem dificuldade para manter as mãos livres. Mesmo assim, abraça a filha, atrapalhada.

Ciça – Mãe...

Alzira – Fia... Quanto tempo...

Alzira olha Ciça de cima a baixo. Sua expressão é de surpresa, mas ela nada diz. Oferece a sacola com as mangas.

Ciça – Ah, mãe. Muito agradecida. Minhas preferidas. Vamos tomar um café? Senta, por favor...

Alzira se acomoda à mesa enquanto Ciça se dirige para passar o café. Um silêncio paira entre elas. A mãe observa a filha, seus movimentos frágeis, seu desalinho; ternura, amor, surpresa. Medo. Nem tudo pode ser dito.

Alzira – Tão bonita sua casa, Ciça... O Lorenzo vai bem?

Ciça ainda está de costas, preparando o café. Não responde.

Música de suspense.

Entram as vozes do podcast.

Yasmin – (*voz em off*) Naquela época, havia muitas teorias que diziam que o crime e a loucura eram hereditários, não é?

Sarah – (*voz em off. Suspira*) Ainda hoje, Yas. Ainda hoje há quem acredite nisso. Penso que há uma dificuldade em compreender que a sociedade e a cultura têm enorme influência em nossas vidas.

Ronald – (*voz em off*) Mas existem pessoas que nascem más. Nos vários crimes que estudamos, por exemplo, em muitos a gente não encontra qualquer explicação.

Sarah – (*voz em off*) A gente só não encontra... o fio. Existem fios na história que a gente nunca vai encontrar...

Ronald – (*voz em off. Suspira*) A minha vó Glória fez uma coisa que era impensável pra época. Ela apanhava muito, é o que meu pai conta. Um dia ela resolveu dar um basta e largou o marido pra trás, levando três filhos. Ela foi muito forte. (*pausa*) Mas separar é uma coisa. Matar é outra. Nada justifica, nada.

Yasmin – (*voz em off*) Talvez não pra mim ou pra você. Mas como saber o que se passa no coração de alguém? Quer dizer, nas minhas raivas, eu penso, mas nunca faria. Mas um homem decapitado... A gente não sabe... A gente só especula...

Sarah – (*voz em off*) A gente só especula...

Música de suspense.

A música de suspense vai diminuindo enquanto Ciza leva o café para a mesa

e serve-o nas xícaras. Também serve biscoitos. Mãe e filha bebericam o café e comem.

Alzira – Cê parece triste, fia... *(toca os cabelos da filha, puxando delicadamente os cachos para trás da orelha. Toca-lhe o rosto com ternura)*

Ciça – *(com um sorriso triste)* Ah, é só cansaço. O Lorenzo... Ele tá pra roça. Trabalha muito, ele... *(toca a mão carinhosa da mãe)* Mas e os meninos, como tão? Tô com saudade... De todo mundo...

Alzira – Zé e Antônio tão trabalhando com seu pai. A Ana... A Ana, cê sabe, tá do mesmo jeito...

Ciça – *(interrompendo, como se precisasse repreender a fala de Alzira)* Mãe!

Alzira – Ora, cê num tá mais lá pra ver, mas sabe como ela é. Menina avoadada, tenho até medo do que pode acontecer com ela. Esquece tudo, quebra tudo. Me dá nos nervos... Essa menina vai me endoidar!

Ciça – A gente tem que ter paciência com a Ana, mãe... Ela é diferente. Mas tem vez que eu acho que ela sabe muito mais do que a gente... Das coisas do mundo, da vida, do coração...

Alzira – *(irritada)* Cê tem paciência porque não tá mais lá...

Ciça – *(eleva um pouco o tom)* Mas, quando eu tava, sempre tive. Paciência, calma, entendimento!

Alzira – Tá dizendo que é melhor que eu pra cuidar dos meus meninos?

Ciça – Mãe! Não... Eu também sou...

Ficam em silêncio. Bebem o café e não se olham. Há uma mágoa antiga ali...

Ciça – *(com a voz mais suave)* Desculpa, mãe. É o cansaço. É o cansaço... E a saudade também...

Ciça abre uma caixinha no centro da mesa. Tira um pouco de dinheiro e entrega pra mãe.

Alzira – Não, fia, por favor. Não vim aqui pra isso...

Ciça – Pra que melhorar de vida se a gente não pode ajudar um pouco a família? Aceita, mãe...

Alzira aceita a contragosto. Um silêncio de cumplicidade paira no ar. Ciça esboça um sorriso. Para algo isso tudo precisa servir. Para alguma coisa que seja.

Alzira – Cê podia ir lá, fia. Até seu pai sente falta... Seu pai, ainda daquele jeito...

Ciça – E o Serafim, mãe? Como tá?

Alzira – *(sorrindo)* Aquele ali tá cada vez mais inteligente. Seu pai vai mandar ele pra escola. Diz que é porque é o mais inteligente de todos... *(interrompe-se)* Quer dizer, você também, mas a gente precisava... *(fica constrangida)*

Ciça – Ah, mãe... Que é isso... Eu tô feliz que o Serafim vai estudar. Queria dar um abraço nele, uns apertos na bochecha... *(seu sorriso agora é aberto e genuíno. Os irmãos conseguem trazer à tona o melhor de Ciça)*

Alzira – Cê tem que visitar a gente. Todo mundo sente saudade. Principalmente a Ana...

Ciça fica em silêncio. Bebe um gole de café.

Ciça – Cinco filhos, né, mãe? *(está contemplativa)* Dói sempre?

Mais silêncio.

Ciça – Dói sempre que a gente deita com o marido?

Alzira – Ciça...

Ciça – Mãe, eu queria...

Silêncio.

Ciça – Toda vez, desde a primeira, aconteceu de um jeito... De um jeito que...

Silêncio. Alzira olha para a filha tentando esconder o medo.

Ciça – Ele me força, mãe. Ele...

*A voz de Ciça está embargada, mas ela segura o desespero, a angústia, o nojo.
O silêncio agora é violento e invade todo o ambiente.*

Alzira se levanta e caminha pela cozinha.

Ciça – Mãe?

Alzira – *(como se não falasse diretamente pra filha)* Tem coisa que a gente faz pelo casamento. Pela família... É como um dever... Uma ordem de Deus... Tem coisa que o homem precisa. E, se ele não tem em casa, procura na rua. E a gente tem que se salvar. Todo dia. E salvar quem a gente gosta, nossa família. A chance da gente no mundo é menor, Ciça. A chance da gente no mundo é menor...

Ciça está com os olhos úmidos. Enxuga-os com aflição.

Ciça – Mãe... Eu tô atrasada... Umas três semanas já... Não sei se...

Alzira se volta para ela.

Alzira – Atrasada...? Quer dizer...

Aproxima-se e envolve a filha em um abraço cheio de ternura. Ciça não consegue nem tenta se desvencilhar. Permanece estática.

Alzira – Ah, fia... Minha Ciça... *(beija-lhe a testa)* É pra isso que a gente suporta. Tudo. Eu por você e pelos meninos... Você por ela...

Ciça – Ela...?

Alzira – Sonhei com ela, fia. Uma menininha. A sua cara. Rindo pra mim. Uma menininha, Ciça... Minha neta...

Ciça aperta sua mãe com força. As lágrimas agora descem sem controle.

Ciça – (*triste*) Uma menina...

A dor de Ciça é do tamanho de todo o palco e se expande além.

CENA IV – FILHA

Ciça balança a filha em um berço de madeira. Parece exausta, apresenta marcas roxas no corpo, o olhar vazio.

Música de suspense.

Entram as vozes do podcast.

Ronald – (*voz em off*) O que faz alguém matar desse jeito?

Yasmin – (*voz em off*) Pode ser raiva. Ódio. Fúria.

Ronald – (*voz em off*) Perversidade. Sangue frio. Sociopatia.

Sarah – (*voz em off*) Desespero. Pode ser desespero... (*seu tom é significativo, com uma dose de emoção contida*) O que o desespero não faz, não é verdade?

Yasmin – *(voz em off)* O que o desespero não faz....?

Música de suspense. Música de suspense para assim que o barulho de palmas do lado de fora interrompe o momento.

Ciça se ergue num susto. Vai até a porta e recebe Eunice.

Ciça – Boa tarde, dona Eunice...

Eunice – Boa tarde, Cecília... Eu... Posso entrar?

Ciça – *(recuando)* Ah, sim. Entra, por favor... Mas não tava preparada pra visita hoje...

Eunice – Não vim pra te incomodar... É apenas meu papel na igreja, saber se os fiéis estão bem... O padre Jonas tem sentido sua falta...

Ciça – É... faz tempo que não vou... Tô meio ocupada, cansada... Mas próximo domingo eu...

Eunice – Não, não, eu não vim te cobrar... Só estou preocupada... Muita gente está...

Ciça – Muita gente...

Eunice – As pessoas se preocupam com você, Cecília... Principalmente desde que... *(interrompe-se)*

Ciça – *(como se estivesse falando sozinha)* Desde a morte da minha mãe. Desde quando meu pai se perdeu em algum bar. Desde que os meninos foram cada um prum canto... Desde que Ana... Desde que minha irmã se afogou...

Eunice – Foi uma tragédia...

Ciça – Foi suicídio. Tem nome. As coisas têm nome, dona Eunice.

*Volta-se para o berço e torna a balançá-lo, cantarolando uma cantiga de ninar.
Eunice se aproxima dela e põe a mão em seu ombro.*

Eunice – Eu sinto muito, menina. Pelas suas perdas... E pode me chamar só de Eunice. Somos amigas antes de tudo.

Ciça – Faz tempo que não tenho amigos...

Eunice – Pois eu estou aqui...

Ciça – Me desculpa, dona... Me desculpa, Eunice. Mas não vai mudar muita coisa.

Eunice olha para a criança no berço. Contempla.

Eunice – Tão bonita. Parece você quando pequena...

Ciça – Eu tenho medo...

Eunice – Ele... anda impaciente ainda?

Ciça – (*riso amargo*) Impaciente... A senhora tem um jeito engraçado de dizer as coisas...

Eunice – Casamento não é fácil...

Ciça – É. Era o que minha mãe falava. Seu casamento é bom, dona Eunice?

Eunice – Eunice, por favor. É bom. É, sim. (*reflete*) Ele tá sempre longe demais, cuidando das coisas da igreja, auxiliando o padre Jonas. Ser mulher

do diácono é mais fácil talvez.

Ciça – *(quase inaudível)* Queria que meu marido ficasse longe pra sempre.

Eunice – O que você falou?

Ciça – Nada... Mas nem todo casamento é fácil assim. E a senhora não pode me ajudar... Acho que... preciso ficar sozinha com minha filha...

Eunice – Você tem marcas no corpo... Eu sei de algumas coisas há muito tempo. Casamento às vezes machuca, mas...

Ciça – *(interrompendo e falando de forma entediada)* ...mas Deus criou o homem e a mulher, e a mulher tem que obedecer. Manter a família unida.

Eunice parece estar ponderando. Fica em silêncio por um breve tempo.

Eunice – Não. Eu não concordo com isso.

Ciça a olha com espanto.

Ciça – Não?

Eunice – Sabe, Cecília... Tem uma coisa que eu faço. *(fala em tom confessional)* Eu era muito nova quando casei. Mais nova que você. Quando acompanhava Moisés nos trabalhos da igreja, eu... Comecei a fazer meus planos. Um pouco do dinheiro da caixinha toda semana. Deus que me perdoe. Deus que me perdoe. Mas eu queria ir embora...

Ciça, agora com os olhos brilhando, mostra-se fascinada.

Ciça – E cê nunca decidiu ir? Ainda vai?

Eunice – *(sorrindo)* Eu decidi não ir quando descobri a minha missão. Ajudar as mulheres daqui... Mesmo assim, por algum motivo, continuei guardando. Tenho muito já. Dá pra pegar um trem e começar outra vida. Mas é preciso coragem.

Ciça – *(encantada)* Mas eu te dou essa coragem, dona Eunice. Vai! Vai, sim. E, se eu pudesse...

Eunice – Ah, não, menina. Eu não. Aprendi a gostar da minha vida aqui. Do meu marido, que está sempre longe servindo a Deus. Acho que continuei guardando porque tinha um propósito maior. Mas não pra mim...

Ciça – Mas então...

Eunice – Uma vida melhor. Longe daqui. Pra você e pra esse anjinho. Eu... Eu sei o que Lorenzo faz, não sou ingênuia...

Há um momento de silêncio e ambas parecem refletir.

Ciça – *(desanimada)* Ele vai atrás de mim. Da gente. Eu já tentei uma vez... E ele prometeu me internar. Eu sou dele, entende? E a Rosa... *(olha para a filha, desolada)* Tenho medo... Só ia dar certo se ele... *(interrompe-se)*

Eunice – *(falando calmamente)* A decisão é sua...

A neném chora. Ciça balança o berço cantarolando uma canção de ninar, até que a pequena se acalme.

Ciça – *(sonhadora)* A senhora é um anjo, sabia? Mas... tem uma coisa que preciso fazer antes...

Eunice – Ciça...

Ciça – A senhora, que tem intimidade com Deus, sabe dizer se ele perdoa a gente antes do pecado? Ou só depois?

Eunice – *(em tom enigmático)* Depende. Do pecado. Do motivo. Às vezes, o que parece pecado nem sempre é.

Ciça sorri.

Ambas balançam o berço, cantarolando baixinho.

CENA V – SALOMÉ

É uma noite escura e chuvosa, com relâmpagos e trovões. Pouco se pode ver do que acontece. Aos poucos, duas silhuetas surgem no palco, uma de frente para a outra. São Ciça e Lorenzo. Ciça está com uma capa de chuva improvisada sobre o ombro, esconde uma das mãos nas costas.

Lorenzo – *(assustado, irritado e com um leve tom de embriaguez na voz)* O que tá fazendo aqui?

Ciça – Vim te procurar. Cê num chegava mais...

Lorenzo – Você sabe que eu tenho mais o que fazer. Não devo satisfação pra mulher...

Ciça – Hum... Eu sei... Mas fico preocupada...

Lorenzo – Pois aguenta. Onde que está a menina?

Ciça – A minha filha tá bem. Tá pra casa da Eunice.

Lorenzo – Você é mãe. Tem que ser responsável. Deixar a menina com os outros, ainda mais esse pessoal da igreja... Não aceito!

Ciça – *(com voz melosa)* Queria um tempo com você... Um tempo pra gente.

Uma luz desce sobre ela.

Ciça deixa cair a capa que cobre seu corpo; ela está belíssima, com um vestido branco leve, sensual e esvoaçante. Na mão que está nas costas, esconde uma foice. Um relâmpago precede o trovejar. A chuva segue intensa. Lorenzo olha para ela, abismado.

Lorenzo – Mas o que é isso? Mulher minha não anda assim! Veio desse jeito pelo caminho?

Ciça – Vim desse jeito pra você...

Lorenzo – Cala a boca. Mulher minha não anda nem fala dessa forma! Mulher minha não sai na rua que nem uma vagabunda!

Ciça – *(ergue a voz)* Só as suas putas, né? Eu sou a boazinha, caladinha! Comigo você prefere é quando eu não quero. Cê gosta é quando me faz doer.

Lorenzo se aproxima dela erguendo a mão, mas ela levanta a foice.

Ciça – *(irônica)* Calma... calma, Lorenzo...

Lorenzo – *(gaguejando)* Que m-merda é essa? *(ergue a voz)* Larga isso. Isso não é pra brincar!

Lorenzo dá um passo para trás. Está assustado, mas tenta manter a pose. É e sempre será um macho.

Ciça – Num tô brincando. Meu pai... *(balança a foíce)* Meu pai me ensinou a usar isso. *(gargalha)*

Lorenzo – Cecília. Cecília, você não tá bem. Tá igual à sua mãe... Sua irmã... Mas eu...

Ciça – *(interrompendo irritada)* Não fala delas! Cala a boca. *(ergue a foíce com firmeza)* Não tô brincando, Lorenzo. Hoje não tenho medo de você. *(sua voz treme)* Hoje... eu não tenho... medo de morrer.

Lorenzo estremece. Dá mais um passo para trás, olha para os lados. Agora o medo é real. Cecília parece grande demais...

Lorenzo – *(voz trêmula)* Meu amor... minha vida... vamos... vamos conversar, por favor...

Ciça – Seu amor... *(dá uma gargalhada)* Amor, Lorenzo? A gente já teve amor algum dia?

Embora ela seja menor, seu olhar e seu porte agora a tornam gigante diante do marido. Ciça é tão assustadora quanto a tempestade. E a foice a deixa igualmente poderosa.

Lorenzo – Eu me apaixonei por você há muito tempo... E até hoje... Cecília... Já te falei...

Ciça – Que pena. Porque eu tenho é ódio. Ódio! E nojo. Eu não gosto de homem, cê não sabia? Nunca ouviu as fofocas por aí? Ciça mulher-macho? Se escondendo pela mata com a namoradinha?

Ciça gargalha orgulhosamente.

Lorenzo dá mais passos pra trás, quase tropeça.

Ciça – Mas eu tentei. Fazer orgulho pra família. Pena que foi você. Pena que é você. Se fosse outro, ainda dava. Mas de você eu tenho mais nojo que tudo!

Lorenzo – A gente tem uma família. Vamos parar com isso. Vamos fazer o que você queria... Lembra? Você ir pra escola. Estudar... A menina... A gente dá um jeito pra alguém cuidar. Eu posso pagar. Posso pagar tudo!

Ciça ri novamente. Sua gargalhada é seguida por relâmpagos e trovões.

Ciça – Não tem mais jeito. Cê sabe disso. Já perdi tudo. Tudo...Tudo...

Lorenzo – Cecília, por favor...

Ciça – Lorenzo Mantovani, o italiano. *(Ciça faz uma voz como que arreme-*

dando alguém) “Casa com ele, Maria Cecília. Você tem sorte!” Sorte... Ah, sorte. Pro inferno todos eles! Pro inferno você!

Sua voz está mais alta e forte, e ela segue segurando com firmeza a foice. É certo que a maneja muito bem. A foice é carregada de suas próprias memórias.

Lorenzo – Maria Cecília, por favor...

Um relâmpago ilumina brevemente todo o ambiente, e logo, então, vem um longo trovejar. As luzes se apagam e nada se enxerga, nem mesmo as silhuetas. Ouve-se um baque seco. O grito de Lorenzo é curto e doído. O de Ciça é triunfal. Por um tempo, tudo fica em silêncio. Aos poucos, Ciça ressurge à meia-luz, o vestido manchado de vermelho e a foice sangrenta em uma das mãos.

Ciça – *(cantarolando)*

“O cravo ficou doente

A rosa foi visitar

O cravo teve desmaio...”

(fala pausadamente, abrindo um sorriso)

...A rosa aprendeu a matar...

Ciça gargalha sob a chuva fina. Está livre enfim.

As luzes se apagam enquanto “O cravo e a rosa” segue instrumental, como um lamento da noite.

TRANSPARENTE? SANDY VASCONCELOS
OU INVISÍVEL?





Hoje, olhando para a minha vida, vejo que sempre me perguntei: será que sou transparente? Ou invisível? Ou simplesmente nunca houve espaço para pessoas diferentes existirem em um mundo que se julga perfeito, no qual se sentem no direito de julgar pessoas por serem ou se comportarem de uma maneira que não se encaixa nos padrões estabelecidos?

Será que estamos aqui para funcionar como bonecos feitos em série (todos iguais)?

Se pessoas cis têm que matar um leão por dia, pessoas trans precisam matar 5 ursos e fazer um casaco.

Torna-se bem complicado sobreviver em todas as etapas da vida!

Tudo começa na infância. Não podemos ter os brinquedos que desejamos nem brincar como queremos.

TRANSPARENTE? OU INVISÍVEL?

Sandy Vasconcelos

Voz – Isso não é brinquedo para meninos!

Voz – Meninas não podem soltar raia e nem jogar futebol, senão ficam masculinizadas.

Ainda na infância, há o período da escola. Como somos crianças, não percebemos de maneira nítida as maldades à nossa volta, porque, como vêm de maneira sutil e apoiadas pelos tais padrões estabelecidos socialmente, ficam bem mascaradas pela desculpa de serem apenas brincadeiras, quando, na verdade, vêm das crianças mal educadas por pais tóxicos preconceituosos ou não preparados.

Voz – Sai pra lá, florzinha (veado, bicha etc.).

Voz – Ontem vi um veado/uma bicha na porta de um salão de cabeleireiros kkkk.

Engraçado? Não! Nada engraçado!

Triste, feio e do mal.

Na adolescência, é claro que naquela época nem sabíamos o que era isso; me lembro dessa fase, quando saíamos do quarto ano para o quinto e éramos obrigados a mudar de escola e embarcar em uma nova viagem, novos amigos, novos professores e, claro, novos obstáculos. Enfim, mais uma vez éramos confrontados com a mesma pergunta: será que tem um lugar para nós? Ou vamos continuar transparentes ou invisíveis?

Se, na infância, a maldade vem camuflada de brincadeiras inocentes, na adolescência, além das maldades, vêm as humilhações.

Voz – Meu pai disse que você é macho e fêmea.

Voz – Minha mãe disse que não quer me ver com você.

Peguei uma época dos anos 80 em que a peste gay (HIV) estava dando sua cara! Artistas americanos e brasileiros estavam contaminados ou morrendo desta nova doença, era algo assustador e misterioso, a mídia não sabia muito bem o que falar, a desinformação era tanta que pessoas que morriam contaminadas com o HIV tinham a causa de sua morte noticiada como “insuficiência respiratória”. A TV brasileira, em programas camuflados na calada da noite, como o Comando da Madrugada – que era apresentado pelo Goulart de Andrade e foi o primeiro programa brasileiro a tentar furar a bolha da tal sociedade perfeita –, sempre nos trazia temas polêmicos da época. Médicos diziam que não poderíamos beijar, abraçar e nem ter qualquer contato com pessoas contaminadas com HIV (AIDS); não poderíamos usar o mesmo copo ou prato etc. Foi uma epidemia devastadora e

associada ao mundo gay, num período em que todos considerados diferentes estavam no mesmo saco.

Um prato cheio para a tal sociedade perfeita, que já há muito não nos queria ou não nos aceitava.

Voz – Essa doença de veado é um castigo de Deus contra esses pecadores.

Voz – Está na Bíblia! Deus só fez o homem e a mulher.

Ser alguém diferente nos anos 80 era fogo; tentar se encaixar na tal sociedade perfeita.

Alguém cuja presença já causava desconforto.

De quantos passeios, festas, grupos de estudos fiquei de fora por ser diferente ou julgada diferente, pois ninguém nem sabia o que era uma pessoa trans.

Na verdade, as coisas eram confusas na minha cabeça, imagine para a sociedade.

Porém sempre reagiram com sua pior face; foi praticamente uma caça às bruxas – mas aos diferentes.

Voz – Vai, demônio!

Voz – Você é uma vergonha para a sua família.

Tentar fazer educação física era uma aventura.

Com as meninas, era causar problemas para os professores com os pais.

Não iriam aceitar.

Voz – Vejo ele como uma menina! Mas não é!

Voz – Não quero ver minha filha perto desse perverso.

Com os meninos, maldades e humilhações, e, se tivesse alguém que se atraísse por mim, com certeza iria me bater usando qualquer outra desculpa.

Pois como aceitar ter desejo por outro igual ou tentar compreender esse desejo por alguém que a sociedade considera igual a mim, já que ninguém sabia o que era uma pessoa trans, quanto mais aceitar?

Voz – Esse veado tentou me enganar. Não é uma menina.

Voz – É melhor você não vir mais para a aula de educação física.

Quando conseguia fazer uma pessoa amiga, o que era muito raro, começava uma campanha de maldade para ridicularizar a pessoa e me difamar para ela ou para sua família.

Voz – Você vai ser chamado de veado ou coisa pior.

Voz – Vão dizer que você está comendo.

Por várias vezes chorei muito! Sempre me apegava a Deus para ter forças e respeitar o que sentia ser.

Minha mãe deve ter sofrido muito, pois sempre fomos eu e ela na nossa luta, não tínhamos apoio de lado nenhum.

Nos anos 80, todas as pessoas diferentes eram consideradas homossexuais, independentemente da sua identidade de gênero ou de orientação sexual.

A homossexualidade, ou homossexualismo, era vista e considerada como uma doença.

Lembro de ler nas revistas para jovens nos anos 80, revistas de signos ou correios românticos do João Bidu, artigos falando sobre isso! Que amor, sentimentos e desejos pelos considerados iguais era uma doença.

Período bem confuso.

Foi quando éramos confrontados com conversas bem severas.

Depois de insistir com os nossos pais para nos levarem ao psicólogo/psiquiatra, surgiu o Centro de Valorização da Vida, o famoso CVV, com grandes comerciais na TV com cenas que mostravam pessoas que tinham desistido da vida.

Voz – Você precisa ligar para o CVV.

Voz – O CVV cuida de gente como você.

Não sei como consegui sobreviver. Mas devo ter feito o caminho certo, pois ainda estou aqui.

Foi um caminho custoso e pesado, mas estou aqui. Até os 15 anos, devo confessar que focava coisas que poderiam camuflar a dor e as humilhações.

Fazia dança, teatro, qualquer coisa ligada à arte, queria fazer parte de algo que me aceitasse, e não mais aceitar estar do lado de fora.

Durante muito tempo me perguntado se o que sentia era certo ou errado, evitei lugares, diversões.

Várias vezes dentro da minha ingenuidade e esperança de fazer parte dessa vida que não me queria por perto e que, sem nenhum pudor, me deixava claro que não havia lugar para mim, eu insistia em não ser transparente e nem invisível.

E, sim, eu estava ali.

Levei muitas pedradas para machucar, não dentro de mim, e sim fisicamente.

As pedradas vieram depois de muitas cuspidas e maldades.

Na medida em que eu ia crescendo e ganhando forças, e minha imagem tendo mais passibilidade, a sociedade ia se incomodando ainda mais com minha imagem e com minha presença.

O incômodo nas escolas alcançou o nível do não suportável.

Fui obrigada a começar a estudar à noite, sem saber que era uma fuga, e também não foram anos fáceis.

Meu único porto seguro era minha mãe.

Que não sabia muito bem como lidar quando eu chegava em casa chorando de maneira descontrolada.

Ela, sem perceber, deve ter sofrido muito se perguntando: o que falta?

Minha mãe era empregada doméstica, trabalhou muito, além dos sapos e hu-

milhões que teve que suportar para termos uma vida honesta e digna, e nunca nos faltou nada na medida do possível, mas essa é outra parte da história.

Devo confessar, mais uma vez, que só aguentei por ter muita fé em Deus e ter a mãe que tenho até hoje.

Fora da escola, por não suportar o peso.

Pois até as pessoas que diziam estar do nosso lado, no fundo, nem de longe, tinham consciência do que é a vida de uma pessoa trans.

Voz – Eu não tenho nenhum preconceito com pessoas gays.

Voz – Tudo bem! Mas mulher, quando dá, dá a coisa certa.

E essas são minhas lembranças dos primeiros anos na vida de uma pessoa trans (O Início), que nunca foram fáceis, não são e nunca vão ser, mas é preciso resistir sempre, nos perguntando: pessoas trans são transparentes? Ou invisíveis?

Finalizo aqui me comprometendo a trazer as próximas etapas dessas histórias.

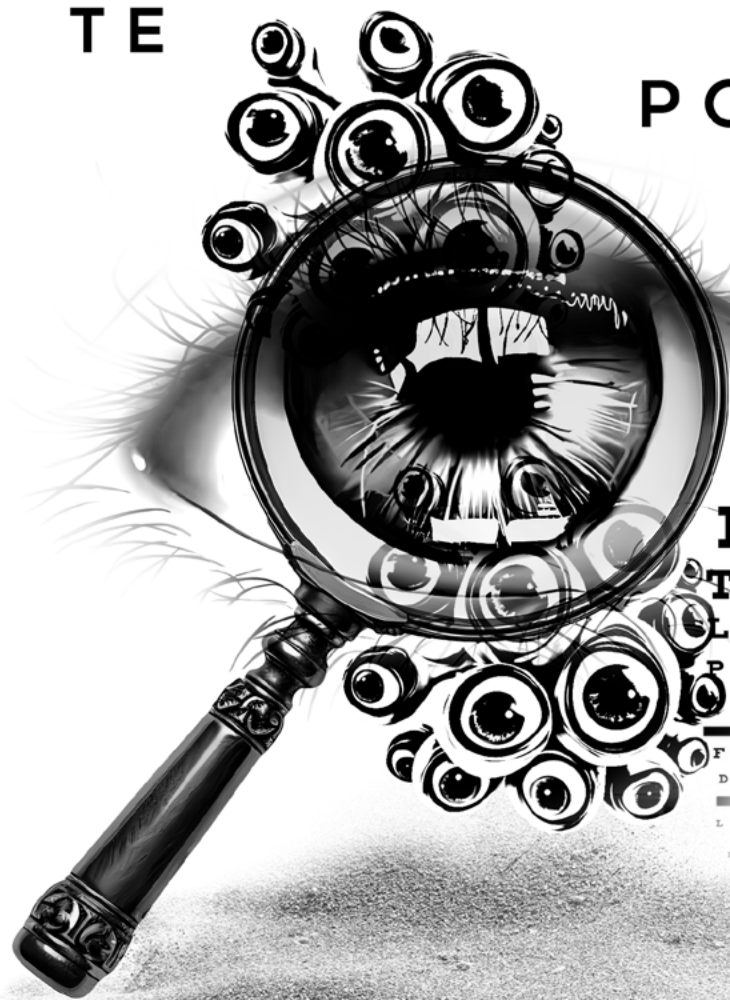
Eu me chamo Sandy Vasconcelos, mulher transexual, hoje, 2024, com 52 anos e feliz, mesmo diante de tantos obstáculos e sofrimentos, uns dias bem, outros nem tanto, mas seguindo a vida.

Pois a vida perfeita que a tal sociedade sempre pregou que seria para poucos infelizmente não existe.

Sejam felizes hoje e sempre! Essa deve ser a nossa grande missão na vida.

L
A U
R E T
T E

A
V I S T A
D E
U M
P O N T O



E
F P
T O Z
L P E D
P E C F D
D F C Z P
F E L O P Z D
D E F F O T E C
L E F F P C T
F E L O P Z D
D E F F O T E C



Laurette, não binária, pansexual, multiartista – ensaia caminhos para vestir o imensurável em palavras tamanho único.

Sobre a gestão da dramaturgia:

Quando se tem a oportunidade de dar corpo a uma voz, a disponibilidade da escuta de outre, a possibilidade de um coração batendo no compasso do que acompanha, sendo tal companhia algo que reverbera dentro de nós, há que se fazer valer a honra. Como organizar, em palavras que não vestem, vi-

vências que dançam nuas, sentimentos transeuntes entre peitos apertados, cabeças sem tampa, corpos diversas afetados por tanto que as atravessa sem antes se apresentar? Nominar sem minar a potência do que se sente. É possível? É necessário? Como horizontalizar as perspectivas? Igualdade, empatia ou presunção?

Com mais dúvidas do que certezas, o processo de transbordar em escrita dessa dramaturgia se fez ensaio de um caminho possível ao encontro de outros, de outros olhares.

E, por falar em caminhada, poucos passos eu daria se Elas+ e essa diversidade não os dessem ao meu lado. Vozes se desenhando, rabiscando, resenhando, arriscando juntas. O risco de falhar na folha, na fala, no teclar com pausas para incertezas, mergulhos, distrações e desconstruções diárias enquanto construíamos juntas uma história feita dos retalhos de tantas outras histórias.

A VISTA DE UM PONTO

Laurette

É imprescindível, visto que as cenas buscam causar inquietações quanto a como se vê o mundo, o uso de recursos como:

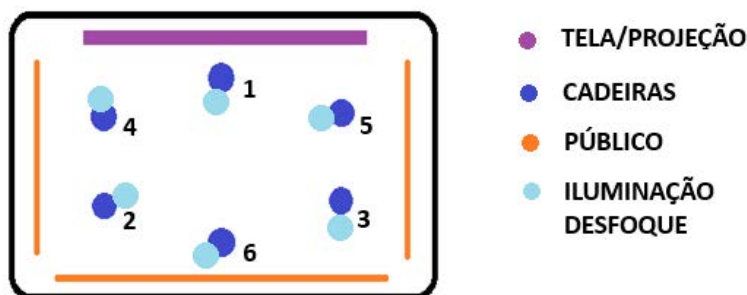
**distorção de qualidade das imagens na projeção;*

**focos de luz “desfocados” nas cadeiras;*

**luzes direcionadas para o rosto do público em alguns momentos, conforme a dramaturgia irá direcionar.*

Cenário:

Seis cadeiras no palco formando um círculo, todas viradas de costas para o centro, projeção em uma das laterais. Cada cena



CENA I – A VISTA DE UM PONTO

Personagem sentada na cadeira número um, de frente para a projeção de um teste Shellen (aqui oscilar com brilho e nitidez da projeção, direcionar luzes para o rosto do público e ir diminuindo

do na medida em que a personagem for falando), enquanto tenta, como pode, enxergar e dizer quais são as vogais e as consoantes expostas, conforme sugere um teste de acuidade visual.

– É. Éééééééfe? Ou é pê? Não, pê é o próximo, né? Isso. Pê, tê, ó... Olha, eu vou deduzir zê, mas passaria facilmente por um dois se eu não tivesse certeza absoluta que nesses testes são só letras. *(pausa)* Quer dizer... São só letras, né? *(pausa)* São só letras. Eu tenho certeza!

Silêncio – enquanto o foco de luz direcionado ao olhar do público volta aos poucos a ficar forte. As letras do teste distorcidas transformam-se em pontos de interrogação que se movimentam pela projeção enquanto se multiplicam até tomarem toda a tela, deixando-a preta.

– Certezas... Certezas... Certezas... Que ousa-
dia arriscar ter certeza quando não se enxerga
um palmo diante do nariz. Quando não se vê
o chão que pisa, quando não se vê aonde vão
os próprios pés, o próximo passo.

*Virando o corpo para o centro do palco, ensaian-
do um passo para a frente. Congela com um dos
pés no ar, tentando manter o equilíbrio.*

– Posso? (*pergunta repetidamente para o pú-
blico enquanto o foco do público aos poucos vai
diminuindo*) Posso? Posso? ...

*Essa é a hora em que a projeção fica toda preta.
Personagem se desequilibra e cai. (breu)
No escuro, a personagem desabafa.*

– Aprendi muito cedo sobre o risco torto das deduções. Cedo demais para ter que ter tantas certezas.

CENA II – VER PRA CRER ATÉ QUE PONTO?

(Cena dos sentidos)

Personagem deitada com a cabeça entre as pernas da cadeira número dois. Vai performando com ela enquanto fala; luz desfocada nela.

– Ouviu? *(som urbano intenso. Caos de cidade grande)* Shiiiiiiu *(pedindo silêncio e chamando atenção para o instante enquanto o som diminui)*. Agora... Agora... o agora, tá ouvindo?

Som de chuva progressiva enquanto acontece

uma chuva suave no público.

– Escuta... Consegue escutar? Há tanto por aí ainda para desaguar... Escuta... Essa tempestade parece caber em um copo? O que mata a tua sede? Escuta? Ao que atenta a sua escuta? Escuta o que se sente? Há riscos de enchente? O que, pra você, é a gota d'água? E se sentíssemos o despencar do que é líquido? Agora... Tá sentindo agora? O agora, tá sentindo?

Sons de ponteiros de relógio; e punhados de areia são colados nas mãos do público.

– Tá escutando passar? Rápido demais? E agora? Como segurar? Você também sente escorrer pelos dedos? E é assim que passa? Tá sentindo passar? Cura mesmo? (*som dos ponteiros,*

que aumentam de velocidade) Será mesmo que estamos atrasados?

CENA III – PONTO DE ÔNIBUS

*Personagem dialoga com a cadeira número três.
Desfoco nela.*

– Bom dia! Tudo bem com a Sra.? *(pausa)* Sabe me informar se passou algum 507? *(pausa)* Aah, passou agora? Poxa, perdi! Não podia me atrasar hoje... Se passar algum ônibus pra Vila Velha, se importa de me avisar? *(pausa)* Não *(risos sem graça)*, eu sei ler, sim, só não enxergo as placas dos ônibus. *(pausa)* É, mesmo com os óculos. É que eu tenho baixa visão, aí os óculos ajudam, mas não resolvem 100%, sabe? *(pausa)* Ah, é miopia que a Sra. tem? *(pausa)* E aí sem óculos não enxerga

nada, né?! *(pausa)* Mas com os óculos dá pra ver direitinho? *(pausa)* Então perfeito! Vou confiar na Sra., tá? *(pausa)* Oi? *(pausa)* Não, não, os óculos são novos, meu grau mesmo... é só que os óculos, por si só, não atendem à minha baixa visão. *(pausa)* É não... é que eu tenho uma deficiência nos dois olhos. O direito tem menos de 20% da visão, e o esquerdo tem menos de 5%. E, devido ao tipo da minha deficiência, os óculos não alcançam a clareza e a nitidez que me dariam uma acuidade visual satisfatória, mesmo. *(pausa)* Sim, sim, já fiz cirurgia, mas o resultado também não foi o esperado...

Personagem aperta os olhos e sugere.

– Tá vindo um ônibus, eu acho... A placa é

com você! (*pausa*) 504? Ah, é o que a Sra. vai pegar? (*pausa*) Não... tudo bem, sem problemas, daqui a pouco chega outra pessoa, ou eu paro todos que vierem... (*risos sem graça*) Uma hora eu acerto. Obrigade! Bom trabalho!

Senta, olha as horas, olha longe, aperta os olhos, aguarda. Olha as horas. Faz uma ligação.

– Amiga, cê tá no terminal? Que ótimo, uns 3 minutos até aqui, né? Tá, vou ficar atenta aqui, mas qualquer coisa você dá sinal quando chegar no meu ponto, por favor? Tá, valeu!

Levanta, ajeita-se, olha as horas, aperta os olhos, aguarda.

– Ah lá... aí vêm dois juntos, colados, só pra

variar... o 501, qual será? *(brincando com o tom aflito)*

Olha as horas, aperta os olhos. Tendo só a dedução como opção, sinaliza para o ônibus da frente parar.

– Boa tarde, motorista! Esse é o 501 ou o 507? *(pausa)* Passa em Vila Vel... *(motorista arranca e sai)* Aah... era o de trás *(vendo o ônibus de trás passar direto)*. *(telefone toca)* Ei, amiga... passou direto, né? *(pausa)* Tudo bem... distraiu com celular... é raro, mas acontece muito. Eu pego o próximo, valeu! É, daqui a no mínimo 40 minutos... Olha, chegou um rapaz aqui, vou pedir ajuda pra ele. *(desliga)*

– Oi... boa tarde, tudo bem? Cê pode me

avisar quando vier um 501, ou um 507, por favor? Desculpa incomodar, é que eu não enxergo as placas... *(pausa)* É, pois é... tenho que fazer novos óculos... *(pausa)* É, sim, óculos velhos, sabe como é... *(pausa)* aham... mesmo apertando a vista, não consigo ver... *(apertando os olhos e aliviada em ver um ônibus)* Ah lá, está vindo um ônibus... é pra Vila Velha? 503? Não, dá muita volta... certamente vem um 507 logo mais. *(pausa)* Tá, valeu aí... Vai lá, obrigado.

Enquanto isso, uma moça que chegou ao ponto se pronuncia dizendo que vai pegar o 507 e que ele passa em 15 minutos.

– 15 minutos? Putz, eu não podia ter perdido o que passou antes! Eu vou chegar atrasade

outra vez... Você vai pegar o 507 também?
(pergunta preocupade, e completa, depois da resposta positiva, tentando simpatia) Ah, que bom. *(pausa)* Oi? Não... É que meus óculos não atendem à minha baixa visão. *(pausa)* Sim, tenho nos dois olhos. *(pausa)* É, nem parece, né? Todo mundo fala, inclusive os motoristas dos ônibus. *(pausa)* Sim... *(fadigade)* já fiz cirurgia, mas... *(breu)*

CENA IV – PELO CAPITAL, SEJA PONTUAL

Personagem na quarta cadeira, sentade. O foco desfocado acende quando o personagem fala e apaga quando as portas se fecham.

– Desculpa o atraso! *(som de porta fechando/batendo)* Claro que eu preciso desse empre-

go... (*som de porta fechando/batendo*) Eu me sinto apta a exercer essa função, só preciso que vocês imprimam isso um pouco maior... (*som de porta fechando/batendo*) Mas é que a vaga é PCD, vocês que tinham que se adaptar... (*som de porta fechando/batendo. Breu*) É que sonhar com o amanhã, às vezes, me parece privilégio de quem tem visão a longo alcance.

Sobe na cadeira e, de pé sobre ela, com o surgir da luz desfocada, grita.

– NÃO HÁ TERRA À VISTA! (*continua em um tom esperançoso*) Mas navegar é preciso. Podemos apreciar o caminho? Quem é que sabe ao certo aonde vamos chegar? Não há certezas, não há como prever. Não vemos o que tem lá. É preciso ter fé na supervisão interior para fazer valer o passo. Crer para ser

no presente. De repente, a um palmo do nariz, nada é seguro. Antes que eu consiga focar o amanhã, outro hoje se esvai. O que há de tão valioso fora? Que brilha aos olhos a ponto de cegar a fé no que há dentro? *(luz forte no resto do público enquanto a personagem desce da cadeira como quem volta para a realidade)* Desculpa o atraso! É que esse tempo me parece raso. E tentar se/te/me explicar é se perder nas horas. E nos mundos que a gente inventa, cada qual com suas vendas nos olhos. Certezas cegas, óculos de egos e suas armações, armadilhas, amarrações, muitas reações, razões e redes viciantes, virtuais, teias que desvirtuam a abrangência que pode ser viver a desilusão de tentar se enxergar, e perceber o quão singular é o jeito como cada ser consegue ver, na pluralidade do seu próprio impulso de viver. Quais as possibilidades de estar a sua visão al-

cança? *(tira a luz dos olhos da plateia. Breu)*

CENA V – UM PONTO SEM VISTA

Personagem na quinta cadeira. Performa com ela conforme a fala dada, na luz desfocada.

Som de chuva e carros passando em uma estrada molhada.

– Desisti do abrigo da calçada incerta. Porque a insegurança da rua sugere um plano que não vejo, mas preciso confiar. A chuva é passageira, eu sei, mas nunca é uma opção parar e esperar. Todes correm como dá. Todes temem o atraso. E quem não vê o chão que tem, pisa em todas as poças. É incrível o estrago que o raso faz. Bem como as goteiras escrotas, mais sujas e mais grossas que as outras... Vindas das marquises que fingem proteger o caminhar a

meio-fio. Onde tudo é irregular, certo mesmo é o tropeçar. Cair no choro. Só mais algumas gotas. Aperto os olhos, bem como os passos. Eu só quero chegar. Mesmo assim, sem enxergar nada além das tantas luzes artificiais espalhadas. Parece eterna essa estrada embaçada e molhada e não há lugar seguro para caminhar, tampouco correr... Assim, sem ver, sempre só sentindo na pele a chuva caindo com a mesma pressa do carro, que podia só ter buzinado antes que fosse tarde demais. Mas ele também estava atrasado. Chego em algum lugar, como quem cruza a linha de chegada. Depois de uma maratona, com a alma gelada. Encerrando a prece, me desfazendo de mais uma roupa rasgada em atrito com o chão que não foi feito para toda forma do direito básico de ir e vir. Quem sabe amanhã a noite seja enluarada? A meu ver, são muitas as luas que

podem iluminar uma caminhada... (*breu/projeção de luas desfocadas*)

CENA VI – CONTRAPONTO

Personagem sentade na sexta cadeira, lendo um dicionário bem perto dos olhos.

– Ponto de vista, substantivo masculino. Lugar onde fica o observador, ou quem pretende ver. (*levanta e começa a conversar com o público*) Tá todo mundo vendo bem daí? Qual é, deem o seu melhor... Apertem os olhos, a mente, se apertem para caber... (*irônica*)

Deve haver um jeito de empatar os pontos, não? Uma só verdade. Uma máxima absoluta. Uma certeza que sirva a todas as mesas. Não? (*volta para o dicionário*) Ponto de vista; figurado. Modo como se concebe ou se analisa uma

situação específica. Perspectiva. O que rege as escolhas com O PESO DO DESTINO. (*som de martelo como em um tribunal. breu*)

CENA VII – PONTO-FINAL

Breu total – abre novamente a projeção da tabela de teste de acuidade visual, agora com imagens embaçadas e distorcidas, simulando as diversas formas que pessoas com baixa visão veem o mundo.

– Esse ou esse? (*ao som do “tec tec” que muda as imagens, cada vez mais rápido. A cada pergunta, muda-se de imagem*) Esse ou esse? Esse ou esse? Esse ou esse? Esse aqui, ou esse é melhor? Esse? Ou o de antes? Ou o que veio depois? Ou esse? (*na projeção, as imagens agora são sinais de pontuação, como vírgula, asteris-*

cos, reticências e, por último, um ponto-final, imitando o formato da imagem da lua cheia. O ponto vai aumentando, tomando a tela até tudo ficar breu)

FIM

Este livro foi composto na primavera de 2024,
na tipografia *Adobe Caslon Pro*, de William Caslon, corpo 11/17.



Realização:



Realizado com recursos do

Funcultura

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura

